

Cibercultura e ocupações no vazio moderno em Brasília



Mestrando: Octávio dos Santos Sousa

Orientadora: Professora Doutora Luciana Sabóia Fonseca Cruz

Cibercultura ocupações no vazio moderno em Brasília

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Essa pesquisa foi desenvolvida com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Mestrando: Octávio dos Santos Sousa

Orientadora: Professora Doutora Luciana Sabóia Fonseca Cruz

Brasília, julho de 2015.

Cibercultura ocupações no vazio moderno em Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Banca examinadora (exame de defesa de dissertação)

Orientadora

Professora Doutora Luciana Sabóia Fonseca Cruz, FAU/UnB

Membros

Professora Doutora Julieta Maria de Vasconcelos Leite, CAC/UFPE

Professor Doutor Miguel Gally de Andrade, FAU/UnB

Professor Doutor Reinaldo Guedes Machado, FAU/UnB

Para Mohamed Bouazizi

Agradecimentos

Agradeço de modo especial aos meus familiares que me apoiam desde muito tempo na superação de desafios com carinho e atenção.

À minha orientadora Luciana Saboia, pela paciência, dedicação e pelas ricas contribuições no desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos professores, colegas e servidores do Programa de pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, pelo suporte e valiosas sugestões, e também aos professores Neusa Cavalcante, Eliel Américo e Márcia Troncoso pelo constante apoio.

Um agradecimento especial à Márcia Sousa, pela leitura e revisão do texto.

Por fim gostaria de agradecer a Filipe Gomes, Rodrigo Vilela e todas as pessoas do Furacão, que direta ou indiretamente contribuíram com ideias, opiniões ou mesmo com sua presença durante esse período.

Resumo

Nas últimas décadas houve uma intensificação dos meios de comunicação, em especial com o uso massificado da rede mundial de computadores, gerando um fenômeno que pode ser denominado cibercultura. No mesmo período, sobretudo nos últimos anos tem sido possível observar diversas ocupações da rua com finalidades políticas ou de lazer, que em coexistência com a cibercultura, apresentam características novas quando comparadas a apropriações já consolidadas ao longo da história. Esses eventos abrem uma nova perspectiva sobre a questão apropriação e da sociabilidade no espaço público urbano. No caso específico do Plano Piloto de Brasília, que foi prefigurado e configurado a partir de premissas do urbanismo moderno, com segregação funcional e grandes vazios planejados, a ocupação e apropriação desses espaços pela população evidencia novos modos de interação com o espaço da cidade moderna. Este trabalho aborda questões gerais sobre a cibercultura e as relações de apropriação social no Plano Piloto de Brasília por meio das análises de fenômenos.

Palavras-chave: Cibercultura, urbanismo moderno, apropriação social, vazio moderno, Brasília.

Abstract

In recent decades there has been an intensification of the means of communication, especially with the massive use of the World Wide Web, generating a phenomenon that can be called cyberculture. In the same period, especially in recent years it has been possible to observe several street occupations for political purposes or for pleasure, which in coexistence with cyberculture, introduces new features when compared to appropriations already consolidated throughout history. These events opened a new perspective on the issue of appropriation and sociability in urban public space. In the specific case of the Brasilia Pilot Plan, which was foreshadowed and configured from the premises of modernist urbanism, functional segregation and large planned voids, the occupation and appropriation of these spaces by the population shows new ways of interacting with the space of the modernist city. This work deals with general questions about cyberculture and the relations of social ownership in the Brasilia Pilot Plan through the phenomena analysis.

Keywords: Cyberculture, modernist urbanism, public engagement, modern void, Brasília.

Terça-feira, noite. Praça Tahrir no Cairo. 2011.

Milhares de pessoas, principalmente jovens, ignoram o toque de recolher imposto pelo governo e permanecem na Praça Tahrir como forma de protesto contra a ditadura do presidente Hosni Mubarak, que há 30 anos controla o país. Essa manifestação faz parte de um conjunto de levantes populares em diversos países do Oriente Médio, e têm como característica a ocupação pacífica de espaços simbólicos.

Apesar do esforço dos governos ditatoriais em controlar o acesso à informação, censurando a Internet e outros meios de comunicação, os movimentos da chamada “Primavera Árabe” contaminaram todo o mundo, resultando em ações como o *Occupy Wall Street* e diversas ocupações de espaços públicos pelo planeta. Embora o contexto norte-americano e egípcio sejam bem diferentes, nos dois casos há uma grande insatisfação por parte da população com as instituições, incluído o governo, e mesmo com a noção de democracia. No sítio *occupywallst.org*, o movimento é descrito como, “sem liderança”, e formado pelas pessoas “que não vão mais tolerar a ganância e a corrupção de 1%” (referindo-se ao 1% mais rico da população). As decisões nas ocupações eram feitas em grandes assembleias, em que muitas vezes os encaminhamentos precisavam do consenso para serem aprovados. Em comum todos esses movimentos tem a rejeição às táticas violentas e a articulação e ampla divulgação por meio das redes sociais. No Egito, em dias agitados de revolta popular, a Internet do país foi derrubada, como tentativa de esvaziar as ruas.

Domingo, início de tarde. Elevado Arthur da Costa e Silva em São Paulo, 2012.

Cerca de duas mil pessoas ocupam a via elevada dos anos 70 para realizar uma grande festa junina. A obra de engenharia que até hoje gera grande discussão sobre sua manutenção ou demolição é também um símbolo do desgaste da região central de São Paulo, e a iniciativa de ocupação desse espaço faz parte de uma série de ações promovidas por coletivos independentes que buscam revalorizar o centro.

O Arraial do Minhocão não tem fomento do governo e foi realizado apenas com dinheiro de doações. Foram feitas parcerias com vendedores ambulantes e com artistas locais para a produção, e no lugar de barraquinhas com comidas típicas, a proposta era um piquenique sobre grama sintética. Todo o trabalho de organização é voluntário e a idealização é uma das ações do coletivo horizontal *Baixo Centro*, que em seu sítio se define como: *“Um movimento de ocupação civil que pretende fissurar, hackear e disputar as ruas. Todos os passos da produção são feitos de forma associativa, aberta e livre. Não há ninguém por trás: empresas, ONGs, governo. O financiamento também é coletivo e associativo, via crowdfunding e outras formas independentes de arrecadação (leilão, rifa, doações)”*. Esse caráter horizontal e associativo está presente em milhares de coletivos pelo país com a mesma intenção de “disputar as ruas”, além de utilizar a Internet para difusão dos seus projetos.

Sexta feira, fim de tarde. Praça em frente a um shopping center em Brasília, 2007.

Cerca de duzentos jovens com idade entre 15 e 20 anos divididos em pequenos grupos conversam e riem. A maioria utiliza roupas pretas e usam maquiagem. Os cabelos são em geral alisados, em um corte que deixa uma franja sobre o rosto e em alguns casos há tintura nos cabelos. Não há uma liderança geral, nem parece haver um objetivo além de interagir com outras pessoas ocupando o espaço público.

Semanalmente ocorriam os encontros desses jovens, com presença marcante de *roqueiros*, *skatistas* e homossexuais. Muitos dos presentes não se conhecem, mas participam de comunidades virtuais em comum. A popularização da Internet possibilitou o encontro de diversos grupos que se organizaram virtualmente e em seguida passaram a se reunir em lugares públicos. O Shopping Pátio Brasil, onde ocorria esse encontro, está localizado no Setor Comercial Sul de Brasília, um dos pontos de maior movimentação de pessoas na cidade. Mais de 40 linhas de ônibus provenientes de todas as partes da cidade passam em frente ao Pátio Brasil, ademais há proximidade com uma grande estação de metrô, o que facilita o deslocamento até o local. O shopping também está localizado próximo ao Parque da Cidade, para onde a maioria dos participantes se desloca depois do escurecer, continuando o encontro em uma espécie de festa.

Sumário

Introdução	19
primeiro_capítulo	37
conexões e vazios	37
1.1 Tecnologia, comunicação e espaço público	38
1.2 Esvaziamento do espaço público	41
1.3 Reconfiguração do vazio: o vazio potencial	45
segundo_capítulo	53
Brasília: narrativas de configuração	53
2.1 Espaço público e tecnologia: da Revolução Industrial à Carta de Atenas	54
2.2 Plano de Lúcio Costa: Projeto e Crítica	70
2.3 Apropriação e ocupação em Brasília.	84
terceiro_capítulo	97
rackeando a cidade	97
3.1 Sarau da passagem	99
3.2 Jam do Museu	119
3.3 Marcha do Vinagre	133

Considerações Finais	144
Lista de Ilustrações	150
Bibliografia	154
Anexos	170
Junho 2013	171
Fichas	194

Introdução

O processo de desenvolvimento tecnológico que teve impulso na revolução Industrial entre os séculos XVIII e XIX resultou em profundas transformações sociais cujos desdobramentos alcançaram a contemporaneidade. Nos interessa observar em especial dois fenômenos contemporâneos paralelos, que podem ter sua origem associadas a esse processo: o primeiro é o surgimento de novos meios de comunicação, que ao longo do tempo permitiram uma interação social cada vez mais mediada e que hoje permite uma interconexão em escala global. O segundo fenômeno é a mudança no modo de apropriação do espaço público das cidades. Esses dois fenômenos são amplamente estudados e compreender as relações entre eles são a base do problema que esse trabalho pretende apresentar.

É possível observar muitas mudanças no modo de vida que direta ou indiretamente se relacionam com o processo de informatização. A internet, surgida na década de 70, se expandiu de modo significativo nas décadas seguintes e segundo relatório da ONU, em 2014 havia no planeta quase três bilhões de pessoas com acesso à internet.¹ Além ampliação da conexão de internet nas casas, o uso de smartphones fez com que bilhões de pessoas pelo mundo passem quase o tempo todo conectadas.

A aceleração dos processos tecnológicos ligados à informatização, gerou o fenômeno definido por Pierre Levy como cibercultura. Esta é o “conjunto de técnicas (materiais e

¹Disponível em: <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2014/MIS2014_without_Annex_4.pdf>. Acessado em 29 de maio de 2015.

intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço.” (LEVY, 1999) Ainda para Levy, o ciberespaço é definido como:

“O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da intercomunicação mundial de computadores, o termo designa não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 1999)

Esses dois fenômenos descritos por Levy abarcam uma enorme quantidade de conteúdo e interfaces. O ciberespaço embora exista apenas enquanto simulacro, já faz parte do cotidiano. É possível ter relacionamentos, fazer compras, visitar museus, participar de eventos, ver qualquer parte do mundo e realizar diversas outras ações a partir de uma experiência completamente diferente no quesito da interação corpo-espaço com o uso da internet. Embora não seja ainda possível vivenciar o ciberespaço com o corpo, os grandes meios de comunicação via satélite potencializam os espaços, e permitem que estes sejam ampliados de forma exponencial. Um fato qualquer transmitido pela internet ou pela televisão pode ser acompanhado por bilhões de pessoas, que de diferentes lugares do planeta vivenciam uma fração daquele evento. É como se o mundo inteiro coubesse em uma praça.

O modo como as redes de comunicação se desenvolvem guarda relação com o espaço material, o que fez com que os estudiosos se interessassem pela relação entre esses dois espaços. Para William Mitchell, por exemplo, o surgimento do ‘espaço cibernético’ poderia

em grande medida substituir o espaço material como o conhecemos para propiciar a interação social de um modo ainda não explorado. O trabalho de Mitchell por sua linguagem clara e pioneirismo vai influenciar diversos pesquisadores da relação entre tecnologia e espaço urbano. Para ele é como se a cidade dos bits fosse a forma de reencontro do homem com o espaço público, no sentido da dimensão política desse espaço. O autor utiliza o termo 'ágora eletrônica' (MITCHELL, 1997), para designar o potencial do ciberespaço de se tornar um lugar de expressão da democracia.

Enquanto na década de 60 e nas décadas seguintes as novas redes de comunicação se tornam uma realidade cada vez mais tangível, com cada vez mais pessoas interconectadas, no plano do espaço público é observado um esvaziamento. Richard Sennett em 1974 analisa um período histórico desde o século XVIII e problematiza a questão do deslocamento das relações de sociabilidade do espaço público para o espaço privado. Sennett aponta os resultados do esvaziamento da vida pública: a personalização da política e a fragmentação da sociedade em pequenos grupos de interesses. Esse deslocamento da vida pública gera um esvaziamento no sentido político do espaço público, que é o lócus do desenvolvimento da política, como observa Hannah Arendt². Para a autora, essa crise do espaço público se configura como um resultado da modernidade.

Para além do esvaziamento de sentido, o processo da modernidade resulta em transformações físicas no espaço da cidade. Com o tempo a escala da cidade foi se transformando e também as relações de fluxos e permanências no espaço urbano. Entre

² ARENDT, Hannah. O que é política. Tradução Reinaldo Guarany. 3º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002

meados do século XIX e início do século XX há intenso debate no campo do urbanismo sobre como deve ser a cidade. Em 1933, o IV CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) produziu a partir das suas discussões a Carta de Atenas, que foi publicada por Le Corbusier em 1941. Esse texto reúne as principais premissas do projeto moderno e propõe o planejamento da cidade a partir de 4 funções principais: habitar, trabalhar, recrear-se e circular. A cidade defendida pela Carta de Atenas traz mudanças significativas com relação à cidade tradicional. A rua corredor é substituída por vias que separam os fluxos de veículos e pedestres e a forma urbana é estruturada a partir de amplos vazios planejados. Autores do urbanismo, como Jane Jacobs, criticam o modelo de cidade produzido pelo movimento moderno de ter acabado com os espaços públicos existentes nas cidades tradicionais para criar grandes espaços sem vida pública.

Ao passo em que o espaço público produzido pelo movimento moderno é apontado como estéril para o desenvolvimento da dimensão política, a questão que se coloca com o desenvolvimento das novas redes de comunicação é o receio que o ciberespaço produza um agravamento da individualização e do esvaziamento do espaço público na cidade contemporânea. A cibercultura, que se mostra também como um reflexo da revolução tecnológica é vista, no primeiro momento, por um lado como a esperança de reencontro com o espaço público, e de outro lado como um sinal de que o espaço público teria perdido para sempre sua finalidade, e que mesmo conectados os homens viveriam no isolamento.

Recentemente, três eventos políticos que repercutiram por todo o mundo, tem nos forçado a repensar o papel da internet e do espaço público. O primeiro deles foi a chamada Primavera Árabe, uma onda de protestos em diversos países do oriente médio e norte da África que

derrubou ditaduras e impôs transformações políticas. O segundo evento foi o movimento Occupy Wall Street em que, inspirados na ocupação da praça Tahir no Egito, manifestantes resolveram ocupar e permanecer no Zuccotti Park, região que é o coração financeiro de Manhattan. Esse movimento, que questionava o capitalismo financeiro inspirou ocupações em diversas partes do mundo. O terceiro e mais recente dos eventos foi o conjunto de grandes manifestações no Brasil em junho de 2013. Os protestos que iniciaram como reação contra o aumento das tarifas de transporte público se transformaram em plataformas de discussão sobre grandes problemas políticos do país. Em comum, além da grande repercussão, o uso do espaço público como estratégia de ação e o uso da internet para organização e difusão do protesto.

Para além das ocupações do espaço público com uma finalidade política explícita, diversos outros movimentos ao redor do mundo têm buscado se apropriar do espaço da rua. Em 2012 foi realizado em São Paulo o Arraial do Minhocão, uma festa junina sobre a via elevada. Para a organização, o Coletivo Baixo Centro utilizou o Facebook e promoveu captação de recursos via crowdfunding³. Essa interação mais estreita entre a ocupação do espaço público e as novas redes de comunicação constituem um amplo campo de estudo e permitem novos olhares também sobre os espaços pensados a partir da lógica do desenvolvimento tecnológico e do urbanismo moderno.

³ Palavra de origem inglesa para designar o financiamento feito por diversos colaboradores independentes de projetos culturais, artísticos, políticos, tecnológicos entre outras finalidades. Há



Figura 1. Praça Tahrir no Egito durante ocupação da Primavera Árabe

Um dos mais completos exemplares de cidade prefigurada a partir das recomendações de Carta de Atenas é Brasília, projeto de Lúcio Costa em 1957 para o concurso da Nova Capital do Brasil. O Plano Piloto de Lucio Costa ainda incorpora outros elementos que estavam presentes na discussão urbanística da primeira metade do século XX, como as unidades de vizinhança, baixas densidades, e grandes áreas verdes.

A proposta de Lucio Costa parte da ideia de cruzamento de dois eixos principais e a articulação desses eixos com o terreno. No eixo norte-sul da “cruz” proposta por Costa são alocadas as funções próprias da vida cotidiana de uma cidade, como as habitações, o comércio “de rua” e os equipamentos. No outro eixo, chamado de monumental, se organizam as funções políticas e simbólicas próprias de uma cidade capital. A oeste do terminal rodoviário, que é o centro do plano, ficam a torre de TV e os setores hoteleiro, esportivo e a praça municipal. A leste ficam os setores culturais, a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes da República.

O projeto de Brasília tem sua forma estruturada a partir dos grandes vazios planejados, que tem como finalidade proporcionar espaços mais bucólicos ou mais monumentais, dependendo de onde estão localizados no plano. A crítica sobre esses espaços em geral se baseia na comparação com os aspectos morfológicos da cidade tradicional. O livro *Morte e Vida das Grandes Cidades*, de Jane Jacobs, embora tenha sido escrito como uma análise dos efeitos do planejamento urbano em cidades americanas, a crítica da autora aos grandes espaços vazios, ausência de continuidade das calçadas e à setorização, por exemplo, serviram como base para a crítica à Brasília.

Outro importante texto de crítica ao urbanismo moderno é o trabalho desenvolvido por James Holston⁴ sobre Brasília. No livro Holston apresenta críticas a Brasília a partir de um viés

⁴ HOLSTON, James. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

antropológico e observa a ausência de vida pública na cidade, o que para ele é resultado da configuração urbana que elimina o espaço público tradicional.

O que falta é a vida pública ao ar livre na cidade, uma esfera pública de encontros baseada em movimento, conversa, brincadeira, ritual, ostentação, assim como reunião política. Não há mais dimensões significativas da vida cívica para os que passaram a viver em Brasília. O centro da cidade onde a praça deveria ficar está vazio de qualquer outra coisa além de encontros instrumentais. [...] a vida social oscila, sem salvação, entre a casa e o trabalho. (HOLSTON, 1993)

O trabalho de Holston ajudou a cristalizar um imaginário sobre o Plano Piloto como um lugar de relações frias e pouca sociabilidade. O autor atribui à ausência de ruas e esquinas esse suposto fenômeno. O livro ainda coloca que o desenvolvimento das relações sociais em Brasília ocorre em espaços fechados como clubes e shoppings. De fato, os grandes espaços vazios do Plano Piloto dão a impressão com um olhar superficial de uma cidade com baixa ou nenhuma vida pública. Contudo, apesar de todo o cenário aparentemente desfavorável com relação à ocupação dos espaços públicos no Plano Piloto de Brasília, tem sido possível observar fenômenos urbanos muito semelhantes aos que ocorrem em outras cidades contemporâneas com configuração morfológica distinta.

Em Brasília não é difícil ver eventos que se apropriam do espaço público para o lazer, ou manifestação de cunho político articulados a partir das redes sociais. Exemplos desses fenômenos são a Jam do Museu, evento de dança de rua que começou a ser realizado ao

redor do Museu Nacional e a partir de um evento no Facebook passou a ser frequentado por um grande público sem envolvimento direto com a dança. Outro caso é o Sarau da Passagem, em que jovens organizaram e divulgaram pela internet uma festa com declamações de poesias em uma das passagens de pedestre sob o Eixo Rodoviário do Plano Piloto. Além desses eventos, flash mobs, happenings e piqueniques tem sido acontecimentos frequentes do cotidiano da cidade.



Figura 2. Sarau da passagem na Asa Norte em Brasília

É intenção dessa pesquisa observar e analisar as recentes ocupações de rua em Brasília que tem seu surgimento ancorado no ciberespaço. De que forma o espaço público tem abrigado novas formas de sociabilidade que tem a Internet como pano de fundo? Como é a relação entre o espaço de uma cidade baseada na carta de Atenas e os fenômenos de ocupação do espaço público? Qual papel os vazios planejados de Brasília desempenham na relação entre a cibercultura e a apropriação do espaço público?

Estrutura do trabalho

Para analisar essas questões a dissertação foi estruturada em três capítulos. Os dois primeiros apresentam um panorama teórico, crítico e histórico sobre o problema. A intenção desses capítulos iniciais é reconstituir de que modo a cibercultura e o espaço público moderno chegaram até o presente momento histórico à luz da literatura. Enquanto o terceiro capítulo apresenta estudos de caso sobre apropriações em Brasília que se relacionam com a cibercultura.

O primeiro capítulo parte da discussão sobre o crescimento acelerado as novas tecnologias de comunicação, produzindo uma rede complexa que constitui um verdadeiro espaço de experiências e trocas. Cada vez mais o ciberespaço impacta o modo de vida e produz interfaces com a apropriação do espaço material. As noções de tempo e espaço são alteradas com a velocidade dos fluxos de informações. Ao mesmo tempo, a estrutura da rede permite em grande medida uma democratização na produção e no acesso a informações. Embora hoje grande parte do conteúdo da internet esteja de alguma forma atrelado a poucos atores que detém o controle sobre a rede, podemos observar que os veículos de mídia tradicionais já não detem o monopólio da produção de informação. Esse fato faz com que

alguns teóricos analisem as redes de comunicação como um novo espaço de construção política.

Paralelo a esse avanço da cibercultura, o que tem sido observado pela literatura no mesmo período, a partir da década de 60, é um movimento de esvaziamento do sentido político do espaço público. Esse esvaziamento estaria ligado ao deslocamento da vida pública para os espaços privados como aponta Sennett, ou ainda seria um reflexo próprio da modernidade, como observa Hannah Arendt. O processo de individualização presente no pensamento moderno teria conduzido a política para o personalismo e tornado o espaço público, que antes se configurava como espaço de troca social em um lugar inócuo. Ao mesmo tempo, o espaço público pensado a partir das premissas do movimento moderno é considerado como um dos fatores de enfraquecimento da vida pública. Os grandes vazios planejados do urbanismo moderno são considerados por autores como Jane Jacobs como estéreis para o desenvolvimento das relações de sociabilidade. Com as relações cada vez mais mediadas pela tecnologia o temor que se cria é de que a cibercultura agrave a individualização e o esvaziamento do espaço público.

Tem sido possível observar na contemporaneidade ocupações e apropriações do espaço público que se relacionam com a cibercultura. As novas tecnologias de comunicação têm aparentemente desempenhado um importante papel na construção de movimentos que vão desde grandes manifestações políticas a pequenos happenings no espaço público. O primeiro capítulo se encerra com as reflexões teóricas que problematizam a questão do espaço vazio e do reencontro com a dimensão política do espaço público. As contribuições

partem da ideia de habitar de Heidegger⁵, para quem ser é em si um habitar, e as contribuições posteriores de Hannah Arendt e Paul Ricoeur, e seus debates sobre a ação e a narrativa respectivamente. Contribuem com a discussão ainda o trabalho de Ignasi de Sola Morales⁶, em que ele se dedica a analisar a questão dos espaços vazios, e o texto de Luciana Saboia⁷ que apresenta uma reflexão sobre o papel dos vazios planejados em Brasília.

O segundo capítulo tem um viés histórico e crítico sobre a construção do espaço público moderno, com olhar voltado aos fatos que influenciaram de forma direta ou indireta no projeto de Brasília. A primeira parte do capítulo analisa os efeitos das transformações tecnológicas e nos meios de comunicação no século XIX e início do século XX no espaço das cidades. A revolução industrial marca um período de profundas transformações sociais que produzem mudanças tanto na relação de apropriação do espaço público como na sua estrutura física. O pensamento urbanístico desenvolve um conjunto de modelos que no início do século XX servem de base para o desenvolvimento de um documento sobre como deveria ser a cidade moderna. O texto em questão ficou conhecido como Carta de Atenas, e foi resultado das discussões promovidas no âmbito do IV CIAM.

A Carta de Atenas apresenta forte influência do pensamento de Le Corbusier, urbanista franco-suíço que era um grande entusiasta das novas tecnologias de seu tempo, como o automóvel, os aviões e os transatlânticos. Isso faz com que a cidade defendida pela Carta

⁵ Pensar, habitar, construir. In HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. 2^a. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁶ Terrain vague. In SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Territórios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

⁷ SABOIA, Luciana. Brasília and the modernist void: the central bus station and the struggle for cultural recognition (Ph.D. thesis). Louvain-la-Neuve: Université Catholique de Louvain, 2009

de Atenas seja pensada para a escala e a velocidade da máquina. Além disso, a Carta de Atenas propõe a cidade organizada a partir de quatro funções principais (habitar, trabalhar, recrear-se e circular), e uma estrutura urbana não mais baseada no quarteirão, mas composta de amplos vazios planejados. A rua também deixa de existir na cidade moderna, sendo substituída por vias segregadas para o fluxo de veículos e pedestres. O resultado dessas propostas é um espaço com diferenças significativas de apreensão com relação à cidade tradicional.

O exemplar mais completo da aplicação das premissas da Carta de Atenas é o Plano Piloto de Brasília, projeto de Lúcio Costa de 1957 para o concurso da Nova Capital do Brasil. A proposta de Costa busca sintetizar os paradigmas do urbanismo moderno para resolver ao mesmo tempo a necessidade de criar uma cidade nova, e de pensar espaços que expressassem o sentido de uma cidade capital. A estratégia de projeto do urbanista é o um partido cruciforme, em que um dos eixos, da vida cotidiana, é arqueado para se adaptar ao terreno e o outro, da vida cívica, cria terraplenos para reforçar o sentido de monumentalidade. O vazio é pensado no projeto como estruturador da forma urbana e como elemento de distinção entre o caráter desejado para cada espaço, desde o mais bucólico ao mais monumental. A cidade construída apresenta uma série de diferenças com relação a proposta de Lúcio Costa, contudo a essência do projeto é mantida.

A crítica ao urbanismo moderno em Brasília aponta a ruptura com a forma tradicional de cidade como uma tentativa de esvaziamento da vida pública. Para James Holston em sua análise crítica da cidade, as relações de sociabilidade em Brasília só se desenvolvem em

espaços privados e o espaço público jamais conhecerá a multidão. Analisamos o Plano Piloto na contemporaneidade para observar de que forma ocorre a apropriação do espaço.

O terceiro capítulo reúne os estudos de caso desenvolvidos ao longo da pesquisa. O primeiro deles analisa a utilização dos espaços de passagens subterrâneas para a realização de happenings como o Sarau da Passagem. O segundo estudo de caso se dedica à ocupação promovida no vazio planejado do Conjunto Cultural da República pelo Coletivo Gambiarra, nas Jam's do Museu. Por fim, analisaremos a Marcha do Vinagre, ocorrida no contexto das grandes manifestações de junho de 2013 no Brasil.

A metodologia adotada inicia com catalogação de eventos produzidos a partir das redes sociais. O recorte espacial definido é o Plano Piloto de Brasília e foram estabelecidas categorias de análise que se ligam à configuração espacial da cidade. Inicialmente foram separados dez eventos que atendiam às características desejadas para a pesquisa, a saber, a relação com a cibercultura, organização recente e inserção no corte espacial. Foram catalogados dez eventos: Marcha do Vinagre, Jam do Museu, No Pants, Guerra de Tintas, Marcha das Vadias, Zombie Walk, Sarau da Passagem, Forró de Vitrola e Picnik no Calçadão⁸.

Os eventos selecionados foram classificados em três categorias conforme sua relação com o espaço da cidade: Eventos em áreas da escala residencial ou da escala bucólica foram definidos com a etiqueta de “cotidiano”. Os eventos que ocupam a área central, onde predomina a escala gregária receberam a etiqueta do “encontro” e os eventos que foram

⁸ As fichas dos eventos foram inseridas nos anexos do trabalho.

realizados na parte monumental da cidade receberam a tag de “*monumentalidade*”. Foi interessante observar que há certa coerência entre o tipo de evento e o espaço escolhido para a realização. Enquanto eventos com repercussão mais local escolhem espaços quase do bairro, os grandes eventos que se voltam para uma coletividade maior ocupam os vazios monumentais.

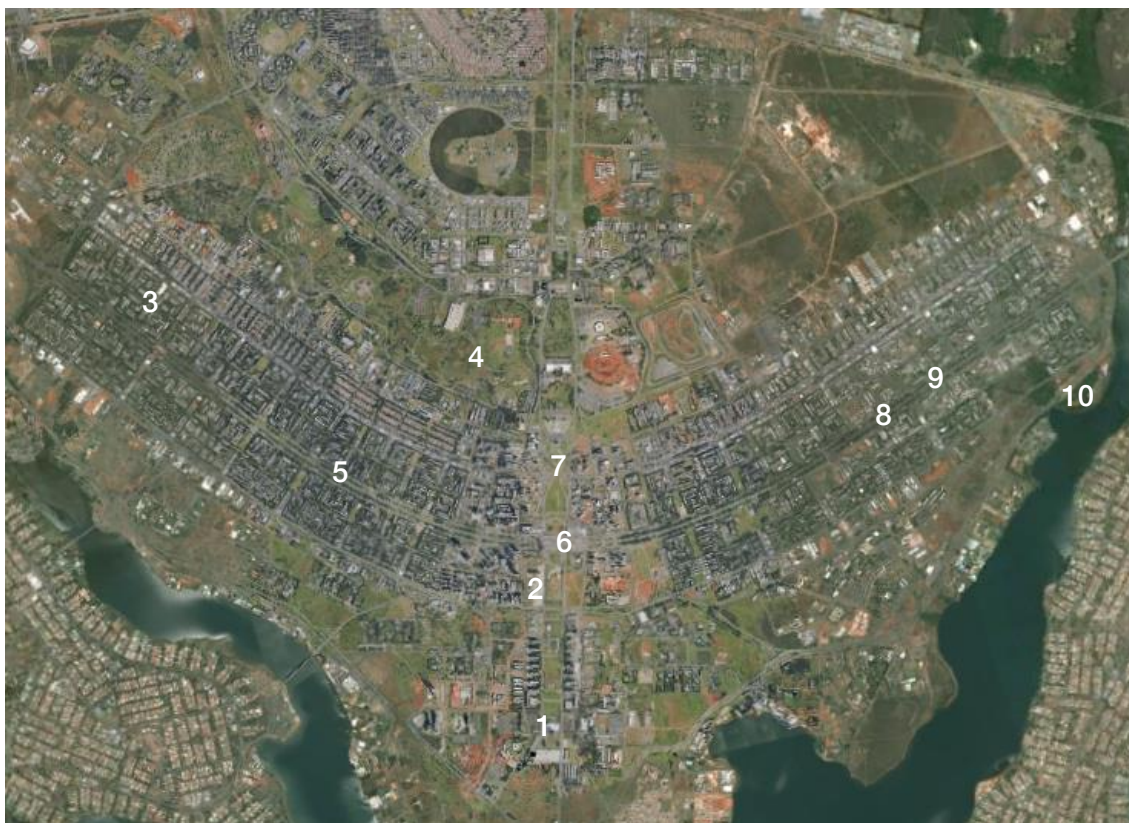


Figura 3. Plano Piloto de Brasília. Imagem do Google Earth

1. Marcha do Vinagre
2. Jam do Museu
3. No Pants
4. Guerra de Tintas
5. Isoporzinho
6. Marcha das Vadias
7. Zombie Walk
8. Sarau da Passagem
9. Forró de Vitrola
10. Picnik no Calçadão

Após essa primeira catalogação foram selecionados três eventos, um de cada tipo de espaço, para em seguida realizar análise dos espaços onde ocorreram os eventos e o estudo de caso dos fenômenos conforme categorias estabelecidas. As categorias de análise relacionadas com a apropriação do espaço foi a leitura de fluxos e permanências. Quanto à relação com a cibercultura foram observados os meios de divulgação e articulação dos eventos e a sua repercussão nos meios de comunicação.

A pesquisa desenvolvida se justifica pela escassez de estudos que relacionem as interações entre as novas redes de comunicação e espaço público em Brasília. Embora a cibercultura seja um fenômeno estudado por diversas áreas de conhecimento e já possua bastante literatura a respeito, no campo da arquitetura e do urbanismo ainda há poucos estudos, principalmente em língua portuguesa. Por ser um fenômeno relativamente novo e ainda em

franca transformação a produção de pesquisa com esse enfoque contribui para a ampliação desse campo.

No caso de Brasília, já existe uma vasta literatura consolidada sobre o projeto da cidade no âmbito do movimento moderno, o que todavia não esgota a possibilidade de desenvolvimento de um novo olhar sobre o projeto e o modo como ele é apropriado, principalmente na questão dos vazios planejados. Entendemos que essa pesquisa pode contribuir com o debate sobre apropriação dos vazios planejados no Plano Piloto e sobre as interfaces entre as tecnologias de comunicação contemporâneas e o espaço público.

Os objetivos dessa pesquisa são: fomentar o debate sobre cibercultura aplicado no campo da arquitetura e do urbanismo; apresentar um panorama dos eventos e ocupações efêmeras no espaço público Plano Piloto que possuam relação direta com a cibercultura, como forma de contribuir na compreensão de como essas duas dimensões (cibercultura e espaço público) se relacionam em uma cidade planejada e construída com base em premissas do urbanismo modernista. Contribuir com as pesquisas sobre ocupação e apropriação do espaço público; Contribuir com pesquisas sobre espaço modernista, com enfoque nos espaços vazios.

primeiro_capítulo

conexões e vazios

cibercultura, vazio e apropriação

1.1 Tecnologia, comunicação e espaço público

O século XX presenciou um rápido avanço dos meios de comunicação, que resultou no que Manuel Castells define como “revolução informacional”. Essa revolução para Castells promove transformações em campos muito além da comunicação ou da tecnologia e interfere de modo definitivo sobre a cultura do mundo contemporâneo.

“As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. As mudanças ocorridas no âmbito social são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica.” (CASTELLS, 1999)

Do momento em que Castells escreve essa análise até os dias de hoje as transformações promovidas pelas redes de comunicação cibernéticas se aprofundaram e hoje podem ser observadas com ainda mais clareza. A transformação dos sistemas digitais alterou de inclusive a noção de materialidade, uma vez que livros, discos, filmes e diversos outros tipos de arquivos que antes tinham volume, hoje podem estar salvos em uma máquina, ou um pendrive, ou ainda na “nuvem” da internet. Rapidamente observamos mudanças de hábitos promovidas pelos processadores e redes de conexões cada vez mais velozes.

A internet também mudou ao longo do tempo, e após os anos 2000 surgiram as redes sociais que promoveram mudanças no modo como as pessoas interagem através da rede, seja pela facilidade de conhecer pessoas com gostos e interesses parecidos em qualquer parte do mundo ou mesmo reencontrar velhos conhecidos. Essas redes também tiveram

recentemente um importante papel para a mídia alternativa e na articulação de grupos sociais. Sítios como o Twitter.com, que serve para postar pequenas mensagens, fez com que as informações sobre qualquer acontecimento sejam comentadas e difundidas muito antes que na televisão e antes mesmo dos grandes portais de notícias da internet. O Facebook.com, é muito eficiente como ferramenta para conhecer pessoas e conversar sobre qualquer assunto. O sociólogo francês Zygmunt Bauman alerta contudo, sobre a fragilidade das relações estabelecidas na contemporaneidade. Entre elas as produzidas a partir das redes de comunicação. É interessante essa observação de que ao mesmo tempo em que estamos cada vez mais conectados também estamos cada vez mais solitários.

Embora não seja ainda possível vivenciar o ciberespaço com o corpo, os grandes meios de comunicação via satélite potencializam os espaços, e permitem que estes sejam ampliados de forma exponencial. Um fato qualquer transmitido pela internet ou pela televisão pode ser acompanhado por bilhões de pessoas, que de diferentes lugares do planeta vivenciam uma fração daquele evento. É como se o mundo inteiro coubesse em uma praça.

O modo como as redes de comunicação se desenvolvem guarda relação com o espaço material, o que fez com que os estudiosos se interessassem pela relação entre esses dois espaços. Para William Mitchell, por exemplo, o surgimento do 'espaço cibernético' que em sua visão poderia, em grande medida substituir o espaço material como o conhecemos para propiciar a interação social de um modo ainda não explorado. O trabalho de Mitchell por sua linguagem clara e pioneirismo vai influenciar diversos pesquisadores da relação entre tecnologia e espaço urbano. Para Mitchell é como se a cidade dos bits fosse a forma de reencontro do homem com o espaço público, ainda que esse espaço não pudesse ser

vivenciado com o corpo. O autor utiliza o termo 'ágora eletrônica' (MITCHELL, 1997), para designar o potencial do ciberespaço para se tornar inclusive um lugar de expressão da democracia.

A apropriação do espaço também se altera com o advento das novas tecnologias de comunicação e geolocalização. O fenômeno da ubiquidade proporcionado pela interação entre o espaço cibernético e o espaço da cidade contemporânea potencializa os usos e apropriações da cidade material, como explora Julieta Leite: "O espaço de ubiquidade, constituído pela justaposição do espaço virtual ao da cidade, apresenta estruturas que por vezes se recobrem, por vezes escapam à sobreposição, mas cuja vida social é uma só" (LEITE, 2008).

Outro campo de pesquisa no ciberespaço que pode influenciar o modo de vida é o desenvolvimento das cibercidades, estruturas na rede que simulam uma cidade real como forma de facilitar a interação entre as pessoas e o governo, ou mesmo entre os grupos sociais de uma mesma região. André Lemos, tem especial interesse na cibercultura e nas pesquisas sobre cidades digitais. Lemos crê no potencial do espaço cibernético como um novo espaço público:

"As cibercidades passam a ser pensadas como formas de reestabelecer o espaço público, colocar em sinergia diversas inteligências coletivas, ou mesmo reforçar laços comunitários. [...] A ciência da inteligência coletiva busca, assim, aproveitar o potencial agregador da rede para o exercício da cidadania." (LEMOS, 2004)

Contudo, esclarece Lemos mais adiante, a cidade digital não deve ser pensada de forma a substituir a interação na cidade real, mas por outro lado “potencializar trocas entre seus cidadãos e a ocupação de espaços concretos da cidade real” (LEMOS, 2004). Essa dicotomia entre o “espaço virtual” e “espaço real” é ponto de partida a leitura da cidade contemporânea e suas interfaces com as redes desenvolvida por William Mitchell no texto, *Fronteiras/Redes*, do livro *Me ++: The Cyborg Self and Networked City*, de 2003. Mitchell avança no debate da relação entre as tecnologias informacionais e suas interfaces com o mundo físico. O autor explora a lógica da rede, indicando que a nossa experiência tanto cibernética como urbana ocorre a partir dos fluxos e dos nós de conexão. A conclusão do autor é que as redes de computação exercem hoje influência definitiva sobre as nossas vidas não somente no campo cultural, mas também sobre o mundo físico. A expectativa de autores como Mitchell ou Castells é que as novas redes de comunicação podem constituir um caminho para o reencontro da população com a participação política.

1.2 Esvaziamento do espaço público

Embora no campo do ciberespaço haja otimismo com relação ao fortalecimento da cidadania, o mesmo período marca um pessimismo relacionado à dimensão política do espaço público. Richard Sennett analisa um período histórico desde o século XVIII e problematiza a questão do deslocamento das relações de sociabilidade do espaço público para o espaço privado. Para Sennett, a origem desse fenômeno está na transição entre o regime aristocrático e a estrutura política que se consolida após a revolução francesa. O espaço público enquanto centro da vida política é esvaziado de sentido e o que substitui são os núcleos fechados, como a família ou as pequenas comunidades. Com a decaída das

relações públicas o que passa a basear as relações humanas no mundo contemporâneo é a intimidade. O autor é enfático ao definir a intimidade como tirania e o inverso da sociabilidade.

A crítica de Sennett é precisa ao apontar os resultados do esvaziamento da vida pública: a personalização da política e a fragmentação da sociedade em pequenos grupos de interesses. Nesse panorama, a articulação individual a partir dos espaços privados, em espacial a família, é posta no lugar da organização de classe. A convivência nos espaços públicos passa a ser mediada pelo silêncio, que funciona como um sistema de defesa contra o reconhecimento do outro. Para Sennett, é preciso que as pessoas reencontrem a “civilização”, que para o autor nada mais é que a dimensão política do espaço público.

A cidade deveria ser [...] o fórum no qual se torna significativo unir-se a outras pessoas sem a compulsão de conhecê-las enquanto pessoas. Não creio que esse sonho seja inútil; a cidade surgiu como foco para vida social ativa, para o conflito e o jogo de interesses, para a experiência das possibilidades humanas, durante a maior parte da história do homem civilizado. Mas hoje em dia essa possibilidade civilizada está adormecida.
(SENNETT, 2014)

Outro texto de Richard Sennett que aborda a questão da sociabilidade e da cidade é Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental, de 1994. Neste trabalho, Sennett realiza um panorama histórico dos modos de apropriação da cidade desde a Atenas de Péricles até a Nova York do século XX. A discussão analisa a relação entre o corpo e o espaço e a transição de um contexto onde o espaço público e o corpo são o centro da vida política até

a contemporaneidade onde, segundo o autor os corpos estão no espaço mas indiferentes aos outros corpos.

Não é por acaso que nesse período em muitas cidades pelo mundo é possível observar o enfraquecimento do comércio de rua e a ascensão dos shoppings malls. As relações de sociabilidade passam a se desenvolver em espaços enclausurados e privados, que supostamente seriam mais “limpos” e “seguros”. O shopping mall é um simulacro da rua, contudo as relações de conflito são de certo modo neutralizadas e a dimensão política esvaziada. A própria implantação do shopping marca uma separação com a cidade. Um edifício enclausurado no meio de uma grande área pavimentada para estacionamento e separada por grades do mundo exterior. Essa mesma lógica serviu para o crescimento dos condomínios fechados. A rua é vista como um espaço inseguro, e a solução das famílias é se isolar em um espaço que neutraliza as diferenças e constitui um espaço de debate político somente na escala micro, dos interesses da pequena comunidade, enquanto vira as costas para o conjunto da cidade.

Os espaços fechados se tornam lugares de reprodução social dos “iguais” e a sociedade se fragmenta em pequenos grupos. A rua se torna o espaço de exposição dessa fratura e as tensões e conflitos entre os “diferentes” fica mais evidente. A construção política já não é desenvolvida porque no espaço público os diferentes se encontram mas não se reconhecem mutuamente.

Hannah Arendt que escreve antes de Sennett e claramente influencia eu trabalho também observa o esvaziamento do sentido político no espaço público, para ela esse é um fenômeno que está vinculado ao processo da modernidade. Arendt analisa as relações políticas desenvolvidas na ágora grega e conclui que o espaço público é o lócus onde pode se desenvolver a política. Para a autora, a política está baseada na pluralidade dos homens, de modo que a individualidade moderna impossibilita o desenvolvimento dessa pluralidade.

Para além do esvaziamento de sentido, o processo da modernidade resulta em transformações físicas no espaço da cidade. Marshall Berman, que estuda a modernidade a partir da leitura de Marx, aponta o fim da Idade Média como o momento histórico em que se estrutura o pensamento moderno. Ocorre nesse momento a separação entre o status do pensar e do fazer, a razão e o pensamento científico aos poucos começam a se sobrepor à mitologia e às crenças. A valorização da capacidade humana de empreender transformações tecnológicas é uma característica do renascimento. O processo da modernidade é aprofundado com o iluminismo e se consolida com a revolução industrial. Os séculos XIX e XX presenciaram mais inovações tecnológicas que todos os milênios anteriores de história humana. E nesse contexto surge o movimento moderno que estrutura a cidade a partir de grandes espaços vazios. Esse gesto que para os modernos representava a valorização da esfera pública, vai ser observada pelos críticos como o esfacelamento da dimensão do encontro.

A questão que está colocada nesse momento é o receio que o ciberespaço produza um agravamento da individualização e do esvaziamento do espaço público na cidade contemporânea. Autores do urbanismo criticam o modelo de cidade produzido pelo

movimento moderno de ter acabado com os espaços públicos existentes nas cidades tradicionais para criar grandes espaços sem vida pública. A cibercultura, que se mostra também como um reflexo da revolução tecnológica é vista, no primeiro momento, por um lado como essa esperança de reencontro com o espaço público, e de outro lado como um sinal de que o espaço público teria perdido para sempre sua finalidade, e que mesmo conectados os homens viveriam no isolamento.

1.3 Reconfiguração do vazio: o vazio potencial

Recentemente em Brasília temos presenciado ações de vivência do espaço público como Happy Hours em espaços abertos ou como o Sarau da Passagem, nas passagens subterrâneas do eixo rodoviário do Plano Piloto. Em muitas cidades ocorrem eventos semelhantes em espaços simbólicos, como é o caso do Arraial do Minhocão em São Paulo, em 2011, onde os organizadores utilizaram divulgação por meio de evento no Facebook e arrecadação via crowdfunding para realizar uma festa junina colaborativa sobre a via elevada.

Insatisfações com os governos ou o sistema econômico também resultaram nesse início de século, em contextos geopolíticos diversos, em cada vez mais pessoas ocupando o espaço público. Fenômenos como as ocupações simbólicas de praças durante as manifestações da Primavera Árabe, que por sua presença na mídia e nas redes sociais acabaram por influenciar os movimentos como o *Occupy Wall Street* e outras centenas de ocupações em diversas cidades de todo o planeta. Em junho de 2013, milhões de pessoas ocuparam as ruas de várias cidades no Brasil para se manifestarem contra os problemas de mobilidade nas grandes cidades, a corrupção na política, e a violência policial entre outros temas.

Uma abordagem importante sobre o espaço urbano é de Henry Lefebvre. Em “A produção do espaço”, Lefèbvre propõe uma leitura dialética do espaço social, onde as relações dos indivíduos isolados e coletivamente com o espaço resultam na construção social do mesmo. A abordagem dialética do espaço urbano por Lefèbvre nos permite compreender esse como síntese da disputa social pelo direito à participação na estruturação da cidade. Em “O Direito à Cidade”, publicado em 1968, o autor faz uma crítica ao planejamento determinista do urbanismo do movimento moderno. Para Lefebvre as questões sociais não podem ser lidas nem tampouco resolvidas a partir do urbanismo unicamente. A cidade deve ser um espaço de construção social. A luta por direitos é fundamentalmente urbana, e o rebatimento dessa luta na cidade contemporânea pode ser percebido ao observar as diversas manifestações de cunho reivindicatório. Para David Harvey, que se baseia no trabalho de Lefebvre, é preciso que as pessoas reivindiquem a participação na tomada de decisões sobre como se constrói o espaço urbano. Para ele essa luta pelo direito à cidade é um caminho para o reencontro com a dimensão política do espaço urbano.

Geralmente as manifestações na luta por direitos ocorrem transgredindo um espaço simbólico. Essa transgressão pode ocorrer com a quebra da rotina de um espaço, como quando se fecha uma grande avenida, por exemplo, ou a partir da ocupação de um espaço representativo, como o Acampamento do MST na Esplanada dos Ministérios ou ainda a Occupy NY, em frente à Bolsa de Valores. E essas ações que não são rotina de um grupo estabelecido têm em comum a articulação e divulgação no ciberespaço. Muitas vezes os organizadores só se conhecem pessoalmente no dia da ação, e as manifestações abrangem

participantes que são convidados pela internet e por ter interesse na pauta, participam sem que pra isso estejam ligados a algum grupo específico.

No caso dos movimentos sociais, cada vez mais presenciamos o surgimento de ações que não são derivadas de um grupo específico como uma associação ou um sindicato. Eventos como a Marcha das Vadias ou a Marcha Contra a Corrupção são organizados por coletivos independentes ou pessoas sem ligações com nenhuma organização, mas que tem em comum o acordo com o ideal feminista ou o repúdio à corrupção, são construções que abraçam transversalmente integrantes de diversas correntes ideológicas, e se apoiam na Internet como instrumento de difusão e articulação do seu projeto.

Dois teóricos que ajudam na leitura desse processo de apropriação do espaço público são Hannah Arendt e Paul Ricoeur. A primeira, apresentou em 1958 o livro “A condição humana”, no qual categoriza as atividades humanas em três: trabalho (work), obra (labor) e ação (action). O trabalho é definido por Arendt como “atividade repetitiva, laboriosa (por vezes com uma conotação penosa) e que serve para, de seu fruto, manter as condições adequadas do corpo”. Representa o fazer, e parte de uma relação primária entre o homem e a natureza, seu foco é a manutenção da vida biológica. A obra se refere à produção de bens que transcendem a simples existência, mas que buscam uma permanência ou mesmo uma relação de consumo para além da subsistência. É a “artificialidade” sua chave de leitura, o homem produz um mundo artificial. A terceira dimensão, que Hannah considera a mais importante e que também é a que nos interessa agora é a dimensão da ação, que a autora define como o “ápice da vida ativa”. Essa dimensão representa a vida política, onde o homem de fato é, se insere no mundo e interage com ele “sem a mediação da matéria”. A ação pode

ser lida como o que Heidegger chama de “habitar o mundo”. Podemos estabelecer um paralelo entre o ocupar/apropriar e o construir/habitar conforme pensado por Heidegger. Para ele, o habitar é o ponto de partida para o entendimento de porque construímos. O habitar tem relação com a própria existência, de modo que ser é em si habitar. Podemos concluir que apropriar-se do espaço público é também um habitar.

Para Arendt, a modernidade esvaziou o sentido da vida política, produzindo uma cultura de individualidade e sujeitos mais suscetíveis ao desamparo. A experiência do totalitarismo representa para ela um sintoma do enfraquecimento da dimensão política. Somente a partir da ação seria possível aos homens, e não o homem, se reconhecerem mutuamente. Cabe aqui um paralelo com o trabalho de Paul Ricoeur, que se dedicou a estudar a questão do reconhecimento. Para ele o reconhecimento pode ser analisado a partir de três estágios, o terceiro estágio, que é o do reconhecimento mútuo, a interação social compõe as relações da política.

Fica claro ao observar as manifestações e mesmo as ocupações do espaço público com a finalidade do lazer, que a ação de ocupar abriga um caráter político. Como observamos anteriormente, Sennett alerta para o deslocamento das relações políticas para o espaço privado, e ocupar um espaço público que parece ter se esvaziado de seu conteúdo na cidade contemporânea, tem especial significado. Ocupar a rua não para os encontros instrumentais mas para participar do espaço e estar sujeito ao conflito representa o reconhecimento das relações de alteridade.

O resultado dessa atuação sobre o espaço pode ser compreendido a partir da contribuição de outro trabalho de Paul Ricoeur, sua conferência sobre Arquitetura e Narratividade,

publicado na edição 303 da revista Urbanisme, onde o autor estabelece uma relação de paralelismo entre o construir/habitar e o narrar. A arquitetura estaria para o espaço como a narrativa está para o tempo. A narrativa para Ricoeur pode ser compreendida a partir de três estágios: o primeiro é a prefiguração, o segundo a configuração e a o terceiro estágio a refiguração ou reconfiguração.

A prefiguração é o estágio que precede a construção da narrativa, é todo o contexto histórico e teórico anterior, ela “está implicada em nossa própria tomada de consciência mais imediata”. A configuração é quando a narrativa “se liberta do contexto” e toma forma na literatura, é o ato de contar. Na narrativa a refiguração corresponde ao ato da leitura. A apreensão da narrativa e sua interpretação. A refiguração é assim chamada pois o ato de ler produz também nova substância para a reconstrução da narrativa.

Os estágios da narrativa analisados por Paul Ricoeur são relacionados com o projeto por Luciana Saboia. O construir é também lido uma narrativa na qual o estágio da prefiguração é constituído por todos os elementos de contexto que fazem parte da etapa preliminar de projeto, em que o contexto dá origem a um partido. A configuração é o estágio em que a arquitetura adquire materialidade e passa a fazer parte de uma narrativa mais ampla no tempo e no espaço, que é a cidade. A refiguração é a leitura do projeto a partir de sua apropriação, o habitar. Nesse estágio surgem novos contextos e novas possibilidades de configuração do espaço ou ainda o potencial de reconfiguração a partir do uso.

No habitar, Saboia observa que assim como a narrativa o projeto não tem um fim em si, mas é um processo que continua indefinidamente. Na prefiguração temos o contexto que existe para a produção de determinado espaço e a expectativa. O projeto e construção configuram

o espaço, que só está concluído com o uso. O estágio da apropriação refigura, o espaço e produz contexto novo. Que relações podem ser estabelecidas entre a cibercultura e a ocupação do espaço público? O papel da ação, que produz política e reconfigura o espaço constitui uma ferramenta com a qual podemos analisar as recentes ocupações no vazios planejados de Brasília.

É evidente que a crise de sociabilidade não é consequência do urbanismo moderno, mas um fenômeno paralelo. Há contudo, outros olhares sobre o espaço público moderno capazes de observar potencialidades no vazio. Luciana Saboia em sua tese de doutorado, de 2009, realiza uma leitura aprofundada da modernidade e do sentido do vazio no espaço moderno. Para Saboia, o sentido do espaço vazio planejado é promover abertura para a dialética social.

O vazio moderno é considerado como um espaço de mediação e negociação entre polos opostos. No vazio planejado de acordo com premissas do movimento moderno, a ausência de elementos intensifica a relação dialética entre o reconhecimento e não reconhecimento, entre presença e ausência. Estes conflitos e tensões intrínsecas à construção da identidade são os que tornam possível a luta pelo reconhecimento social e, conseqüentemente, a possibilidade de reconfiguração. Desta forma, as ações sociais, ou narrativas de configuração, têm uma importância preponderante na configuração da cidade através da luta para o reconhecimento social do seu habitat. (SABOIA, 2009)

A análise de Saboia se baseia no trabalho de Paul Ricoeur sobre o reconhecimento. Na sua obra *Percurso do Reconhecimento*, de 2004, Ricoeur analisa três categorias ligadas ao reconhecimento. A primeira, o reconhecimento enquanto identificação, trata da esfera do eu, da própria existência. Em seguida o texto aborda o reconhecimento de si. O homem que tem a capacidade de reconhecer e produzir narrativa. A terceira instância é a do reconhecimento mútuo, na qual os homens se reconhecem e assim conseguem produzir a política. Para Saboia, o espaço vazio produzido pelo movimento moderno tem validade ao permitir o desenvolvimento do reconhecimento mútuo e da tensão política inerente.

Uma outra perspectiva sobre o vazio pode ser depreendida do texto *Terrain Vague* de Ignasi de Solá-Morales. Neste trabalho, o autor aborda espaços na cidade que “podem ter limites precisos e são edificáveis” ou ainda uma porção de terra potencialmente aproveitável, mas com alguma definição em sua propriedade à qual somos alheios” (SOLA-MORALES, 2002). Ele associa a relação semântica entre o “desocupado” e o “livre” para observar potencialidade nesses espaços vazios.

“A relação entre a ausência de uso, de atividade e o sentido de liberdade, de expectativa é fundamental para entender toda a potência evocativa que os *terrain vague* das cidades têm na percepção da mesma nos últimos anos. Vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, esperança. (SOLA-MORALES, 2002)

Considerar espaço vazio como promessa permite um olhar mais generoso sobre a cidade moderna. Um espaço onde a população pode disputar politicamente e pode, se quiser, reencontrar a civilização.

segundo_capítulo

Brasília: narrativas de configuração

modernidade, espaço público e Brasília

2.1 Espaço público e tecnologia: da Revolução Industrial à Carta de Atenas

As transformações no modo de vida ao longo da história permitiram que se constituísse nas diversas configurações do espaço público nas cidades, que estivessem mais adequadas ao espírito do tempo. A literatura sobre história urbana, em especial os trabalhos de Benévolo e Mumford, nos apresentam um panorama das mutações no espaço e nos permitem refletir sobre as causas e os efeitos dessas mudanças no que diz respeito ao modo como determinada população se apropria do espaço público.

Um marco na história recente da urbanização é a Revolução Industrial. No século XIX ocorrem importantes inovações tecnológicas, que implicaram em importantes mudanças nas comunicações, transportes, e na produção de bens. Paralelo a esse processo, as cidades que estão inseridas no contexto de industrialização sofrem aumento acelerado de sua população. Como um efeito cascata em todo o mundo os processos de desenvolvimento tecnológico acompanham uma inversão da relação populacional entre campo e cidade. Nos interessa analisar essa cadeia de inovações tecnológicas, com especial enfoque nas comunicações e o efeito das transformações nas cidades impulsionados pelo advento da modernidade, que no século XIX sofre uma aceleração. Esses processos permanecem até a contemporaneidade e contextualizam no tempo e no espaço os fenômenos urbanos que são estudados nesse trabalho.

O tecido das cidades europeias até o século XVIII, era predominantemente medieval. Os sistemas de infraestrutura urbana eram pouco desenvolvidos e não estavam prontos para o aumento populacional que ocorreria no século seguinte. A escala do espaço público privilegiava a dimensão do encontro e da proximidade. As ruas estreitas funcionavam como

uma extensão das casas das pessoas. Contudo, o processo de desenvolvimento tornou inviável a continuidade dos paradigmas medievais de cidade.



Figura 4. Rua em Londres no período da Revolução Industrial. Fonte: A história da cidade, Benévolo.

O século XIX é marcado pelo extraordinário avanço tecnológico, com invenções como o telégrafo, a fotografia, a dinamite e o automóvel. Essas invenções aliadas a uma série de outras descobertas proporcionaram transformações na vida das pessoas e no espaço das

idades. Esse período, em especial o terceiro quarto⁹ do século XIX, também representa um momento de expansão do liberalismo econômico e da livre iniciativa em detrimento do poder do estado. O resultado no espaço da cidade do capitalismo liberal nesse período, é o crescimento desordenado e o baixo investimento em infraestrutura urbana.

Com os graves problemas pelos quais passavam as metrópoles industriais, o estado assume uma postura de definição de parâmetros para o desenvolvimento das cidades. Benévolo aponta as principais mudanças com a transição da cidade liberal para a cidade pós liberal e de que forma isso interferiu no planejamento urbano nos períodos seguintes.

“A liberdade completa, concedida às iniciativas privadas, é limitada pela intervenção da administração, mas é garantida claramente dentro destes limites mais restritos [...] 1. A administração gere um espaço que é o mínimo necessário para fazer funcionar o conjunto da cidade: o necessário para a rede de percursos (ruas, praças, estradas de ferro, etc.) e para a rede de instalações (aqueduto, esgotos, depois gás, eletricidade, telefone, etc.). A propriedade administra o restante [...] 2. A utilização dos terrenos urbanizados depende dos proprietários individuais (privados ou públicos). Sobre estes a administração influi apenas indiretamente, com os regulamentos que limitam as medidas dos edifícios com relação às medidas dos espaços públicos [...] 3. As linhas de limite entre o espaço

⁹ Corte de Eric Hobsbawm em “A Era do Capital” (1848-1875)

público e o espaço privado – as frentes para as ruas – bastam para formar o desenho da cidade.” (BENEVOLO, 2011)

Esse acordo entre os agentes público e privado permitiu que as cidades pudessem ter seu espaço público redimensionado levando em consideração as demandas proporcionadas pelos novos modais de transporte e redes de infraestrutura urbana. Dois marcos importantes das propostas de reestruturação urbana no século XIX foram os planos de Haussmann em Paris e de Ildefonso Cerdá em Barcelona.

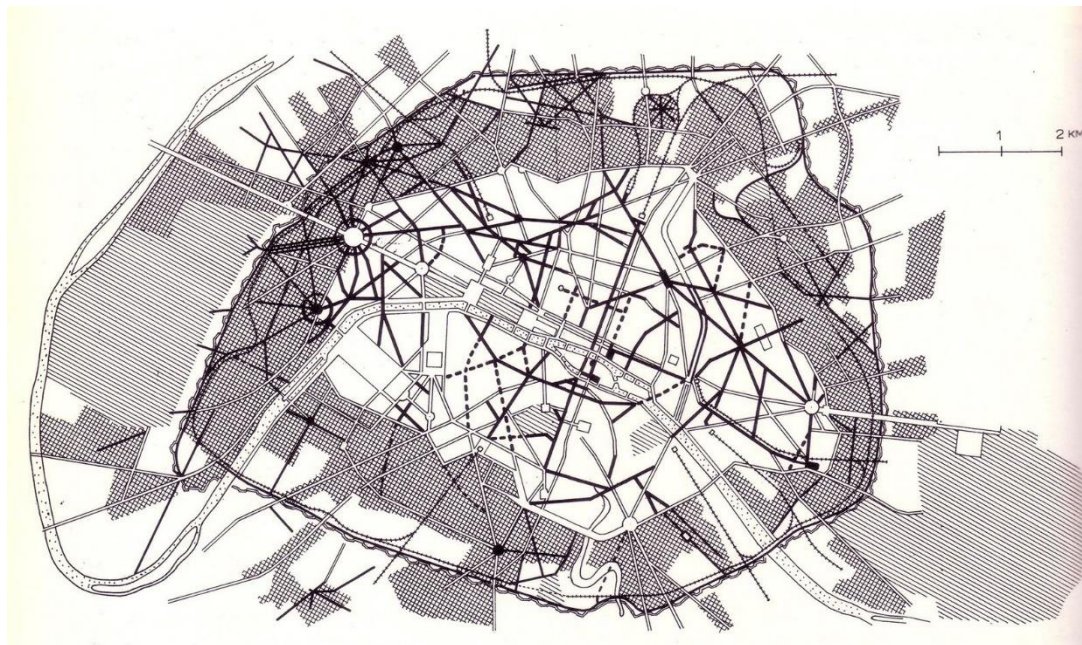


Figura 5. Reforma Urbana de Paris

O primeiro, executado entre 1852 e 1870 abriu uma série de eixos e avenidas largas, além das reformas de fachadas e qualificação do espaço público, com padronização de mobiliário urbano. O núcleo principal da cidade foi mantido mas a reforma urbana reforça os principais marcos visuais e o espaço público amplo reordena Paris para a dimensão da metrópole. É notável o trabalho de estruturação do plano que tem a circulação como problema a ser resolvido. A dimensão da cidade exige o tráfego rápido das pessoas, dos bens e das informações.

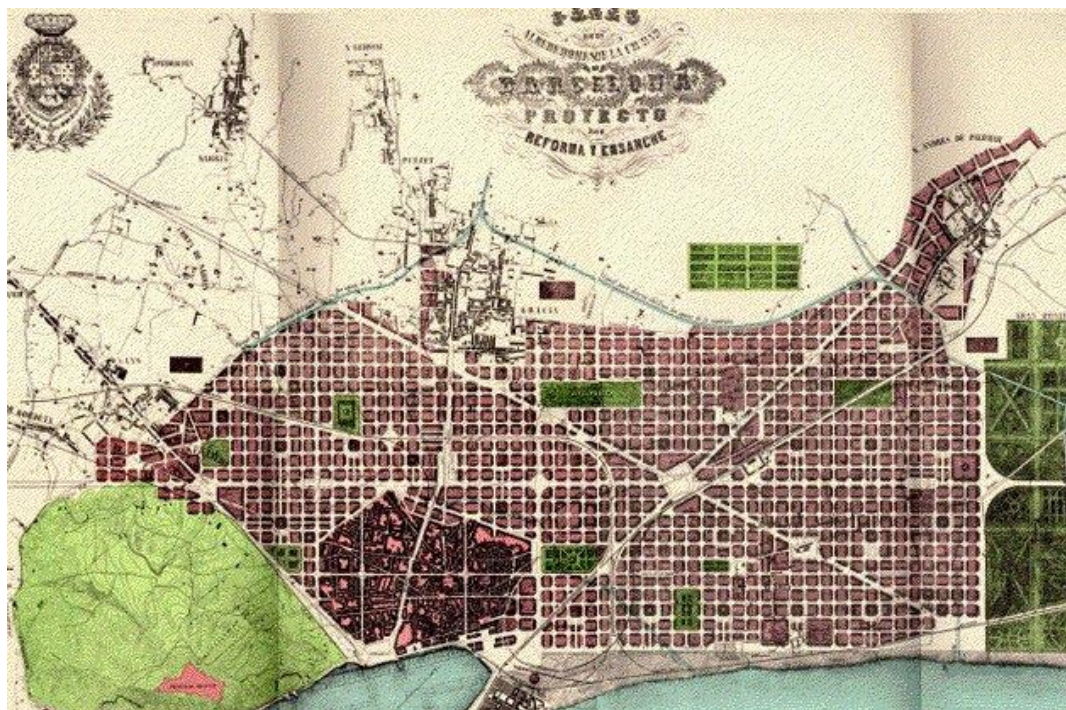


Figura 6. Plano de Cerdá para Barcelona

O plano para Barcelona desenvolvido por Cerdá tem como objetivo principal a extensão da cidade, que estava confinada em um tecido medieval. O projeto é uma malha ortogonal que preserva o bairro medieval fazendo a articulação entre os dois tecidos. Na nova Barcelona o espaço público é pensado em uma escala generosa, com avenidas largas e ruas exclusivas de pedestres.

Esses dois projetos influenciaram projetos de reformas urbanas e também projetos de novas cidades nas décadas seguintes. Todas as grandes cidades a partir desse momento precisam levar em conta as redes de transporte, comunicações e infraestrutura. Enquanto para alguns a questão da cidade pós revolução industrial é vista como uma perda da dimensão do encontro e seria fundamental um retorno ao estágio anterior de cidade, em que a vida não fosse tão afetada pela tecnologia, para outros é importante abraçar o avanço tecnológico para transformar de modo ainda mais radical a cidade. Essas duas correntes do pensamento urbanístico são o que Françoise Choay define em seu trabalho como modelo culturalista e modelo progressista. Para ela essas duas correntes orientam o pensamento urbanístico no século XX. O urbanismo culturalista se volta para o passado e o que seria a cidade antes da revolução industrial e de certa forma rejeita a tecnologia e a culpa pelos fracassos da cidade. Já o urbanismo progressista tenta olhar para o futuro e abraça a tecnologia e a máquina concebendo a cidade a partir dela. Acredita-se que a solução está no progresso. Esse segundo modelo, é o que estabelece influência mais franca sobre o urbanismo do movimento moderno, e conseqüentemente sobre o projeto de Brasília. É um dado importante para a compreensão do Plano Piloto perceber o modo como esse urbanismo crê na tecnologia e se estrutura a partir dela.

Há contudo, um exemplar do que Choay define como culturalista e que exerce influência no urbanismo moderno: ideia de “cidade jardim”. Embora Choay apresente apenas a proposta desenvolvida por Ebenezer Howard na Inglaterra, Kenneth Frampton aponta duas propostas de cidade jardim:

“O transporte sobre trilhos numa escala muito menor, por bonde ou trem, seria o fator determinante principal dos dois modelos alternativos da cidade jardim europeia. Um deles era a estrutura axial da cidade-jardim linear espanhola, descrito inicialmente por seu inventor, Arturo Soria y Mata, no início da década de 1880 [...] a cidade linear de Soria y Mata, dinâmica e interdependente, compreendia, em suas próprias palavras de 1882, ‘uma rua única de uns 500 metros de largura, e com um comprimento necessário... [uma cidade] cujas extremidades podiam ser Cádiz, São Petersburgo, Pequim ou Bruxelas’ [...] Enquanto o modelo espanhol era inerentemente regional, indeterminado e continental, a versão inglesa era autônoma, limitada e provinciana” (FRAMPTON, 1997)

A versão inglesa citada por Frampton é a proposta de Howard na qual as cidades seriam agrupamentos compactos com boa proporção de espaços verdes e cercada por uma área rural que forneceria alimentos ao núcleo urbano. A expansão das cidades no modelo proposto por Howard seria feita a partir da instalação de um outro núcleo urbano, a uma curta distância, mas que preservasse campo entre as zonas urbanas.

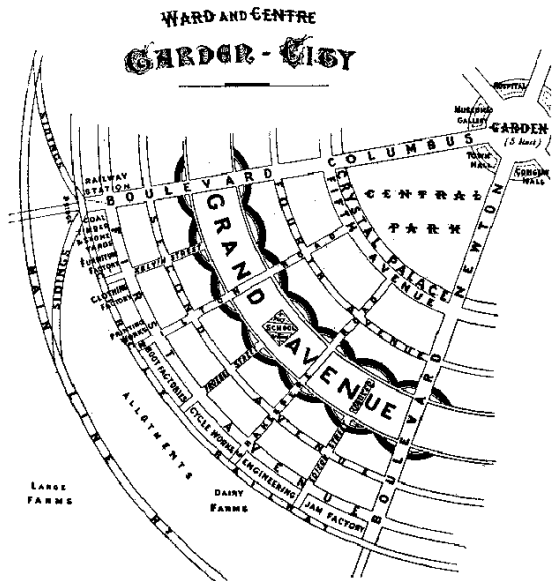


Figura 7. Cidade Jardim de Howard

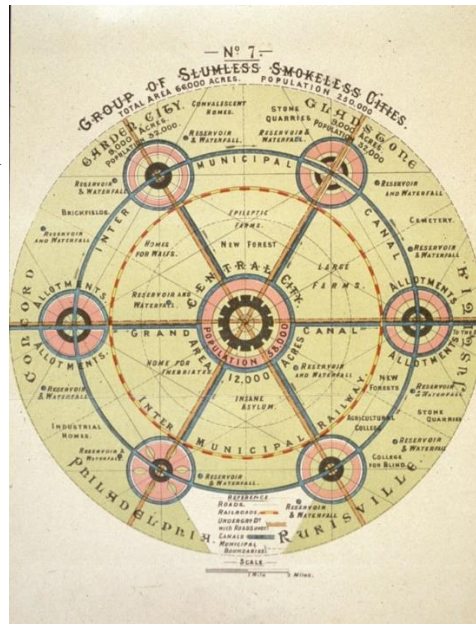


Figura 8. Esquema das Cidades Jardim na região

A diretriz central do projeto de Soria y Mata é o deslocamento. O fluxo estrutura a forma urbana. Colocar a linha de trem no centro da cidade vincula o desenho urbano à tecnologia e denota um tipo de espaço em que a conexão com as outras regiões adquire ainda mais importância. Ao redor da faixa construída se situaria a faixa verde destinada ao lazer e à produção agrícola.

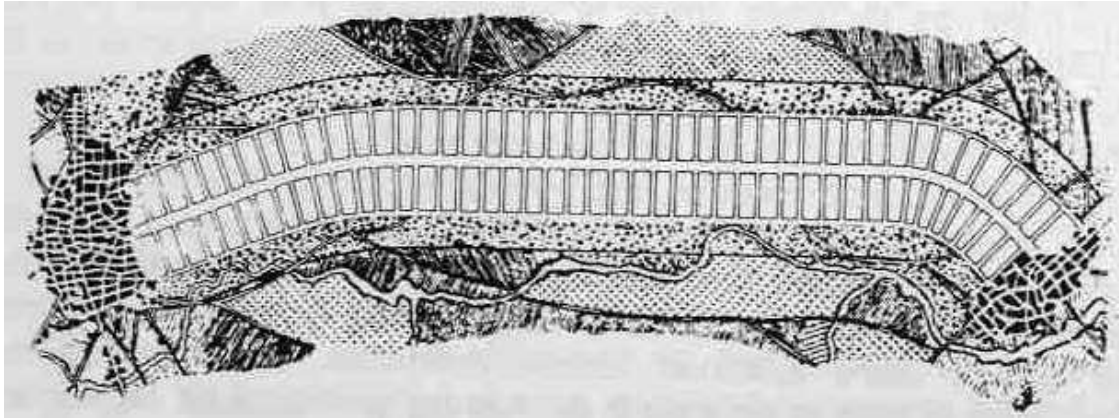


Figura 9. Cidade Linear de Arturo Soria y Mata, 1882

A ideia de grandes áreas verdes na cidade e ao redor dela influenciou de modo decisivo o urbanismo moderno. O arquiteto franco-suíço Le Corbusier cujo trabalho repercutiu entre os arquitetos brasileiros, utiliza amplamente os espaços verdes nas suas propostas. Cabe ponderar que para Corbusier a natureza adquire uma finalidade plástica. O espaço é alterado pelo homem, que de forma racional define o papel a ser representado pela natureza.

De tudo o que já dissemos depreende-se que a cidade moderna será repleta de árvores. É uma necessidade para os pulmões, é uma ternura com respeito a nossos corações, é o próprio tempero da grande plástica geométrica introduzida na arquitetura contemporânea pelo ferro e pelo concreto armado” (CORBUSIER, 1930)

As árvores exercem na composição o mesmo papel que os elementos construtivos da arquitetura moderna. Do ponto de vista da configuração urbana os grandes espaços verdes

promovem uma ruptura com a cidade tradicional. Na cidade murada medieval, o espaço da rua é ainda de certa forma um espaço reservado, uma extensão da própria casa. A mudança na escala das cidades com a Revolução Industrial transforma o caráter do espaço público, que se torna um espaço de encontro com o desconhecido. Contudo, a forma da cidade permanece definida pelos cheios das construções e os vazios das ruas e praças. Esse sistema de constituição da cidade permite a leitura clara dos limites do público e do privado. Na cidade moderna a forma urbana já não pode ser definida apenas pela leitura de cheios e vazios. O verde exerce o papel de fundo na composição sobre o qual são adicionados edificações e as redes de circulação independentes para veículos e pedestres, como figuras. O espaço vazio na cidade moderna é o elemento que estrutura toda a composição.

Esse modelo de cidade defendido pelo movimento moderno, surge como uma tentativa de reparação de aspectos vistos como problemáticos na cidade tradicional. Questões de ordem prática como a salubridade dos espaços e o adequado funcionamento do tráfego aliadas a questões plásticas norteiam as proposições do urbanismo moderno cuja síntese dos paradigmas se encontra na Carta de Atenas.

A influência de Corbusier sobre o projeto de Brasília vai muito além da defesa dos grandes espaços verdes. O arquiteto franco-suíço teve papel importante na articulação dos CIAM, Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, encontros iniciados em 1928 com o objetivo de repensar a arquitetura e o urbanismo face as transformações sociais e tecnológicas ocorridas entre os séculos XIX e XX, e que em 1933 se reúne para produzir um documento com as diretrizes da cidade moderna que ficou conhecido como Carta de Atenas.

Le Corbusier foi talvez o arquiteto que mais influenciou a arquitetura moderna no Brasil. A tecnologia é um elemento presente no pensamento deste arquiteto e compreender o contexto de transformação tecnológica no qual ele estava inserido é importante para apreender sua obra. Nascido no final do século XIX Corbusier tem contato com as grandes construções industriais, os automóveis, os aviões e os transatlânticos. Tanto a estética da máquina como sua funcionalidade encantam o arquiteto, que busca transportar esses conceitos para arquitetura na primeira fase de sua obra.

O mundo no início do século XX observou uma aceleração do desenvolvimento tecnológico e das comunicações. A introdução da produção em escala na indústria permitiu que o automóvel se tornasse cada vez mais presente nas cidades. O telefone e a eletricidade começavam a transformar o cotidiano. Ao mesmo tempo, os balões dirigíveis, transatlânticos e posteriormente os aviões, permitiam um deslocamento mais veloz entre regiões distantes. No campo da comunicação, a invenção do cinema e do rádio revolucionam o modo de obter informações e de olhar para o mundo, que nesse momento havia se tornado menor e ao mesmo tempo com mais som e mais iluminado. Pelo rádio o mundo ouviu perplexo notícias sobre uma guerra sem precedentes que envolveu todas as grandes potências e grande parte do restante do planeta. Desse momento em diante, o mundo estaria para o bem e para o mal cada vez mais conectado.

Após o término da Primeira Grande Guerra, se aprofundam as discussões sobre a arquitetura e o urbanismo moderno. Na década de 20, Le Corbusier desenvolve diversas propostas urbanísticas, as principais foram a Cidade Contemporânea (ou cidade para três milhões de

habitantes), de 1922, a Cidade Radiosa, de 1924 e o Plan Voisin de 1925. Esses planos resumem o pensamento urbanístico corbusiano.

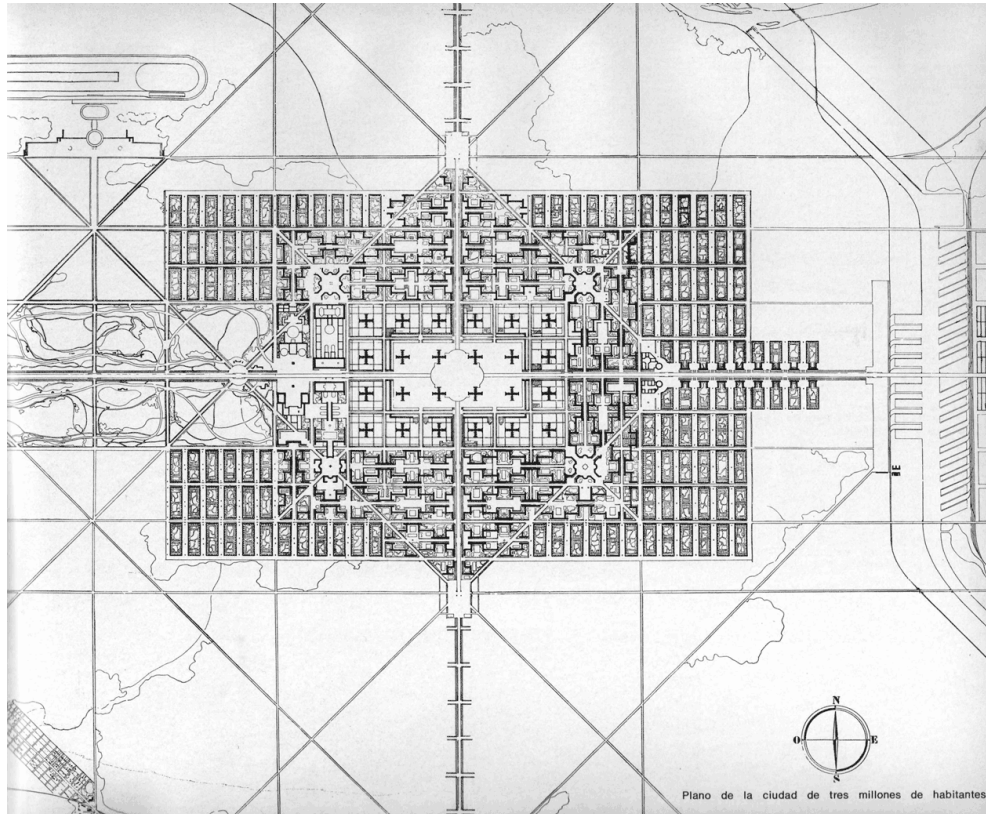


Figura 10. Cidade Contemporânea de Le Corbusier, 1922

No projeto da Cidade Contemporânea as funções da cidade estão localizadas em setores específicos. Na área central ficam os edifícios altos para escritórios. As habitações ficam nos edifícios ao redor. Há ainda os setores administrativos, e um grande cinturão verde circunda a cidade. A rua corredor não existe na cidade contemporânea. Grandes eixos viários cortam

o plano e os pedestres tem o caminho livre, uma vez que todas as edificações seriam sobre pilotis.

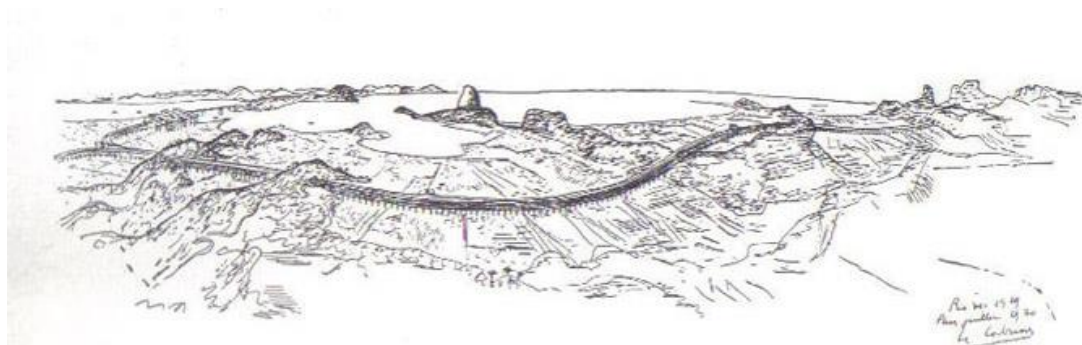


Figura 11. Plano para o Rio de Janeiro de Le Corbusier, 1929

Em 1929 Le Corbusier realizou uma série de conferências na América do Sul, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. O conteúdo das palestras foi publicado no livro “Precisões: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo”. Além disso, o arquiteto desenvolveu propostas de intervenção urbana nas cidades por onde passou. A proposta para o Rio de Janeiro consistia em um grande edifício linear que se estenderia por quilômetros sobre pilotis e com uma autoestrada sobre o prédio. O gesto de Corbusier nesse projeto retoma e radicaliza a ideia de linearidade pensada por Soria y Mata no século anterior. A grande diferença é a relação com o espaço público, que nas propostas de Le Corbusier se expandem à totalidade do solo.

Um marco na história do urbanismo moderno acontece com o IV CIAM, em 1933, onde é aprovada a Carta de Atenas. Na introdução da publicação da Carta de Atenas feita pela EDUSP em 1993, Rebeca Scherer aponta que o texto produzido por Le Corbusier não

apresenta uma grande inovação com relação a várias experiências que estavam sendo postas em prática em diversos países da Europa. Contudo, a Carta de Atenas publicada em 1941 cumpre o papel de síntese do pensamento urbanístico moderno. No caso do Brasil, o documento é bem recebido e influencia de forma decisiva a produção e o ensino de arquitetura nas décadas seguintes.

Nesse período de franco desenvolvimento tecnológico, com a expansão de redes de comunicação por todo o mundo e aprimoramento dos novos modais de transporte, o automóvel é para os arquitetos modernos um símbolo desse progresso. A cidade moderna é pensada na escala da velocidade do automóvel.

De modo geral, a Carta de Atenas condiciona o projeto da cidade ao cumprimento de quatro funções: habitar, trabalhar, recrear-se e circular. O desenho deveria estabelecer o máximo de racionalidade no cumprimento de cada uma dessas funções, desse modo a circulação, que é a função responsável por articular todas as outras ganha importância na cidade defendida pelo movimento moderno. A rua corredor, que é vista como responsável por grande parte dos problemas da cidade tradicional não existiria na cidade moderna, a circulação ocorreria por meio de vias constituídas em uma trama hierárquica conforme a intensidade dos fluxos. Os caminhos de pedestres e veículos seriam segregados e o espaço público passaria a ser toda a área verde com aspecto de parque da cidade moderna.

Apesar do IV CIAM ocorrer em 1933, a publicação da síntese feita por Corbusier foi feita somente em 1941, quando o mundo novamente estava envolvido em uma Guerra, maior e mais destruidora que a do início do século. Após o fim da Segunda Grande Guerra, a Carta de Atenas serviu como manual para a reconstrução de bairros e cidades destruídos durante

o conflito. Nos Estados Unidos, onde não houve conflito direto, as propostas do urbanismo moderno também foram bastante aplicadas, principalmente a ideia de cidade jardim de Ebenezer Howard e as propostas de unidade de vizinhança desenvolvidas por Henry Wright e Clarence Perry na Escola de Chicago desde os anos 20.

Ao mesmo tempo que o segundo pós-guerra foi um período de aplicação dos princípios da Carta de Atenas, o horror da guerra com seus sessenta milhões de mortos faz com que entre em xeque a crença de que o progresso fosse a resposta para os problemas do mundo. Começa a ser também questionada de forma prática a cidade constituída como resultado da Carta de Atenas. Em 1956, os arquitetos do X CIAM produzem uma revisão do pensamento funcionalista. Nesse mesmo período, é publicado um dos principais trabalhos no sentido de crítica ao paradigma urbanístico moderno: *Morte e Vida das Grandes Cidades Americanas*, de Jane Jacobs em 1961. Jacobs é clara na introdução do livro ao definir o trabalho como “um ataque aos fundamentos do planejamento urbano e da urbanização ora vigentes. É também, e principalmente, uma tentativa de introduzir novos princípios no planejamento urbano e na reurbanização” De fato, o livro estabelece uma crítica contundente às correntes de pensamento que resultaram na cidade moderna, e analisa elementos da cidade tradicional como a rua, as praças e os parques apresentando suas potencialidades para a vida social.

Para Jacobs, elementos da cidade tradicional como a rua, que para ela é determinante na criação de relações de bairro, e conseqüentemente da sensação de segurança na cidade. Embora o livro tenha sido escrito como uma análise dos efeitos do planejamento urbano em cidades americanas, a crítica da autora aos grandes espaços vazios, ausência de

continuidade das calçadas e à setorização, por exemplo, serviram como base para a crítica ao urbanismo moderno em diversos contextos.

O trabalho de Jane Jacobs apresenta uma contribuição significativa ao voltar o olhar para as pessoas e observar como estas se apropriam dos espaços da cidade. Enquanto na cidade tradicional os carros e os pedestres dividem a mesma calha viária, e as esquinas são grandes pontos de encontro, na cidade moderna os caminhos de pedestres são segregados. Para Jacobs, esse tipo de separação diminui o contato entre as pessoas na cidade e torna todos os caminhos menos seguros. O espaço público muito aberto resulta para a autora em espaços pouco utilizados, que com o tempo sofreriam inevitavelmente um processo de degradação.

Durante as décadas seguintes a crítica ao urbanismo moderno se consolida e surgem alternativas para o planejamento e desenho urbano que tentam resgatar características da cidade tradicional, contudo o que nos interessa nesse trabalho é observar como se constituiu o espaço público no mais completo exemplar de cidade pensada a partir da aplicação das premissas da Carta de Atenas, e como as críticas a esse paradigma podem ser consideradas no caso de Brasília.

2.2 Plano de Lúcio Costa: Projeto e Crítica

Quando em 1956 é lançado o edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil já havia uma série de dados sobre o sítio que foram coletados ao longo de quase um século. A proposta de interiorização da capital remonta o período da independência, contudo somente com a proclamação da República em 1889, iniciaram as ações de estudo da região central do país de forma a viabilizar a mudança.

A transferência da capital para o centro do país era a plataforma principal do governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, que tinha como lema “50 anos em 5”. JK, como era conhecido, focou seu governo no fortalecimento da indústria, sobretudo a automobilística, no investimento em energia e na integração com o interior do país. A ampliação da abertura ao capital estrangeiro, com estreitamento das relações com os Estados Unidos também é um dos marcos do governo de Kubitschek. Em 1956 as comunicações já contavam com a TV, embora o rádio ainda fosse o meio de comunicação mais popular no Brasil. JK, como político habilidoso associa sua imagem a fenômenos culturais como a Bossa Nova e aproveita sua boa relação com setores da imprensa para estar em evidência como um líder carismático e moderno.

Para o cumprimento de sua meta mais audaciosa, Kubitschek quis produzir uma cidade que fosse digna de voltar os olhos do mundo para o Brasil, vendendo a imagem de um país que se modernizou. Para tanto, a proposta deveria sintetizar o ideal de progresso tanto na técnica como na estética. JK acreditava que o arquiteto capaz de levar a cabo essa proposta era Oscar Niemeyer, com quem já havia trabalhado em sua gestão como prefeito de Belo Horizonte no projeto do complexo arquitetônico da Pampulha, obra na qual Niemeyer

experimenta a plasticidade do concreto armado em um nível bastante arrojado e desperta a atenção da crítica internacional. Contudo, Niemeyer sugere que seja feito um concurso nacional de projetos para a escolha da proposta urbanística da nova capital e ele ficaria responsável pelo desenvolvimento dos projetos dos principais edifícios.



Figura 12. Igreja de São Francisco de Assis no complexo arquitetônico da Pampulha

O concurso é lançado em 1956 e são enviados para o júri 26 propostas. É possível perceber claramente nos projetos do concurso para o plano piloto a influência da Carta de Atenas. Além disso, o próprio edital já deixa implícito o uso de setorização na proposta:

“3. O plano deverá abranger: a) Traçado básico da cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuição dos espaços livres e vias de comunicação.”

O júri escolhe como vencedora a proposta número 22 de Lucio Costa. Uma das características importantes observadas no projeto e no relatório enviados por Lucio Costa para o Concurso do Plano Piloto é a síntese com que a proposta se apresenta. Segundo William Holdford, que foi membro do júri, “o relatório não contém uma só palavra destituída de propósito” e a proposta “mesmo apresentada na forma de esboço mostra o que é necessário saber”. O conteúdo do relatório e os croquis produzidos por Costa resumem com clareza o pensamento urbanístico que norteia o projeto do Plano Piloto. Na apreciação do júri, os primeiros pontos apontados são a facilidade de apreensão do plano e o fato de ser o único projeto que responde à necessidade de criar não simplesmente uma cidade nova, mas também uma cidade capital.

Em seu Relatório do Plano Piloto, Lúcio Costa faz uma relação entre o gesto de criação da cidade e o sinal da cruz. A solução de cruzamento de dois eixos de forma perpendicular resolve de forma sintética o que ele entende que deve ser uma cidade capital. No eixo norte-sul são alocadas as funções próprias do cotidiano de uma cidade moderna como as habitações, o pequeno comércio e os equipamentos. No outro eixo, chamado de monumental, se organizam as funções administrativas da cidade, onde Lúcio Costa aponta haver um “desejável caráter monumental”. Nesse eixo, ao oeste se localizam as funções da municipalidade e ao leste é destinado às funções administrativas e simbólicas da cidade capital. É importante ressaltar, que como o próprio Lúcio Costa aponta no texto, a monumentalidade não está ligada na proposta à ostentação, mas sim a algo “consciente daquilo que vale e significa”. A monumentalidade do espaço remete à um sentido coletividade que extrapola os limites do próprio espaço físico. No cruzamento desses dois

eixos é alocada a plataforma rodoviária e ao seu redor a zona central com os setores culturais, de diversões, hotéis e edifícios de escritórios.

Para a articulação do eixo residencial, a solução viária proposta é uma via expressa central, e de cada lado um par de vias arteriais sem cruzamento em nível. O eixão e os eixinhos, como ficaram conhecidas essas vias, representam a dimensão da velocidade e da eficiência na função de “circular”, definida pela Carta de Atenas como uma das quatro principais funções da cidade moderna.

A circulação tem um papel de grande relevância para o urbanismo modernista, e o cumprimento dessa função, exige a utilização de artifícios de projeto que visam aumentar a eficiência no modo de se deslocar pela cidade. O projeto de cidade baseado nas premissas modernas tende a evitar o cruzamento em nível, substituindo estes por rotatórias e cruzamentos em trevo. Fica explícita essa intenção de projeto no relatório de Lúcio Costa para concurso do Plano Piloto:

“E houve o propósito de aplicar princípios francos da técnica rodoviária — inclusive a eliminação dos cruzamentos — à técnica urbanística, conferindo-se ao eixo arqueado, correspondente às vias naturais de acesso, a função circulatória tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais para o tráfego local e dispondo-se ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais.” (COSTA, 1957)

Sem dúvida, uma grande transformação com relação à cidade tradicional é a ruptura com configuração de rua. Todo o sistema viário é pensado de forma autônoma, enquanto para a

circulação de pedestres o plano propõe a liberação completa do solo. É marcante o papel central do automóvel na cidade pensada por Costa.

“Fixada assim a rede geral do tráfego automóvel, estabeleceram-se, tanto nos setores centrais como nos residenciais, tramas autônomas para o trânsito local dos pedestres a fim de garantir-lhes o uso livre do chão.”
(COSTA, 1957)

As outras funções básicas de uma cidade moderna definida pelo IV CIAM, eram a habitação, o trabalho e o lazer. A questão da habitação vai sofrer no projeto de Lúcio Costa influências das pesquisas desenvolvidas na Escola de Chicago sobre unidade de vizinhança, da cidade jardim e dos projetos de Le Corbusier para habitação como a Unidade de Marselha. Ao longo do grande eixo residencial uma sequência de quadras de 300x300 metros, cada uma com uma faixa verde ao redor e edifícios de até seis pavimentos sobre pilotis, que por suas dimensões Lucio Costa chama de superquadras. No interior das quadras ainda são previstas unidades escolares para o ciclo básico e fundamental de ensino. Cada conjunto de quatro “superquadras” formaria uma unidade de vizinhança, com comércios e área para equipamentos maiores como escola destinada a ensino médio, clube de vizinhança, igreja, cinema, etc. Embora esse eixo da cidade seja predominantemente residencial, a grande área verde cria um espaço bucólico em praticamente todos os espaços do Plano Piloto, fica evidente o contraste entre o intenso fluxo no eixão e a poucos metros a tranquilidade no interior de uma superquadra.

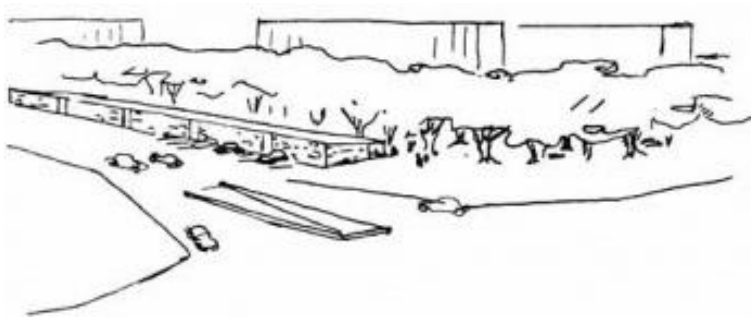


Figura 13. Croqui do comércio com superquadra ao fundo.

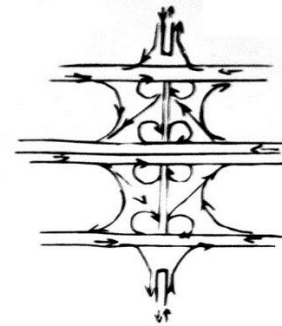


Figura 14. Croqui com detalhe dos cruzamentos em trevo.

O outro eixo é composto por duas largas vias separadas por uma faixa de grama de 200m de largura. Para a implantação desse eixo o projeto propõe a execução de três terraços onde ficariam respectivamente no mais alto a Torre de TV e a faixa oeste do eixo, no nível seguinte a Plataforma Rodoviária e no plano mais baixo a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes.

No projeto de Lucio Costa a Torre de TV é a única construção que já tem um traçado arquitetônico definido. A intenção era de ao mesmo tempo criar um marco pontual no terreno de baixa declividade da cidade e fazer um mirante de apropriação do plano a partir de um panorama. Um grande vazio gramado separa a Torre de TV da Rodoviária, que é o cruzamento dos eixos e o centro do que Lucio Costa imagina como uma cidade capital. Na proposta de Lucio Costa e durante muitos anos após a inauguração da cidade, a plataforma rodoviária servia para o embarque e desembarque das linhas interestaduais, de modo que o

visitante ou o migrante chegavam à Brasília a partir do centro do Plano, com a vista para a Esplanada dos Ministérios, que é parte mais pregnante de todo o conjunto.

A proposta de Lucio Costa imaginava um centro cosmopolita, em que ao redor do terminal rodoviário estariam os setores de diversão e culturais.

10 – Nesta plataforma onde, como se via anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). A face da plataforma debruçada sobre o setor cultural e a esplanada dos ministérios, não foi edificada com exceção de uma eventual casa de chá e da ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões, como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. (COSTA, 1957)

Na escala monumental, que como o próprio nome sugere, está presente o sentido coletivo, do espaço. O conjunto a leste da rodoviária abriga a catedral, a esplanada dos ministérios e termina com a Praça dos Três Poderes onde estão em cada vértice de um triângulo a sede de um dos poderes da república. Inspirada no mall inglês, a Esplanada tem ao fundo da perspectiva o edifício do Congresso Nacional. Tanto a esplanada como a praça dos três

poderes são espaços sem arborização. Essa opção faz parte do caráter cívico do lugar. Lucio Costa quis criar um espaço diferenciado e simbólico, destinado a “paradas e desfiles”, em que o monumental não fosse confundido com o bucólico que permeia os outros espaços do Plano Piloto.



Figura 15. Panorama da Esplanada dos Ministérios em um dia comum. Imagem: Sérgio Francês

O projeto do Plano Piloto apresenta, tanto nas áreas monumentais como nas destinadas ao uso cotidiano, diversidade de espaços públicos. É clara a aplicação dos princípios da Carta

de Atenas na setorização das funções da cidade. O fecho do relatório de Lúcio Costa com a frase “Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade parque” resume bem a proposta de uma cidade que busca estar conectada à crença no progresso tecnológico priorizando o transporte motorizado e ao mesmo tempo criando grandes espaços abertos característicos do urbanismo moderno.

Embora a cidade implantada tenha algumas diferenças significativas com relação à proposta apresentada por Lúcio Costa, a essência do projeto foi mantida. Alguns trabalhos, como o de Francisco Leitão ajudam no estudo das diferenças entre o projeto e a cidade implantada. Além disso, é fundamental ter em conta que Brasília cresceu com o desenvolvimento de regiões administrativas periféricas que com o tempo se aproximaram cada vez mais do centro, de modo que hoje o Plano Piloto é apenas a região central de um contexto urbano muito mais amplo.

Desde o início, a recepção ao projeto de Brasília teve por um lado a defesa incondicional aos seus princípios e de outro o estranhamento e a crítica à configuração de seus espaços. Os primeiros textos sobre a cidade são publicados ainda antes de sua inauguração. Mais de meio século depois, Brasília possui vasta bibliografia produzida a seu respeito em diversos campos. A intenção do trabalho nessa parte é levantar alguns pontos do debate sobre a cidade que contribuíram no olhar adotado pela pesquisa.



Figura 16. Fotografia de Brasília a noite feita pela Nasa.

Hoje, Brasília apresenta problemas semelhantes a outras grandes cidades brasileiras, mas ao mesmo tempo carrega o estigma de cidade diferente, talvez mais por aspectos morfológicos que sociais. Morfologicamente, selecionamos quatro elementos que diferenciam morfológicamente o Plano Piloto das cidades tradicionais brasileiras: Separação

de fluxos de pedestres e veículos; 2. Ruptura quarteirão tradicional; 3. Setorização; 4. Espaços vazios. Esses pontos não possuem a intenção de esgotar o debate morfológico, senão apresentar um breve panorama crítico que conduz para o foco do trabalho.

Sobre o primeiro aspecto, é clara a intenção de Lucio Costa de aplicar o postulado na Carta de Atenas sobre a “circulação”. O circular é detalhado de forma tão cuidadosa no projeto de Brasília que se tornou comum a afirmação de “cidade pensada para os carros”. O fato é que todo o sistema de circulação de veículos é cuidadosamente definido no relatório apresentado por Lúcio Costa, enquanto para a circulação de pedestres é definido apenas que será separado do fluxo de veículos e é garantido aos pedestres o “livre uso do solo”. O resultado dessa separação é o que vai ser chamado por James Holston de “a morte da rua”. O tráfego de veículos ocorre por meio de vias, tal qual a circulação respiratória e o de pedestres não é definido, mas acontece preferencialmente separado das vias de veículos.

O segundo aspecto, que é a ruptura com o quarteirão, talvez seja o fator que causa o maior estranhamento em relação às cidades tradicionais. Na proposta de Lucio Costa, além das edificações serem volumes soltos em meio ao verde, todos os prédios residenciais e grande parte dos outros edifícios estão sobre pilotis. Por esse motivo o Plano Piloto não possui ruas e tampouco esquinas. A estrutura fundiária é fragmentada e a densidade baixa.

A proposta de Lucio Costa ao substituir os lotes por projeções e liberar todo o solo urbano supostamente permite uma maior democratização do espaço da cidade, oferecendo aos pedestres liberdade de fluxos. É importante reforçar o fato de que praticamente todo o solo se torna espaço público. Por um lado existe uma certa liberdade para os cidadãos, mas esse grande espaço livre também acaba por enfraquecer os espaços públicos tradicionais.

Ademais, a ausência de fluxos determinados acaba também desorientando os pedestres e tornando os caminhos menos densos, o que gera uma constante impressão de “falta de gente”. Do ponto de vista da gestão urbana, o fato de o estado ser responsável por todo o solo torna a implantação e manutenção da infraestrutura urbana muito mais cara que em uma cidade tradicional.

Enquanto na cidade tradicional os carros e os pedestres dividem a mesma calha viária, e as esquinas são grandes pontos de encontro, no Plano Piloto os pedestres tem a opção de atravessar por dentro das quadras. Para Jacobs, esse tipo de separação diminui o contato entre as pessoas o que gera sensação de insegurança.

Um trabalho de grande repercussão sobre Brasília foi desenvolvido pelo americano James Holston na década de 80, intitulado “A cidade modernista, uma crítica a Brasília e sua utopia”. No livro Holston apresenta críticas a Brasília a partir de um viés antropológico e faz apontamentos importantes sobre problemas como a segregação sócio espacial da cidade:

O que falta é a vida pública ao ar livre na cidade, uma esfera pública de encontros baseada em movimento, conversa, brincadeira, ritual, ostentação, assim como reunião política. Não há mais dimensões significativas da vida cívica para os que passaram a viver em Brasília. O centro da cidade onde a praça deveria ficar está vazio de qualquer outra coisa além de encontros instrumentais. [...] a vida social oscila, sem salvação, entre a casa e o trabalho. (HOLSTON, 1993)

O trabalho de Holston ajudou a cristalizar um imaginário sobre o Plano Piloto como um lugar de relações frias e pouca sociabilidade. O autor atribui à ausência de ruas e esquinas esse suposto fenômeno. No seu capítulo sobre “A morte da rua”, o autor defende a tese de que a intenção do urbanismo moderno ao eliminar a rua corredor é não somente uma questão de salubridade ou eficiência de tráfego, mas sobretudo o desejo de eliminar o tipo de relação social e política que para Holston a rua proporciona. O livro ainda coloca que o desenvolvimento das relações sociais em Brasília ocorre em espaços fechados como clubes e shoppings.

Enquanto para autores como Sennett e Arendt a modernidade conduziu a um esvaziamento do sentido político do espaço público, para Holston, o espaço moderno é o responsável pelo enfraquecimento da vida pública. A questão que se impõe é se o espaço molda as relações sociais ou é moldado por elas.

O aspecto da setorização é importante para compreender a dinâmica da cidade. As funções da cidade moderna: habitação, trabalho, lazer e circulação seriam separadas em setores. A solução adotada em Brasília foi a articulação da circulação em grandes eixos. A habitação é resolvida com as unidades de vizinhança onde estavam previstos equipamentos de lazer, como clubes e cinemas. No centro ficam os edifícios de escritórios e os setores culturais e de diversões. Essas separações produzem algumas distorções como o esvaziamento dos setores centrais à noite e aos finais de semana, o que para os críticos é resultado da ausência de diversidade de atividades. Outra crítica apontada é a monotonia dos setores, a ausência da diversidade produz espaços semelhantes, e isso levaria a uma dificuldade maior de orientação na cidade a partir de marcos referenciais.

O quarto aspecto, dos grandes espaços vazios, são outra característica da cidade pensada pelo CIAM. Na cidade moderna o vazio é o elemento estruturante de toda a trama urbana. O conceito de “escalas” desenvolvido por Ítalo Campofiorito para a proposta de reconhecimento do Plano Piloto como Patrimônio Cultural da Humanidade pode ser lido como esse conjunto de relações que o espaço vazio produz com o edificado em diferentes contextos da cidade. Na escala monumental o vazio é composto por grandes espaços de vista desimpedida, enquanto nos espaços residenciais, os grandes espaços arborizados compõem com os pilotis um espaço de maior acolhimento. Já na escala gregária, os vazios funcionam como respiros entre a massa edificada mais densa.

Os espaços vazios são também alvo da crítica urbanística. O arquiteto dinamarquês Jan Gehl em seu livro *Cidade para as Pessoas*, de 2010, produziu um capítulo chamado “Síndrome de Brasília”, no qual o autor toma o Plano Piloto e outros exemplos do urbanismo moderno para criticar o que ele considera um urbanismo pouco adequado para a escala humana. Gehl produz uma crítica contundente a Brasília e seus espaços, que ele define como “muito grandes e amorfos”. Uma outra perspectiva sobre os espaços vazios é adotada por Luciana Saboia, que interpreta os espaços vazios como espaços potenciais, onde pode se desenvolver as tensões próprias da sociedade. Embora o espaço possa ser analisado e criticado, é importante lembrar que ele existe para pessoas e que essas pessoas que se apropriam cotidianamente do espaço podem também transformá-lo a partir de suas interações. Essa apropriação do espaço é o que queremos discutir em seguida.

2.3 Apropriação e ocupação em Brasília.

Provavelmente a perspectiva da Esplanada dos Ministérios com o Congresso ao fundo é a imagem mais conhecida de Brasília. Representa no imaginário a cidade capital, e muitas vezes também cria a impressão de um espaço demasiadamente solene, voltado para o poder e distante da escala humana, contudo podemos, por outro lado, observar o amplo vazio como um lugar que está vazio por permanecer à espera. Por ser um grande espaço de vista desimpedida e por seu valor simbólico é comum que o espaço da Esplanada tenha se tornado ao longo do tempo palco para a realização de eventos diversos, como o Aniversário de Brasília ou as Celebrações de Ano Novo. Além desses eventos, diversos shows são realizados no gramado ao longo do ano, bem como celebrações religiosas. Do mesmo modo a Esplanada é também utilizada para manifestações de movimentos sociais. É comum o fechamento das vias em manifestações maiores, que muitas vezes se iniciam na rodoviária ou no museu e quase sempre tem como destino o Congresso Nacional ou a Praça dos Três Poderes. Algumas organizações utilizam o espaço para manifestações simbólicas, como a afixação de cruzes no gramado ou a montagem de acampamento.

No projeto da Esplanada dos Ministérios Oscar Niemeyer tentou ser o máximo fiel à proposta de Lúcio Costa. Um grande gramado que tem o fechamento definido pelos edifícios dos ministérios e ao final a relação que o Congresso Nacional cria com a paisagem e a praça dos Três Poderes. Após a praça, Lúcio Costa imagina a continuação da vegetação nativa. Para melhor descrevermos o espaço da esplanada vamos dividir o gramado em três grandes áreas. A primeira da Rodoviária até o fosso criado para a passagem da Via L2; O segundo

entre a L2 e a Alameda dos Estados e o terceiro o trecho em desnível até o Congresso Nacional.



Figura 17. Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes. Imagem do Google Earth

O primeiro trecho fica entre os setores culturais. A imagem de satélite permite analisar que pelo estado da grama a ocupação dessa área se dá de forma mais intensa. Diversos eventos com estrutura efêmera são realizados ao longo do ano nesse espaço. Entre o primeiro e o segundo trecho existe uma barreira que é o rebaixamento da via L2 para evitar o cruzamento com as pistas do Eixo Monumental. O segundo trecho é onde se manifesta o caráter mais monumental do conjunto, reforçado pelo fechamento que os edifícios dos ministérios nas laterais proporcionam. Ao longo do tempo essa área foi sendo cada vez mais utilizada para a realização de grandes eventos comemorativos. O terceiro trecho, por sua proximidade com o Congresso Nacional é onde costuma ser montado acampamento de manifestantes e é também onde grande parte das manifestações terminam.

A implantação do Congresso Nacional utilizou o desnível criado pelo terrapleno da Esplanada de modo que o edifício principal fica no nível do gramado, criando uma plataforma para apreciação da praça e do cerrado que se descortina ao fundo. Ao mesmo tempo que esse gesto de projeto permite a continuidade visual entre a esplanada, o congresso e a praça. Cria um conjunto de espaços acessíveis que reforçam o sentido coletivo do espaço.

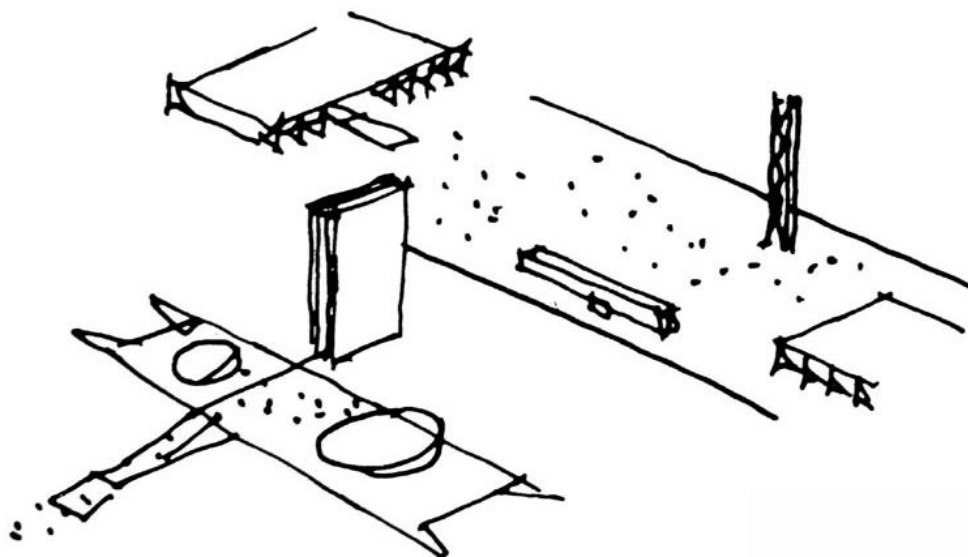


Figura 18. Croqui de Oscar Niemeyer da Praça dos Três Poderes.

Do nível do solo na esplanada, só é possível ver as duas cúpulas, do senado e da câmara, e as duas torres que funcionam como anexo das casas legislativas. Entre a esplanada e o congresso Oscar Niemeyer cria um plano inclinado com o terreno que no ponto mais baixo encontra as rampas de acesso. Na proposta do projeto o acesso ao terraço seria livre, mas

como não há guarda-corpos ou outras barreiras de segurança, foram colocados bloqueios na rampa para impedir a subida de pessoas não autorizadas.

Contudo, pelo caráter de excepcionalidade do espaço, a ocupação cotidiana é rarefeita. O clima quente e seco de Brasília faz com que o grande espaço sem sombreamento seja ambientalmente desconfortável grande parte do dia. Os fluxos principais de pedestres acontecem pela zona sombreada entre as vias e os edifícios dos ministérios. A permanência também só é registrada nos momentos em que ocorre alguma ocupação efêmera.



Figura 19. Visita ao Congresso na Inauguração de Brasília. Foto: Thomas Farkas

Cerca de um milhão de pessoas passa pela Rodoviária do Plano Piloto todos os dias e tem contato com a vista da Esplanada, o que faz com que apesar do seu caráter monumental o espaço tenha também um sentido no cotidiano dos habitantes da cidade. É uma presença apesar da distância de quase dois quilômetros que separa a Rodoviária e o Congresso Nacional. As vias do eixo monumental, que são compostas por seis pistas em cada sentido, costumam ter o fluxo de veículos bloqueado durante grandes eventos ou manifestações tornando esplanada um grande espaço contínuo para pedestres



Figura 20. Festa do Aniversário de Brasília na Esplanada. Beto Barata/AE. Fonte: Estação

O sentido do monumental, como Lúcio Costa explica no relatório do Plano Piloto, não é a ostentação, mas a “consciência daquilo que vale e significa”. O espaço da esplanada e do Congresso Nacional se relacionam com uma coletividade muito mais ampla, a de toda a nação. Apesar de sua apropriação cotidiana, são nas grandes ocupações que o espaço apresenta seu sentido de modo mais pleno.



Figura 21. Posse de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003

Além das ocupações nos espaços monumentais, a população cria modos de ocupar os demais espaços públicos da cidade. O parque da cidade é o maior parque urbano do mundo e sua grande área plantada serve como parte do cinturão verde em torno do Plano Piloto. Por sua grande extensão, com cerca de 420 hectares, o parque conta com diversos equipamentos para esporte e lazer, como pista de corrida, kartódromo, parque de diversões, parques infantis públicos, pavilhão de exposições, churrasqueiras e quadras de esporte.



Figura 22. Parque de diversões em primeiro plano, ao fundo kartódromo e o lago.

O setor norte do parque tem um uso mais intenso por estar mais próximo ao centro do Plano Piloto. Nessa parte ficam o parque de diversões Nicolândia, o castelinho e o lago artificial. Entre esses espaços é comum que ocorram uma série de eventos e encontros. O parque não possui hoje nenhuma linha de ônibus que passe por seu interior, mas o acesso principal fica voltado para o eixo monumental, facilitando o acesso por transporte público. A leste do parque passa a via W3 sul, que é um dos principais corredores de ônibus de Brasília, e a oeste a Estrada Parque Indústrias Gráficas, que é outra importante ligação do Plano Piloto com outros bairros. No estacionamento do kartódromo ocorrem festas pelo menos uma vez por mês, sempre com som automotivo e com os participantes levando a própria bebida. Além desse uso o parque atrai naturalmente, esportistas de diversas modalidades.

Como o parque é cercado e possui apenas seis acessos em todo o seu perímetro, uma das entradas mais utilizadas é a voltada para o Setor Comercial Sul, pela proximidade com a rodoviária e com o shopping Pátio Brasil, que durante muitos anos foi ponto de encontro de diversas tribos urbanas. Em meados dos anos 2000, jovens se reuniam às sextas à tarde em frente ao centro comercial e com o cair da noite seguiam para o parque da cidade. Como vários desses jovens eram menores, houve uma intensificação da fiscalização policial sobre o consumo de bebidas no Parque, e algumas festas tradicionais, como a que acontecia todos os fins de semana no estacionamento 04. Um dos eventos catalogados no âmbito dessa pesquisa foram realizados no Parque da Cidade, a Guerra de Tintas anualmente reúne milhares de jovens, que se encontram no parque da cidade para um dia de lazer.



Figura 23. Guerra de tintas no Parque da Cidade

Outro espaço, menos obvio que o parque, que tem se consolidado como palco da apropriação é a via expressa do eixo rodoviário, conhecida como eixão. A pista que foi pensada dentro da lógica moderna da velocidade ao longo do tempo, devido ao alto índice de acidentes ficou conhecida como “eixão da morte”. Ainda na década de 80 o governo atua para desassociar do eixo rodoviário o estigma de “eixo da morte”. A ação mais exitosa nesse sentido é a criação do projeto “Eixão do Lazer”. A proposta era uma vez por mês atividades físicas realizadas no espaço do eixão. A partir de 1991 o Eixão do Lazer passa a fechar a via

todos os domingos, das 6h às 18h. Durante esse período diversas pessoas utilizam o espaço para a prática de atividades físicas ou mesmo para aproveitar a paisagem de parque. O espaço pensado na velocidade da máquina adquire um tom mais humano.



Figura 24. Eixão do Lazer

Esse uso diversificado conferiu um caráter mais democrático ao espaço, que hoje abriga eventos como a Parada do Movimento LGBT e Blocos de Carnaval. Recentemente, além dessas ocupações que se tornaram tradicionais, tem sido possível observar pelas redes sociais a organização de ocupações para lazer ou encontro no Eixão, como é o caso do Isoporzinho, que segundo os organizadores era um protesto contra os preços das bebidas nos bares e que conclamou as pessoas a pegarem caixas de isopor e piscinas de plástico

para beber no espaço público. O Isoporzinho teve uma edição em janeiro de 2014 no Rio de Janeiro e em seguida foi organizado em Brasília, na qual centenas de pessoas ocuparam o eixão e a área verde entre as pistas. Outra ocupação do eixão que possui relação com a cibercultura é o Forró de Vitrola, evento que busca valorizar a dança e promove bailes abertos no espaço público.



Figura 25. Parada do orgulho LGBT no eixão.

Há ainda diversos outros exemplos que podem ser citados sobre a apropriação em diversas escalas, contudo o importante talvez seja refletir sobre esse contraste de espaços que em muitos momentos é praticamente impossível “ver gente” e em outros momentos “conhecem as multidões”. Nossa impressão é de que embora as observações críticas sobre baixa apropriação cotidiana dos espaços, a configuração do Plano Piloto com base nas premissas

da Carta de Atenas não parece representar amarras à apropriação. Com o tempo e a consolidação da cidade o que podemos observar é uma tentativa constante de promover modos de ocupação que aproveitem o espaço público dentro das possibilidades que o vazio promove.



Figura 26. Primeiro Isoporzinho de Brasília no eixo rodoviário sul

terceiro_capítulo

ocupando a cidade

ocupações, manifestações e happenings

O lugar escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o Plano Piloto de Brasília. O primeiro recorte é espacial. Como praticamente todo o solo do Plano Piloto é público, consideramos para o desenvolvimento da dissertação espaço público como o apenas o “vazio potencial” ou seja espaço de livre acesso que não configura uso privativo. Desse modo, vias públicas, praças, parques, áreas verdes, etc. estão inseridos na pesquisa, enquanto jardins privados, clubes, e o interior de prédios públicos não foram considerados.

O segundo corte, e que faz parte da justificativa inicial do trabalho se relaciona com a internet. Foram selecionados para estudo apenas eventos novos cuja capilaridade fosse essencialmente por meio virtual e que mesmo se contínuos, tivessem um caráter espontâneo, dessa forma excluem-se fenômenos que tenham uma organização baseada em outras mídias, encontros de grupos sociais, encontros tradicionais de rua como blocos de carnaval e manifestações tradicionais como grito dos excluídos ou as paradas gay.

Como recorte temporal consideramos o ano de 2004, quando ocorre a ativação dos sites Orkut e Facebook na web. Entendemos que embora já houvesse o conceito de “rede social”, esses dois sites representaram um novo paradigma no modo de usar a internet para socialização de forma massificada. Além disso, o período de dez anos parece suficiente para estudar fenômenos relacionados com a internet, considerando que as transformações produzidas por essas novas mídias se dão de modo cada vez mais veloz.

Definida a delimitação do objeto, a pesquisa partiu para a etapa de coleta de dados. O método proposto incluiu a coleta de informações, levantamento iconográfico e mapeamento da repercussão desses eventos na Internet. Com esses dados foram produzidas fichas de

fenômenos urbanos que atendiam aos requisitos definidos pelos recortes. Nos casos em que foi possível, foi feita a observação da realização do evento, para analisar particularidades.

Após a coleta dos dados a etapa seguinte foi a produção de mapeamento dos fenômenos com a respectiva análise do espaço que abriga o evento e o estabelecimento de categorias de análise. Dos dez eventos mapeados, selecionamos três com base na “escala” da cidade em que foram realizados para produção de estudos de caso mais aprofundados. Um dos eventos é a Marcha do Vinagre, que ocupa a escala monumental, o segundo fenômeno é a Jam do Museu, realizado na escala gregária e por fim o Sarau da Passagem, que ocorreu na escala residencial. Definidos os objetos as categorias para análise escolhidas foram: fluxos e permanências para a análise espacial e divulgação e repercussão para a análise no campo do ciberespaço.

3.1 Sarau da passagem

Como foi explicitado anteriormente, o Projeto de Lucio Costa define uma detalhada trama de circulação para os automóveis. Para os pedestres é pensada a separação de fluxos com os automóveis e a liberação de todo o solo urbano com o uso de pilotis. As implicações desse gesto de projeto são por um lado a ampliação do espaço público urbano, tornando toda a cidade um parque de livre acesso e circulação e por outro lado, a ausência de caminhos determinados, com pessoas circulando em uma determinada frequência, causa a impressão de grandes espaços vazios.

Uma das soluções para a circulação que vai ser mais questionada posteriormente é a manutenção do eixo rodoviário com pistas de alta velocidade. A permeabilidade que existe

para os pedestres no interior dos setores comerciais e residenciais não é a mesma ao atravessar de um setor para outro, contudo, com a consolidação da cidade e o aumento do número de veículos, a via expressa que faz a articulação dos setores residenciais se tornou uma verdadeira barreira.

A solução de projeto adotada para integração entre os dois lados do eixo é a de passagens sob as pistas para uso de pedestres, contudo, as passagens ficaram subutilizadas por diversos problemas. A construção das passagens foi feita na proximidade com o comércio e com as tesourinhas, contudo, na Asa Sul, devido ao fluxo intenso de ônibus nos pontos de parada¹⁰, os pontos de ônibus do eixo rodoviário que anteriormente ficavam em frente às superquadras foram transferidos para as entrequadras, o que aumentou a distância entre o ponto de desembarque do pedestre e o local de passagem. Para termos uma noção mais clara, o eixo rodoviário de uma margem a outra tem 160 metros de largura. O pedestre que precisa atravessar de um ponto de ônibus ao ponto equivalente do outro lado da via pela passagem subterrânea precisa andar aproximadamente 750 metros. Caminhada superior ao que qualquer manual consideraria confortável para acessar um eixo de transporte público. Nas quadras onde houve abertura de estações do metrô, o problema foi solucionado com a construção de novas passagens, mais amplas, bem iluminadas e com acessibilidade. Entretanto, a implantação do metrô iniciada nos anos 90 dura até hoje, sem previsão ainda de linha para a parte norte do Plano Piloto, e as quadras sem estação permanecem com passagens distantes.

¹⁰ Relatório DER

Outro grave problema é a ausência de manutenção das passagens. Mesmo durante o dia as condições de iluminação são precárias, o sistema de drenagem em algumas passagens está entupido, o que gera alagamentos, além disso as condições de higiene são insatisfatórias. Como a proposta do metrô é implantar novas passagens adequadas e com manutenção constante, o poder público não realizou adequações nas passagens existentes. Em muitos casos não há acessibilidade para pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida.



Figura 27. Passagem subterrânea sem drenagem adequada

Esse conjunto de fatores criou um estigma sobre as passagens, que foram se tornando também sinônimo de espaço inseguro. É significativo que mesmo com o alto índice de

atropelamentos no eixo rodoviário, que ficou conhecido como eixão da morte, muitas pessoas preferiram arriscar a vida ao atravessar pelas passagens.



Figura 28. Situação do calçamento nas passagens. Imagem do Google Street View

A passagem que fica entre o setor bancário sul e o setor hospitalar sul possui fluxo intenso de pessoas durante o dia, e durante a noite sofre esvaziamento como toda a zona central da cidade. Nessa passagem, pela grande quantidade de pessoas, se desenvolveu um comércio informal, de comida, roupas e produtos importados. Nas outras passagens, devido ao baixo fluxo, raramente se observa atividade comercial. A permanência geralmente é de moradores de rua, durante o dia e à noite e de usuários de drogas, geralmente no período da noite.



Figura 29. Passagens subterrâneas mesmo durante o dia são escuras. Foto: Marcel Vieira

O entendimento mais aprofundado sobre o contexto urbano das passagens subterrâneas exige uma análise sobre o eixo rodoviário. O eixão, como ficou conhecido, é um conjunto de sete pistas, sendo três em cada sentido e uma faixa central para emergências e para separação das pistas. Não existe barreira física entre as pistas dos dois sentidos, o que

garante a continuidade do espaço. A via que foi pensada para a velocidade ficou marcada ao longo do tempo pelos graves acidentes de trânsito e o alto índice de atropelamentos.

Contudo, apesar da liberação do espaço para o lazer aos domingos, os atropelamentos e acidentes no eixo rodoviário permanecem constantes. Uma das soluções propostas seria a instalação de uma barreira entre as pistas dos dois sentidos como forma de impedir colisões frontais e a passagem de pedestres sobre a via. Outra proposta, defendida por urbanistas como Frederico de Holanda é a redução da velocidade da via e implantação de passagens de pedestres sobre a via com semáforos. Nesse caso a separação entre as pistas seria feita por um canteiro com vegetação. Há resistência a essas propostas por parte do IPHAN, que entende que esse tipo de modificação traria prejuízo ao tombamento do Plano Piloto.

Em 2007, o DER (Departamento de Estradas de Rodagem) do Distrito Federal contratou a consultoria da TC/BR Tecnologia e Consultoria Brasileira S. A com finalidade de pesquisar as condições do tráfego de pedestres na travessia do eixo rodoviário. A intenção era melhorar as condições de travessia como forma de reduzir os números atropelamentos. De 2000 a 2006, houve 86 vítimas fatais de acidentes no eixão, destes 66 erram pedestres. A pesquisa gerou um relatório síntese, que apesar de já se terem passado oito anos, ainda apresenta dados relevantes para a compreensão da relação entre os pedestres, o eixo e as passagens subterrâneas.

Passagem subterrânea	Volume de pedestres / dia
Galeria dos Estados	12.568
Setor Bancário Sul	11.441
SQS 203	2.867
SQS 205	2.167
SQS 207	2.842
SQS 209	2.540
SQS 211	2.324
SQS 213	2.372
SQS 215	1.898
Metrô	12.242
Setor Hospitalar Norte	1.145
SQN 203	2.054
SQN 205	2.403
SQN 207	2.281
SQN 209	2.892
SQN 211	2.796
SQN 213	1.428
SQN 215	1.994
TOTAL	70.254

Figura 30. Gráfico da pesquisa do contabilizando as travessias de pedestres nas passagens subterrâneas. Fonte: DER/DF

Segundo o relatório, que usa dados de 2006, naquele ano o tráfego de automóveis pelo eixão era da ordem de 40.000 veículos por dia. No mesmo período, a cada dia, mais de 80.000 pedestres atravessavam o eixão. A grande maioria, segundo os dados do relatório, efetua a travessia pelas passagens subterrâneas.

Local	Volume de pedestres / dia
Hospital de Base	824
SQS 102	694
SQS 103	103
km 7,5	128
km 10	1.107
km 10,9	583
km 12,1	4.078
km 13	510
Ponte do Bragueto	825
km 0,8	210
SQN 115	263
SQN 114	756
km 2,4	702
SQN 111	246
km 4,1	260
km 5,8	78
km 6,5	11
SQN 104	72
SQN 103	142
TOTAL	11.592

Figura 31. Travessias de pedestre sobre o eixo rodoviário. Fonte: DER/DF

Cerca de 85% das travessias observadas na contagem foram feitas de forma “segura”. Esse número, é utilizado na conclusão do relatório como um parâmetro para priorizar a solução das deficiências nas passagens subterrâneas ao invés de propor soluções que utilizassem a passagem sobre as pistas. Contudo, como o número de travessias sob as pistas é bastante elevado, o relatório estuda ainda as causas que levam os pedestres a não utilizar as passagens.

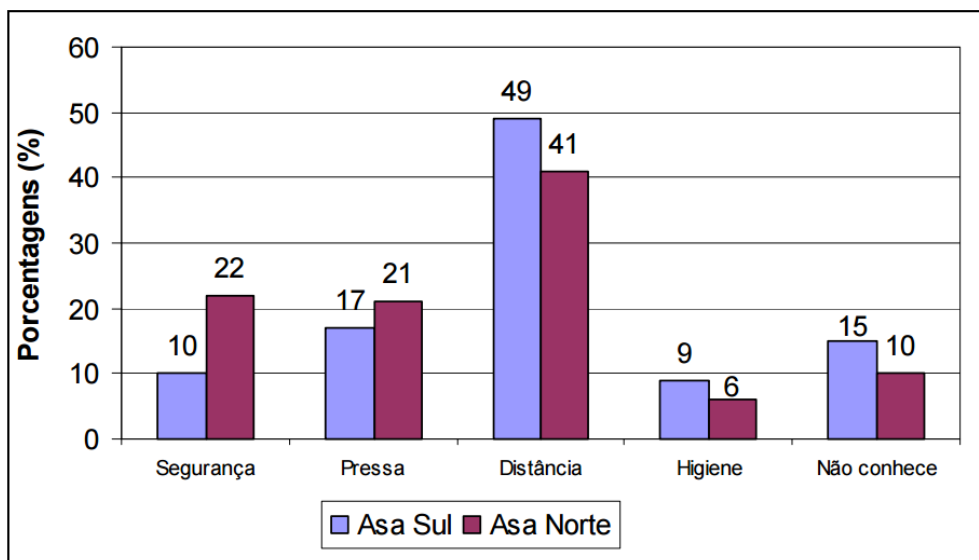


Figura 32. Gráfico da pesquisa do DER sobre os motivos para a não utilização das passagens pelos pedestres. Fonte: DER/DF

Outro dado importante da pesquisa é que 81% dos entrevistados chegaram até a passagem de ônibus. No caso da Asa Sul, a distância talvez tenha sido apontada como o principal motivo para a não utilização das passagens pela alteração dos locais de parada dos ônibus. Na época da pesquisa existiam duas estações do metrô ativas na Asa Sul, hoje são seis estações com passagens com boas condições de acessibilidade e manutenção, o que provavelmente traria outros resultados.

Um percentual expressivo de entrevistados (21%) apontou a falta de segurança e de higiene como motivos para não utilizar as passagens. O diagnóstico da consultoria é de que as passagens ofereciam condições precárias de manutenção, sendo necessário realizar revitalizações e adequações de acessibilidade.

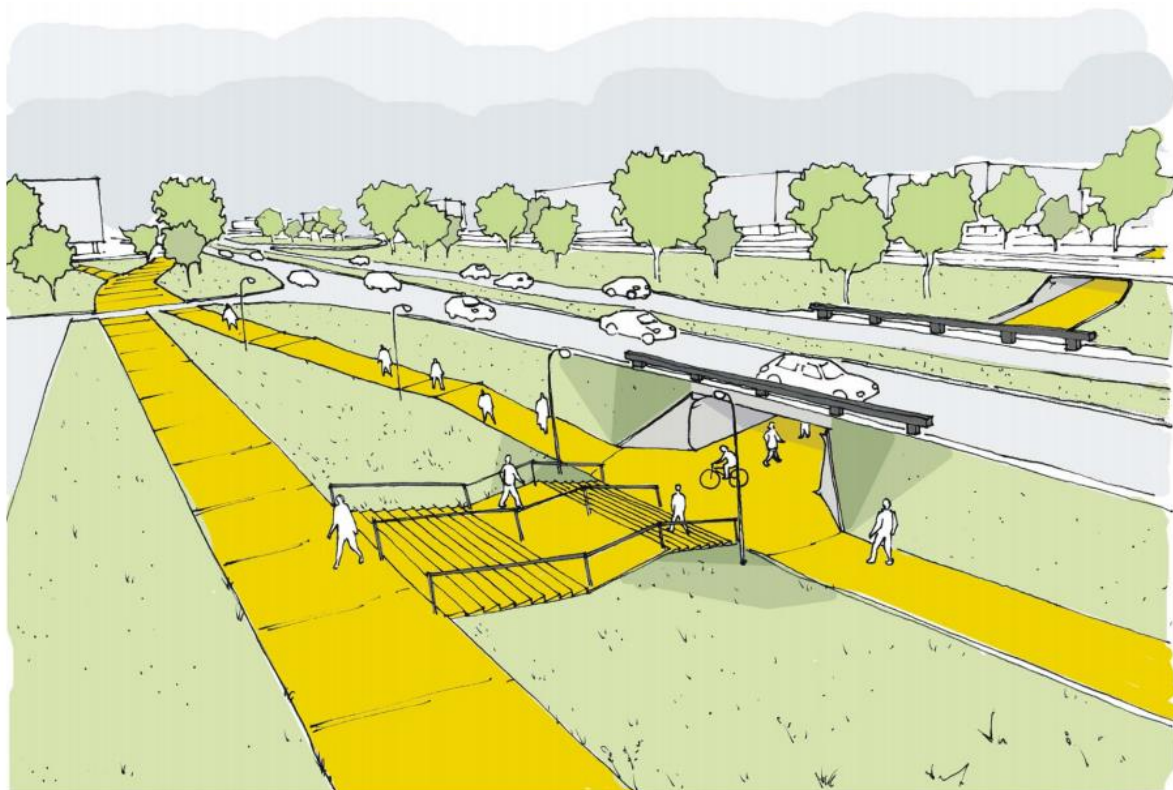


Figura 33. Croqui da proposta de revitalização das passagens. Fonte: DER/DF

A conclusão do relatório indicava algumas diretrizes de ação a curto prazo e a longo prazo e o ajuste das passagens com base em croquis que sintetizavam a proposta, como o da imagem abaixo. O modelo considerado exitoso foi o das passagens das estações do metrô, onde há manutenção, vigilância e a possibilidade de implantação de comércio e serviços públicos. Em fevereiro de 2012 o GDF firmou contrato com o IAB-DF para realização de concurso público de projetos para a revitalização das passagens subterrâneas. O projeto vencedor foi

a proposta de autoria da equipe de arquitetos Gustavo Partezani, Daniel Maeda, Diogo Esteves, Guilherme de Bivar, Ingrid Ori e Rafael Costa.

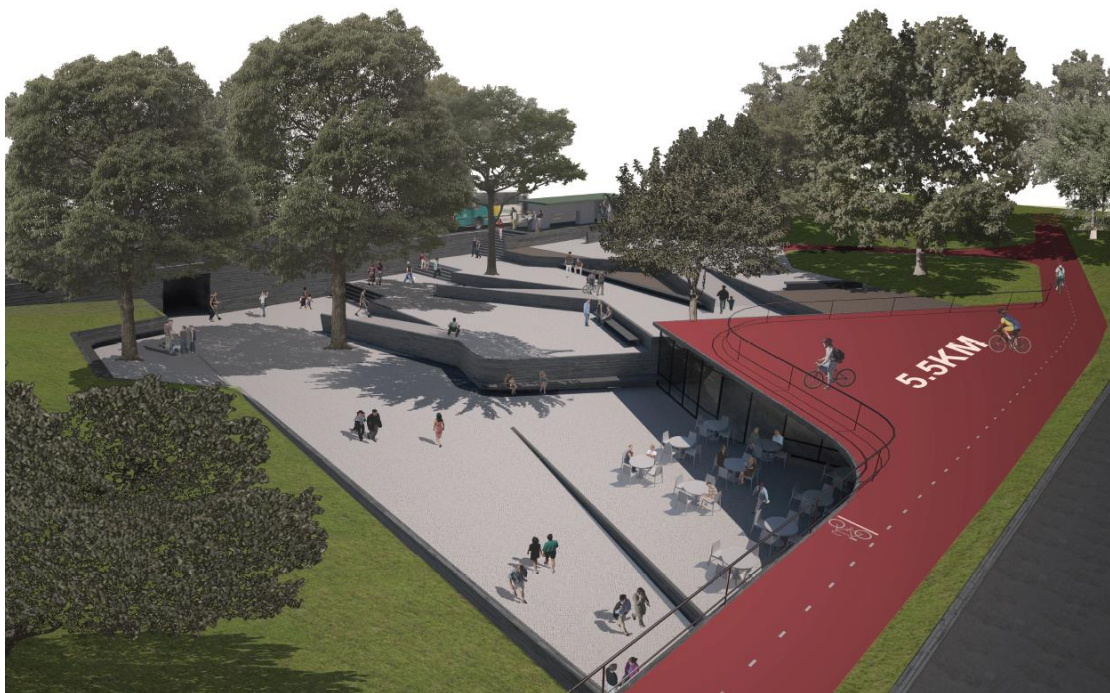


Figura 34. Primeiro colocado no concurso de projeto para as passagens sob o eixão. Imagem do site: <http://concursosdeprojeto.org/2012/04/21/projetos-premiados-passagens-sob-o-eixao-brasil/>

O memorial apresentado pela equipe fala sobre “transformar as passagens em um lugar”. A proposta é a criação de espaços de permanência com mobiliário urbano nos canteiros entre as vias. Essas praças seriam articuladas por uma ciclovía. Nas demais propostas premiadas e nas menções honrosas, fica explícita a intenção de “humanizar” o ambiente das passagens, criando espaços agradáveis para a permanência e para o lazer.

É interessante notar que a dimensão do “lazer” fica inconscientemente atrelada ao espaço, de modo que os projetos tendem a transformar o caráter de um espaço de passagem em um lugar de permanência. Essa reconfiguração do existente ao mesmo tempo mantêm a ligação com a proposta de Lúcio Costa de “eixo” ao criar um elemento articulador de todas essas praças com a proposta da ciclovia. O eixo e as passagens são espaços que fazem parte do universo do cotidiano e claramente é possível ver o modo como as pessoas se interessam pelo destino dos espaços da cidade.

No início de 2012, em janeiro, surgiu o Sarau da Passagem, uma proposta que não pelo projeto, mas pela ação, reconfigura o espaço da passagem transformando em um lugar de permanência e lazer. Segundo relato de Daniel Caltabiano, um dos organizadores do Sarau, a ideia foi proposta por seu irmão, Felipe Caltabiano após observar que o gramado adjacente à passagem da 209/109 norte era pouco aproveitado apesar de se parecer um parque. Os dois irmãos, que moravam na superquadra 210 norte ao lado da passagem subterrânea, fizeram um evento no facebook e convidaram alguns amigos.

Meus caros,¹¹

Nessa próxima sexta feira 13, vos convido para popularem a passarela da 9N e trazerem consigo toda a vossa arte. Congreguemos em um evento de muita música, dança e amor.

¹¹ Descrição no evento no Facebook do primeiro Sarau da Passagem. Texto disponível em: <https://www.facebook.com/events/318864568135693/> Acessado em 04/04/2015

Tragam vossos instrumentos de arte, sejam guitarras, gaitas, bambolês, palavras, ou mesmo vossos corpos. Que essa sexta feira 13 seja regada à belos sons, poesia e harmonia.

A ideia é celebrar a vida e mostrar que valorizamos cada metro quadrado de nossa cidade. Que essas passagens deixem de ser um lugar inóspito nas madrugadas, intransitáveis por aqueles que necessitam transitá-los. É apenas um dia, uma noite, em uma passarela e parece pouco. Mas toda jornada se inicia com um primeiro passo.

Às 17h nos encontraremos na passagem, em um mutirão para a limpeza do local. Tragam todos os apetrechos de limpeza que puderem, porque nunca se sabe o que é deixado nesses lugares...

O ponto de encontro será embaixo da goiabeira.

Recapitulando:

- Sarau e Mutirão de limpeza da passarela do eixão!

- Passarela da 209 NORTE

- A partir das 17h

- O que trazer:

**Instrumentos musicais, energia, dança, poesia, palavras, amor...*

**Café, chás, bebidas, comidas e o que mais quiserem, LEMBRANDO*

QUE: não vamos deixar lixo lá após o evento. Portanto venham preparados para levar de volta qualquer lixo que produzirem.

**Jogos, baralhos, bumerangues*

**Apetrechos diversos de limpeza*

**Velas para iluminar nossa passagem (seria interessante cada pessoa trazer um pacote de velas)*

**Bancos, cadeiras, etc.*

**Qualquer outra coisa que julgarem útil, divertida ou necessária*

Espero todos lá.

No dia do evento mais de 200 pessoas compareceram à passagem, levando instrumentos e produzindo intervenções artísticas, além das pessoas que ajudaram na limpeza da passagem. O fato surpreendente, segundo Daniel, foi a presença de diversas pessoas que eram desconhecidas mas que souberam do evento através do facebook. Houve ainda cobertura da mídia, com link ao vivo no telejornal local. Segundo o relato, os participantes não eram predominantemente das superquadras vizinhas, mas de outras partes do Plano Piloto e outros bairros.

Após a primeira edição, surgiram colaboradores espontâneos nas demais edições do Sarau, produzindo performances e outros tipos de intervenção. Os organizadores não chegaram a se articular em torno de um grupo formalizado, mas de modo horizontal e aberto com a colaboração eventual de coletivos.

O desejo dos organizadores do Sarau era que com o tempo a proposta fosse adotada por outros grupos, que passariam a ocupar e cuidar do espaço de outras passagens. Contudo, continuaram sendo fenômenos ocasionais as ocupações com caráter lúdico. O último sarau da passagem ocorreu em 16 de setembro de 2013. Nesse período foram realizadas sete edições, todas na 209/109 norte.



Figura 35. Primeiro Sarau da Passagem. Foto: Juliana Bessa e André Melo.

A leitura da descrição do evento nos permite pontuar algumas questões:

Quem escreve o texto busca vincular o evento à referências como música, dança, amor, poesia, beleza e harmonia. A impressão é que a intenção de quem escreve é construir uma imagem positiva a respeito do evento. Já o lugar na descrição é definido como inóspito, intransitável e sujo (*nunca se sabe o que é deixado nesses lugares*). Talvez não exista nada

pior para um espaço pensado para a circulação que ser visto como intransitável. É possível observar o contraste estabelecido entre o que existe e o que se propõe.

Por um lado é possível observar essa crítica implícita ao espaço como uma relação de distância entre o agente da ação e o lugar, apesar da proximidade. Daí a intenção de *retomar* a ocupação do lugar que é, ou se tornou, inóspito e intransitável. De certo modo essa possibilidade denuncia um conflito entre o modo que a passagem é ocupada e a intenção de promover uma nova forma de ocupação, que nesse evento é chamado de *harmonia*. Por outro lado, podemos considerar a proposta como uma tentativa legítima de fazer presente no espaço o que está ausente. O amor, a poesia ou a música, embora sejam expressões literais do que se pretendia durante o Sarau, são metáforas do que se deseja cotidianamente na passagem: condições de travessia com segurança e um espaço iluminado e salubre. O Sarau da Passagem promove o reconhecimento de um lugar na cidade que faz parte do cotidiano mas está como que ausente.

Análise espacial

Ao observarmos a imagem aérea do entorno a primeira impressão marcante é que se considerarmos a infraestrutura como parâmetro, o espaço do automóvel desproporcionalmente superior ao que é dedicado para a travessia de pedestres. Um sofisticado sistema de trevos evita o cruzamento de automóveis em nível enquanto para os pedestres há somente uma possibilidade de fluxo contemplada pela infraestrutura urbana. A proposta de liberdade de fluxos para os pedestres nesse espaço se configura como uma verdadeira restrição de fluxos. É possível observar ainda que a interação cotidiana com o espaço produz algumas rupturas com o fluxo planejado. As marcações de caminhos de

pedestres na grama denunciam fluxos que buscam outros sentidos. A permanência, como foi observado anteriormente, raramente ocorre nessa passagem durante o dia. Durante a noite a passagem ocasionalmente é utilizada como abrigo por pessoas em situação de rua.

A análise que segue levou em conta a ocupação durante a realização do evento, de modo que fica marcado o contraste com o cotidiano do espaço. Consideremos na imagem abaixo o fluxo a partir da linha tracejada e a permanência na mancha azul. Esse esquema simplificado tem como base a observação das fotografias do evento analisadas em comparação com visita ao local de realização.

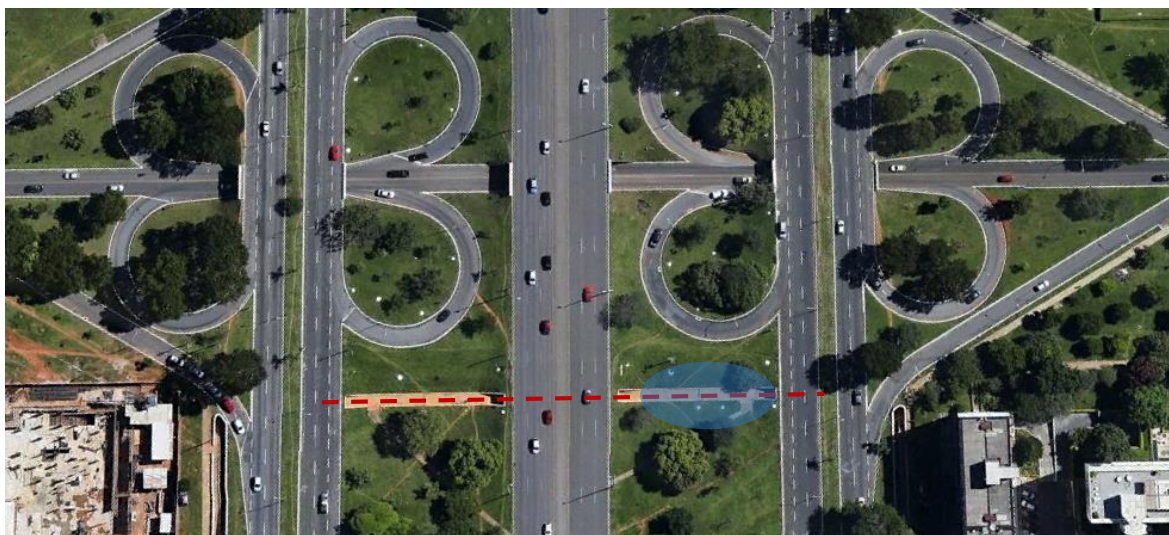


Figura 36. Esquema de fluxos e permanências.

Embora a proposta de realizar um sarau em um espaço de circulação seja de certa maneira uma subversão da intenção original do espaço, a observação de como se comportaram os fluxos e as permanências durante o evento apresenta alguns dados interessantes para a

análise. O primeiro ponto que merece ser mencionado é que o espaço de fluxo permanece como espaço de fluxo. A permanência embora ocupe o espaço de circulação, principalmente nas áreas de túnel, se desloca para as bordas do eixo de fluxo. O eixo da passagem produz a orientação do espaço, de modo que a apropriação se organiza no entorno imediato desse elemento.

Interações com a cibercultura

O Sarau da Passagem foi pensado como um evento pequeno, de modo que o principal meio de divulgação foi o evento no Facebook, contudo uma emissora de TV pautou o evento no jornal local, o que atingiu um público além do que foi convidado pela rede social. É interessante observar que tem se tornado comum a alimentação das chamadas mídias tradicionais (TV, rádio, mídia impressa) com conteúdo gerado a partir da internet, ou mais especificamente das redes sociais. O Facebook teve um papel importante ainda na continuidade do Sarau, com a criação de uma página dentro do site para divulgação de eventos que tivessem afinidade com a proposta do Sarau da Passagem bem como as edições seguintes do evento. A repercussão sobre o evento alcançou além da TV a mídia impressa e blogues diversos. No segundo Sarau houve divulgação prévia nos principais portais locais de notícias¹².

Embora não seja possível obter dados preciso sobre isso, provavelmente a divulgação nos portais de notícia e na TV tenha contribuído para um público um pouco mais amplo que a rede de contato dos idealizadores, mas mesmo na rede social onde foi divulgado, o alcance

¹² G1 e Correio Braziliense

foi bastante amplo comparado ao público final. O evento no facebook contava com menos de 200 confirmações mas mais de 4.000 convidados, uma rede 20 vezes maior de pessoas teve conhecimento do evento a partir do facebook.



Figura 37. Imagem que ilustra a matéria do G1 sobre o segundo Sarau. Foto: Jamila Tavares/G1

Por mais que não tenha sido composto um grupo de maneira formal para a realização do evento, o fato de haver uma página que funciona como a “voz” do Sarau denota uma centralidade na produção do que é a imagem do evento e com o que ele se associa. Por outro lado, a existência de um meio de comunicação direto com a organização possibilitou que outras pessoas ou grupos pudessem colaborar com a realização das outras edições do Sarau mesmo sem conhecer os idealizadores previamente.

Considerações

Uma observação que se pode fazer é que embora utilize a internet para divulgação, a organização do Sarau pode ser lida como uma estrutura de estrela. Onde as pontas (artistas e colaboradores) se reportam ao centro da estrutura (administrador da página). Essa estrutura é semelhante à das mídias convencionais, onde o centro irradia a informação para as pontas, contudo no caso do Sarau as trocas entre o centro e as pontas é mais equilibrada e intensa enquanto nas mídias tradicionais o retorno é baixo. Embora tenha sido pensado para a rede social, o Sarau atingiu de maneira espontânea outras mídias e um público mais amplo.

Com relação à passagem, o espaço pensado dentro da lógica funcionalista da Carta de Atenas, onde a circulação exerce uma das quatro principais funções da cidade e o fluxo de pedestres é segregado das vias destinadas aos automóveis, com o tempo se tornou impróprio para o cumprimento de sua função. O Sarau não promove a crítica do espaço vazio, mas da ausência de uso desse espaço. A ocupação tem um conteúdo político implícito, o desejo que as passagens sejam mais seguras, limpas e “habitáveis”. O que poderia ser uma simples apropriação realizada por amigos foi feita se voltando para uma coletividade mais ampla, que também se interessa pelo destino daquele espaço. Ao mesmo tempo que o Sarau reconfigura a passagem, tornando esse espaço de circulação em um espaço de permanência e lazer, reivindica a reconfiguração física do lugar para que possa ser apropriado novamente, em melhores condições, também para a circulação cotidiana.



Figura 38. Primeiro Sarau da Passagem. Foto: Juliana Bessa e André Melo.

3.2 Jam do Museu

Na concepção do trecho leste do eixo monumental, foram pensados além dos edifícios governamentais, o setor cultural, que ocupa o trecho entre a esplanada dos ministérios e a plataforma rodoviária. A intenção clara no projeto é que a plataforma, o setor cultural e o setor de diversões formassem um centro unificado onde a predominância das atividades seria dedicada à cultura e ao lazer.

Por sugestão do júri do concurso do Plano Piloto, a cidade teve o local de implantação alterado*, o que transformou de forma significativa a relação entre os setores centrais. Enquanto no projeto de Lucio Costa todos esses edifícios ficavam em níveis próximos, na cidade implantada a cota de piso ficava acima do solo real, o que exigiu grande movimentação de terra para a criação de um nível artificial. Os setores de diversão ficaram em um nível elevado em relação ao solo e os setores culturais foram implantados em um nível mais baixo, o que dificulta a integração franca entre esses setores. Para vencer esse desnível é preciso utilizar a circulação da plataforma rodoviária, que fica concentrada em um único trecho, aumentando o percurso dos pedestres.

A construção de fato dos setores culturais ainda não está concluída. Foram edificadas o Teatro Nacional e o Touring Club, no lado norte e sul respectivamente, e contíguos a estes ficaram dois grandes vazios destinados ao museu, biblioteca e ópera. Entre 1999 e 2006 foram desenvolvidas as propostas para os dois espaços contudo, só foi construído do lado sul, entre o Touring e a Catedral, o Complexo Cultural da República, com o Museu, a Biblioteca e um Restaurante, projetos de Oscar Niemeyer.

Diversas críticas foram feitas à proposta antes mesmo de sua construção. A principal delas é que os projetos ficariam sub utilizados, uma vez que o Museu não tinha acervo para abrigar e a Biblioteca não teria finalidade, uma vez que o depositário nacional continuaria na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Após sete anos de obra o complexo foi inaugurado mesmo sem acervo. A Biblioteca Nacional é um edifício prismático com quatro pavimentos sobre pilotis enquanto o Museu nacional é uma grande calota em concreto armado pintada

de branco com rampas de acesso. Ao redor desses projetos um espaço vazio cimentado com três espelhos d'água.



Figura 39 Jogo de formas no Complexo Cultural da República

A crítica apontou como problemas do projeto a aridez da grande área concretada. O branco do museu e a claridade do concreto reforçam a luminosidade da cidade no tempo seco, causando desconforto. A ausência de sombreamento inviabiliza a ocupação do espaço nas horas de sol mais intenso. Uma imagem ilustra bem o desconforto ambiental do grande vazio concretado em um dia de sol mais intenso.

Provavelmente a intenção de Oscar Niemeyer ao evitar o uso de árvores no entorno tenha sido liberar a vista para a leitura do jogo de formas. A regra corbusiana do “jogo sábio, correto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz” é aplicada nesse projeto. As relações de equilíbrio das formas, contraste e figura-fundo orientam a composição em um sentido plástico que ressalta a monumentalidade do conjunto.

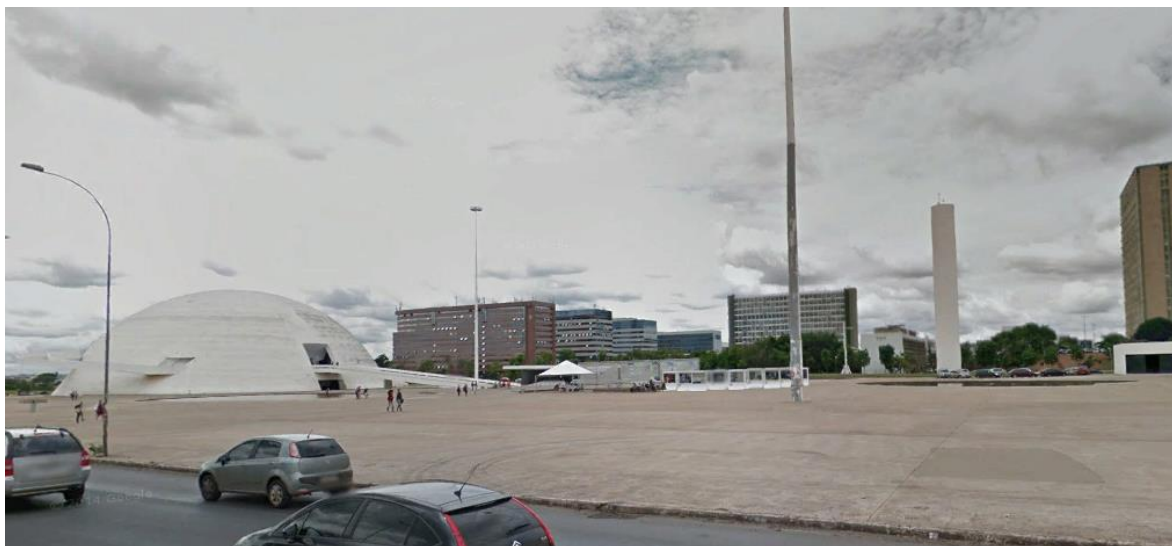


Figura 40. Vista da Praça do Museu durante o dia. Imagem do Google Street View

Do ponto de vista da apropriação existe na praça do museu um fluxo constante de pedestres que realizam o percurso entre a Rodoviária e a Catedral/Esplanada dos Ministérios. Existe ainda um fluxo menos intenso dos visitantes do museu e usuários da biblioteca. Essa ocupação fica mais intensa por ocasião da realização de seminários no espaço do complexo da república. Um grande evento que todos os anos ocupa o espaço é o Festival de Teatro

Cena Contemporânea, um dos maiores do país. Na maior parte do tempo a grande praça do Museu permanece quase que absolutamente vazia.

As permanências são sazonais, durante os períodos de observação conseguimos identificar grupos de skatistas que utilizam o espaço cimentado para a realização de manobras. Os locais equipados com bancos também apresentam maior permanência. Os horários de ocupação mais intensa são o fim de tarde e à noite. Em um dos pontos da praça é feita venda de maconha, o que proporciona uma ocupação por vendedores e usuários.

A Jam é um evento que ocorreu nos últimos domingos de cada mês entre 2011 e 2014, organizado pelo Coletivo Gambiarra. Na página do facebook os organizadores da Jam do Museu definem o objetivo do evento como:

"Transformar a rua em dança e a dança em rua, fazendo com que os sons da música e dos gestos sejam enriquecidos pelos sons de carros, vozes, e corpos de outros que passam.

Trocar as salas de aula nas academias e centros de dança, pelo chão urbano, com suas texturas, ranhuras, imprecisões.

Alcançar inspiração em uma arquitetura rítmica e apropriada para a união de pessoas dos mais diversos estilos, gostos e personalidades.

Trocar uma noite de festa por um dia inteiro de muitos sorrisos e movimentos variados¹³."

¹³ Disponível na página da Jam do Museu no facebook. A descrição completa do evento pode ser acessada no link: <https://www.facebook.com/events/464224920360479/>

Jam é um termo do inglês que pode significar 'aglomeração de gente' ou 'geleia'. O seu uso para encontros de improvisação provavelmente deriva de 'jam band', que já na década de 30 servia para designar grupos musicais que realizavam sessões de improviso musical durante os shows. Nos shows de jazz é comum a improvisação inclusive com a participação de artistas convidados que não ensaiaram juntos, essas improvisações são conhecidas como 'jam session'.

Os encontros de dança de rua são comuns em diversas cidades pelo mundo, e não são um fato novo, principalmente nos bairros em que há identificação com a cultura hip hop, que geralmente estão nas periferias ou bairros com predominância de população negra no caso dos Estados Unidos. Nos encontros de hip hop existe a produção de música e dança de rua (street dance), em que a improvisação é um elemento importante. No caso da Jam, a música é mecânica, mas a improvisação na dança também é o centro do encontro. A improvisação na música se dá por conta dos DJ's que montam sets para as performances corporais. E embora a Jam tenha sua raiz na cultura hip hop, ela ocorre no centro da cidade e é frequentada por jovens de classe média dos bairros centrais.

O espaço onde ocorre a Jam é a sombra projetada pela cúpula do Museu da República. A grande área pavimentada ao redor do museu tornou o espaço atrativo para a produção de diversos eventos culturais e para o uso cotidiano por skatistas. Além disso, a localização a poucos metros da Rodoviária do Plano Piloto, que recebe linhas de transporte de toda a região metropolitana de Brasília. Essa facilidade de acesso faz com que o museu atraia naturalmente pessoas durante os fins de semana para qualquer tipo de evento, o que fez com que a Jam deixasse de ser apenas um encontro de dançarinos para se tornar um evento

público com grande circulação de pessoas. Contudo, o que tornou a Jam conhecida de grande parte do público foi o uso de um evento no facebook para divulgação. A ferramenta que permite um número ilimitado de convites virtuais fez com que pessoas que não estão interessadas na dança nem na cultura de rua participem do evento apenas para 'ver gente'.



Figura 41. Dançarinos na Jam do Museu. Foto: Camila Sugai

Por um lado os organizadores da Jam se preocupam com o crescimento descontrolado do evento tanto por questões de infraestrutura como de segurança. Como não há financiamento para produção, todo o aparato de som é conseguido pela própria organização e o museu apoia o evento com a cessão de eletricidade, bebedouros e banheiros. Não há suporte para alguma situação de emergência, como recomendado para eventos com grandes aglomerações. Além da questão de emergência, muitas pessoas passaram a frequentar a Jam para fazerem uso de bebidas e drogas, inclusive por menores. A polícia passou a atuar de maneira repressiva no evento, contudo como o evento é aberto, a organização não pode se responsabilizar pelos menores que frequentam o espaço. Houve então a tentativa por parte da polícia de impedir a realização do evento, mas por fim houve acordo e a Jam foi realizada até meados de 2014.

A leitura da descrição do evento denota uma postura de ocupação do espaço público, como este sendo portador da capacidade de “enriquecer” os movimentos da dança. Essa perspectiva poderia ser associada ao fato de ser um evento ligado à cultura de arte de rua, contudo tem um sentido parecido com o de outros movimentos de apropriação do espaço público, como é o caso do Coletivo Baixo Centro em São Paulo, que fala de “fissurar, hackear e disputar as ruas”. Na era da interação cibernética estar no espaço público parece ter um sentido maior do que o simples fato de circular pelo espaço.



Figura 42. Dançarinos na Jam do Museu com Centro de Brasília ao fundo. Foto: Camila Sugai

Análise Espacial

De todos os edifícios da Esplanada do Ministérios, talvez o Museu Nacional seja o que apresenta uma maior relação de peso, em contraste com a Catedral por exemplo, onde a leveza é uma característica marcante. As dimensões do Museu fazem com que o percurso seja necessário para apreender todo o seu entorno imediato. É comum que alguns eventos realizados ao lado do museu não consigam ser vistos desde a Plataforma Rodoviária, por ficarem encobertos pela cúpula.



Figura 43. Entorno Imediato do Complexo Cultural da República

O Museu também exerce uma espécie de atração dos fluxos durante a realização de eventos, como se o público orbitasse ao redor. O fosso raso ao redor do edifício para drenagem é bastante utilizado como banco devido à ausência de mobiliário na praça do Museu. Os bancos existentes ficam mais próximos da Biblioteca Nacional e comportam pequenas quantidades de pessoas. Ao lado do Museu há um edifício baixo de apoio, que se torna ainda mais discreto pelos vidros pretos. A sombra proporcionada pelo beiral desse edifício é também bastante utilizada nos dias de maior movimento na praça.

Por ser um evento que necessita de estrutura de sonorização, o lugar definido para a instalação das caixas de som e da mesa de mixagem depende, entre outros fatores, da proximidade com a fonte de eletricidade. Embora algumas edições da Jam tenham sido realizadas ao lado da entrada do museu, com os aparelhos conectados no edifício de apoio,

consideramos o lugar utilizado na maior parte das edições da Jam, ao lado da entrada da administração do Museu.

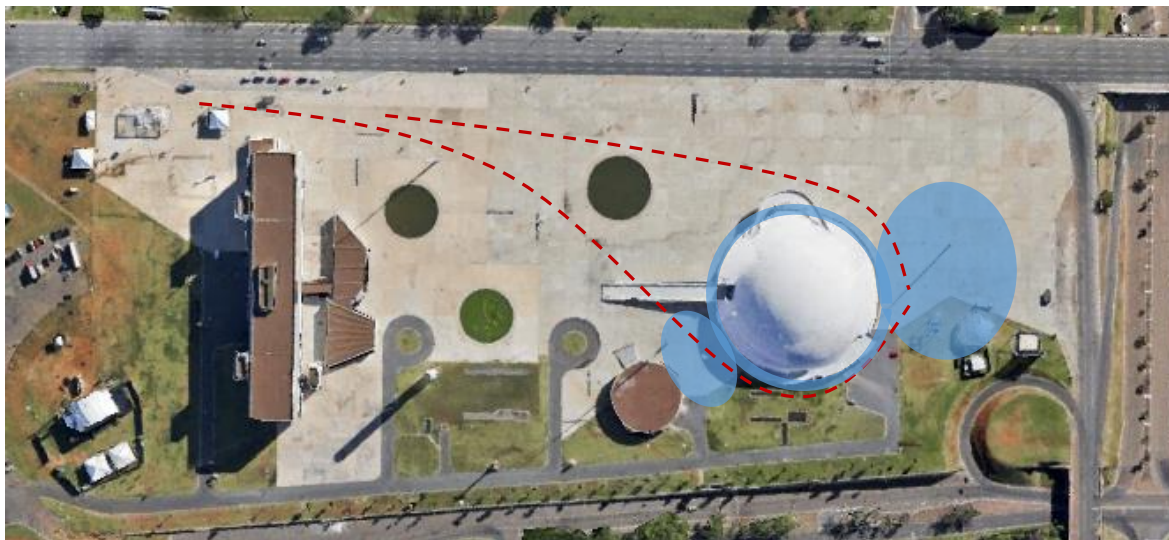


Figura 44. Esquema de fluxos e permanências.

Os fluxos se estabelecem a partir do caminho da Rodoviária até o local do evento e durante o evento há também um fluxo que se forma ao redor do Museu. As zonas de permanência são a área demarcada com a elipse maior, onde fica a estrutura de som e são feitas as performances de dança. Nessa zona ficam também os vendedores ambulantes de bebidas, o que contribui para uma concentração maior de público. Ao redor de todo o Museu há permanência de público, e próximo ao edifício de apoio fica concentrado outro pequeno grupo.

Mesmo havendo um foco para onde convergem os fluxos, a ocupação do espaço é mais dispersa que no Sarau da Passagem. Uma das justificativas pode ser o espaço mais aberto, ou mesmo o público ser mais numeroso. As zonas de permanência que não estão no foco do evento se apropriam dos lugares com elementos arquitetônicos que desempenham o papel de mobiliário. O vazio concretado ao redor do Museu apesar das deficiências do ponto de vista ambiental tem se mostrado um bom receptáculo para a promoção desse tipo de encontro. A localização na zona central permite um público variado, que tem boa acessibilidade aos eventos a partir do transporte público.

Interações com a cibercultura

Durante as mais de 35 edições da Jam do Museu o principal veículo de divulgação foi o Facebook. Além dos eventos, a página da Jam conta com quase 9 mil seguidores. Para efeito de comparação, a página do Sarau da Passagem é seguida por 700 pessoas. A mídia tradicional contudo não teve interesse ao longo dos três anos em que o evento foi realizado de colocá-lo em pauta. As matérias produzidas sobre a Jam são em sua maioria de blogs independentes. As ações promovidas no espaço público serviam para geração de conteúdo no ciberespaço. Além dos álbuns de fotos oficiais publicados pela organização, a realização do evento gerava um fluxo de postagens, principalmente de imagens, nas redes sociais, em especial o Facebook e o Instagram. Essa interação em tempo real entre o espaço físico e o espaço virtual diz muito sobre como principalmente os jovens se apropriam desses dois espaços.

Mesmo com presença apenas na internet a Jam atraiu um grande público e se tornou um evento de visibilidade, o que gerou convites do governo para realização de edições especiais

nas comemorações do Aniversário de Brasília. Esse mesmo convite foi feito aos organizadores do Picnik, outro dos eventos de ocupação do espaço público catalogado nesse trabalho. Essa visibilidade da Jam a partir das redes foi positiva para o movimento de dança de rua mas por outro lado mostra o quanto as novas ferramentas de comunicação podem promover fenômenos que fogem do controle. O aumento no público e o tipo de público atraído está entre os motivos que levaram os organizadores a suspender a realização de outras edições da Jam como eles esclarecem na nota de 20 de julho de 2014.

“Conforme o tempo foi passando e com o desenvolvimento do evento, o público foi crescendo e passamos a enfrentar diversas dificuldades, como vendedores ambulantes (que vendiam bebida para menores e que geravam muito lixo), *um público transeunte que pouco entendia os objetivos do evento e não respeitavam os dançarinos que ali estavam e um público que não cooperava para realização do evento, público esse que causou inclusive um fatídico problema com a administração do museu, ao não respeitar a utilização e regra do espaço interno do museu da república*. Diante de todos esses problemas e analisando o avanço que tínhamos, decidimos então suspender a realização de edições posteriores, visto que nosso objetivo é agregar valores culturais e reais a cena da dança de Brasília.¹⁴” (grifo nosso)

¹⁴ Nota completa disponível em:
https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=667956696634171&id=128126097283903

Mesmo após o fim da realização dos eventos a página da Jam continuou ativa para divulgação de eventos de interesse do seu público.

Considerações

A rua que guarda a materialidade é o espaço do encontro efêmero, enquanto o ciberespaço que é efêmero, é o espaço onde o evento pode manter uma certa permanência. Se no futuro quisermos compreender a dinâmica de uma ocupação como a Jam do Museu, a configuração do espaço talvez nos diga pouco. O Facebook é o principal meio de divulgação dos eventos futuros quanto de fotos dos eventos passados. É no ciberespaço que está uma memória mesmo que precária de uma vivência urbana que não deixa marcas físicas no espaço.



Figura 45. Aglomeração de pessoas junto ao Museu. Foto: Camila Sugai

Outro ponto interessante é observar como esses jovens que decidem ir ao encontro do espaço 'real' da rua, como forma de disputar o espaço público, se confrontam com o fato de que o espaço público é sujeito aos conflitos. O vazio planejado se torna palco da disputa real pela ocupação e apropriação daquele espaço. Enquanto na dimensão do ciberespaço a descrição do evento idealiza de certo modo a “disputa das ruas” no espaço público material a disputa de fato é colocada em segundo plano. De qualquer modo, essa intenção de disputar as ruas resgata o sentido político do espaço público. O vazio pode ser espaço da dança, ou da música, ou do silêncio, mas isto não é um dado arbitrário do projeto, está contido na potencialidade do espaço, que aguarda por se tornar apropriado.

3.3 Marcha do Vinagre

A Marcha do Vinagre em Brasília necessita ser compreendida dentro do contexto das Manifestações de Junho de 2013 no Brasil, também chamadas de Jornadas de Junho. Para que o percurso da análise não fique muito mais extenso que o proposto nos outros estudos de caso, inserimos um breve panorama sobre os movimentos de junho de 2013 nos anexos deste trabalho, de modo que quem desejar uma contextualização mais completa poderá consultar o material anexado.

Os movimentos de junho iniciam de modo local e com pautas claras. No Rio de Janeiro e em São Paulo, as cidades com maior repercussão dos protestos em nível nacional o motivo era o aumento das tarifas de transporte público. Em outras cidades haviam movimentos grevistas articulados e em diversas capitais o Comitê Popular da Copa se preparava para uma série de manifestações em decorrência da Copa das Confederações da FIFA, prevista para iniciar no dia 15 de junho. No Rio e em São Paulo o Movimento Passe Livre articulou manifestações

com a intenção de reverter a decisão de aumento de R\$ 0,20 centavos no preço das passagens. Nas duas cidades desde o início de junho tudo era parecido com movimentos anteriores de movimentos sociais em que há três estratégias bem definidas: a estratégia dos manifestantes é bloquear ruas ou avenidas, a estratégia da imprensa é focar no bloqueio ao trânsito e vincular o protesto à ideia de 'transtorno na volta para casa' e por fim a estratégia do poder público, representado pela Polícia Militar é de reprimir violentamente o protesto respaldado pela mídia e pela por parte da população que vê o protesto como baderna e transtorno. Nos primeiros dias do mês cada um desempenhou o papel esperado. Contudo, como sabemos, o resultado final não estava previsto no roteiro.

Os protestos ao longo dos dias foram ganhando mais adesão ao passo que a violência policial também aumentou a cada protesto, de modo absolutamente desproporcional. Essa violência que não era noticiada pela grande mídia teve repercussão nas redes sociais, em especial o Twitter. A Mídia Ninja, oferecia via web cobertura alternativa dos protestos, onde era possível ver a repressão da polícia com balas de borracha, bombas de gás e spray de pimenta. Os manifestantes passaram a levar vinagre para os protestos como estratégia para inibir os efeitos do gás lacrimogênio. A polícia passou então a deter quem portasse vinagre, e na noite do dia 13 de junho as redes sociais replicavam com grande velocidade os resultados da repressão aos protestos, que teve mais de 200 detidos e diversos feridos, entre eles uma repórter da Folha de S. Paulo. Esse fato motivou a programação das chamadas Marchas do Vinagre em várias cidades, em solidariedade aos manifestantes das outras cidades. No dia 15, abertura da Copa das Confederações em Brasília, foi marcado um protesto no Eixo Monumental em frente ao Estádio Nacional, que foi duramente reprimido

pela polícia. Essas imagens repercutiram em diversos veículos de comunicação, e reforçaram o sentimento de solidariedade aos manifestantes. Na segunda, 17 de junho houve protestos em diversas cidades pelo país, a maioria articulada por eventos no Facebook.



Figura 46. Manifestantes que participam da Marcha do Vinagre, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (Foto: Rafaela Céó/G1)

É possível afirmar com certeza que houve pelo menos três Marchas do Vinagre em Brasília em junho de 2013, contudo neste trabalho faremos a análise da primeira delas por seu impacto no contexto dos movimentos de junho. A intenção de marcar a Marcha do Vinagre para o dia 17 em Brasília teve relação direta com a repercussão das manifestações do dia 13 e do dia 15.

A Marcha do Vinagre em Brasília teve cerca de 5 mil participantes, e foi menor que as manifestações em pelo menos outras seis capitais, contudo por não haver um grande contingente policial o grupo presente em frente ao Congresso Nacional conseguiu acessar a cobertura onde se apoiam as cúpulas de concreto do Senado e da Câmara dos Deputados. No dia seguinte a imagem estava na capa dos principais jornais do Brasil e em diversos jornais pelo mundo. O efeito simbólico de uma imagem que parecia a representação do povo tomando o parlamento foi mais impactante que as multidões espalhadas pelas ruas do país.

As emissoras de TV e os jornais fizeram a cobertura de todas as manifestações ao vivo, e nas redes sociais durante todo o dia foi intenso o volume de comentários sobre os protestos. Nesse momento, os comentários e compartilhamentos sobre as manifestações chegam de forma definitiva ao Facebook, mas o volume de informações de todas as partes e a velocidade dos acontecimentos não permitiu que ninguém apresentasse no momento uma leitura clara do que estava acontecendo.

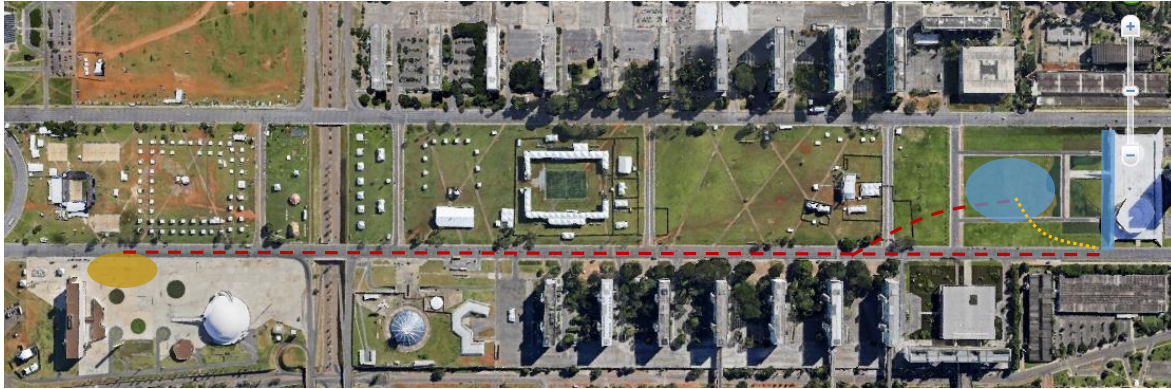
Análise Espacial

A Esplanada dos Ministérios é um espaço bastante utilizado para manifestações. O percurso muitas vezes se inicia em algum ponto do eixo monumental oeste, como o Parque da Cidade,

nas manifestações menores a concentração costuma ser marcada para a Rodoviária ou o Museu Nacional. O ponto de chegada é o Congresso Nacional ou a Praça dos Três Poderes, dependendo de qual a força política que os manifestantes pretendem pressionar. No caso da Marcha do Vinagre, os organizadores decidiram fazer a concentração na Praça do Museu e caminhar até o Congresso. Esse percurso é realizado em aproximadamente meia hora de caminhada lenta.

A estimativa da PM é de que havia cerca de cinco mil manifestantes no protesto, o que é um número relativamente pequeno para a escala do espaço, que tranquilamente comporta centenas de milhares de pessoas, de modo que mesmo as aglomerações pequenas dão a impressão de vazio, contudo é um público suficiente para bloquear o tráfego de veículos. O impedimento do fluxo é uma estratégia comum no Eixo Monumental.

Diferente do Sarau da Passagem e da Jam do Museu, que são eventos pensados para a permanência, na Marcha do Vinagre o fluxo tem igual importância, e nesse caso ele seguiu a via dos automóveis. A chegada na área em frente ao acesso principal do Congresso também não apresentou novidade com relação a outros protestos que ocorrem cotidianamente no local. Contudo, o contingente policial se posicionou em frente às rampas do edifício, na tentativa de evitar a entrada dos manifestantes nas dependências do Congresso. Por ser um espaço negativo no relevo, o acesso das rampas cria uma espécie de lugar sem saída, de modo que os manifestantes ficaram concentrados em frente ao espelho d'água e o trânsito foi liberado.



O protesto parecia finalizado quando os manifestantes se aproveitaram de uma falha no bloqueio e acessaram o terraço do Congresso pela ponta que toca a via no nível da Esplanada. Centenas de manifestantes acessaram a cobertura do edifício em poucos minutos. As redes de TV e os grandes portais de notícia que faziam a cobertura ao vivo dos protestos no país deram grande destaque ao fato de haver manifestantes no terraço do Congresso, embora não houvesse risco da multidão acessar o prédio ou mesmo risco à integridade do palácio. O grande diferencial que pode ser observado nesse protesto foi o fato de que os manifestantes conseguiram realizar o acesso à um espaço que foi pensado como de livre acesso à população. É o reencontro entre o espaço e sua dimensão de produção da política.



Interações com a cibercultura

Assim como outros grandes movimentos civis ao redor do mundo em anos anteriores, os movimentos de junho tiveram relação estreita com a cultura de redes. Embora depois da consolidação dos movimentos a grande mídia tenha pautado desde o início as manifestações nos veículos de rede nacional, o papel das redes sociais e blogues independentes foi fundamental na disputa pela apresentação de versões alternativas dos fatos.

O ESTADO DE S. PAULO

Terça-feira, 19 de Junho de 2013 às 18h 00m

PREÇO: R\$ 4,00

Protesto se espalha pelo País e políticos viram alvo

● Pelo menos 230 mil pessoas foram às ruas em 11 Estados ● Manifestantes ocuparam a cobertura do Congresso, em Brasília; no Rio, enfrentaram polícia na Assembleia ● Em SP, partidos foram impedidos de levantar bandeiras



Um ano após de protestos em Brasília, milhares de manifestantes ocuparam a cobertura do Congresso Nacional em Brasília, em Brasília, no Rio, enfrentaram polícia na Assembleia. Em SP, partidos foram impedidos de levantar bandeiras.

A voz dos ricos
THIAGO BUENA, jornalista da revista *Veja*, criticou o protesto em Brasília, dizendo que os ricos não vão se mexer. Ele também criticou o protesto em Brasília, dizendo que os ricos não vão se mexer.

Palmeiras
ANA MOSER, do *UOL*, criticou o protesto em Brasília, dizendo que os ricos não vão se mexer.

Passageiros
Passageiros criticaram o protesto em Brasília, dizendo que os ricos não vão se mexer.

Dilma diz que marcha é legítima
A presidente Dilma Rousseff disse que a manifestação é legítima e que o governo não se deixará intimidar por protestos.

Alckmin elogia líderes de protestos
O governador de São Paulo, Fernando Alckmin, elogiou os líderes dos protestos em Brasília, dizendo que eles representam o povo.

Superávit exigirá sacrifício de investimentos, admite governo
O governo federal afirmou que alcançar o superávit exigirá um sacrifício nos investimentos.

Cardozo 'indica' Padilha em SP
O governador de São Paulo, Fernando Alckmin, indicou o nome de Eduardo Padilha para o cargo de governador de São Paulo.

CELEO VING
A Apple pode mais fácil...
O ministro da Justiça, Luís Inácio Adolpho Azevedo, afirmou que o governo não se deixará intimidar por protestos.

Índice
O Índice de Desenvolvimento de Humano (IDH) do Brasil caiu para o menor nível em 15 anos.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FREITAS FILHO

19 de Junho de 2013

TERÇA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2013



Em Brasília, em frente do Congresso e depois, manifestantes queimaram cordão de isolamento da FPI e invadiram a loja da sede do Legislativo; segurança do Planalto foi reforçada

Milhares vão às ruas 'contra tudo'; grupos atingem palácios

★ MANIFESTAÇÃO É A MAIOR NO PAÍS DESDE O 'FORA COLLOR' (1992) ★ EM SÃO PAULO, MAIS DE 65 MIL PESSOAS PROTESTAM, DIZ DATAFOLHA ★ CONGRESSO E SEDE DO GOVERNO PAULISTA SOBREM TENTATIVA DE INVASÃO



Centenas de milhares de pessoas foram às ruas em 12 capitais do país para protestar contra o aumento das tarifas de transporte, corrupção, gastos da Copa do Mundo e para reivindicar a melhoria de serviços públicos, como saúde, educação e segurança, entre outras demandas. Políticos também foram alvos, como o presidente Dilma (PT), os governadores Alckmin (PSDB-SP) e Cabral (PSDB-RJ) e o prefeito Eduardo (PT-SP). Foi a maior onda de protestos políticos no país desde os caracotas, em 1992, pelo impeachment do então presidente Collor.

A maioria das manifestações foi pacífica, mas houve vandalismo contra sedes do poder. Em São Paulo, um prédio do Palácio dos Landstätters foi demolido — a polícia impediu a entrada. No Rio, cerca de 200 pessoas invadiram o prédio da Assembleia Legislativa. Em Brasília, milhares invadiram o prédio do Congresso Nacional. Na capital paulista, mais de 65 mil pessoas, segundo o Datafolha. Dos participantes, 60% disseram não ter preferências partidárias. Um novo protesto está marcado para hoje, às 17h, na Sé. **Continua C1**

Centenas das manifestações pelo país

ATMOSFERA Celsius C13
Prestes lançamento em Brasília
Motor (SP), Motor (DF)

EDITORIAIS Opinião A2
Leis "Protestos e violência"
"Não há motivo" sobre decisão do STJ
Se tarifa do transporte fosse zero, valor do IPTU dobraria em SP

ELANTRA
Resposta às limitações de velocidade.
VEIATAPURA

Figura 47. Capa de O Estado de S. Paulo do dia 18/06/2013. Fonte: Estadão

Figura 48. Capa da Folha de S. Paulo do dia 18/06/2013. Fonte: Folha.com

Da mesma forma, internamente o movimento não possuía lideranças claras, de modo que enquanto os protestos marcados pelo MPL tinham uma diretriz, as Marchas do Vinagre tinham pautas difusas e os indivíduos que criaram eventos no facebook para convocação dessas Marchas não exerciam liderança sobre o movimento nas ruas. A estrutura da organização nos protestos de junho, embora houvesse iniciativa de um grupo organizado em alguns casos, pode ser comparada com a estrutura de rede, em que os pontos de recepção e geração de informação realizam trocas com outros pontos de forma menos hierarquizada. Não havia hegemonia do pensamento sobre o objetivo da Marcha do Vinagre.

As redes tiveram ainda o papel de propagar a ideia de que passou a ser *cool* fazer protesto, com participantes dos protestos produzindo imagens e selfies e compartilhando nas redes sociais. No caso específico da Marcha do Vinagre em Brasília, a imagem de manifestantes sobre o terraço do Congresso Nacional foi amplamente replicada e discutida tanto pela mídia tradicional como nas redes sociais, e de certa forma se tornou um símbolo do movimento de junho.

Considerações

Do mesmo modo em que a ocupação do vazio urbano pressupõe uma disputa entre os campos sociais, os Movimentos de Junho proporcionaram também no campo da mídia uma disputa pela construção do movimento e pelo modo como os fatos ocorridos nos protestos seriam noticiados. A mídia, tanto a convencional como as redes sociais disputaram a pauta dos movimentos e fez com que redes de solidariedade e desejo de transformação política levassem milhões de pessoas às ruas.

A realização de um protesto na Esplanada dos Ministérios não constitui um fato novo, mas o modo como ocorreu a Marcha do Vinagre promoveu mesmo que por uma noite a retomada de um espaço público pela população. O espaço que foi configurado para ter ocupação foi com o tempo deixado vazio e na noite do dia 17 de junho teve o reconhecimento de seu sentido político.



Figura 49. Manifestantes na cobertura do Congresso Nacional. Fábio Rodrigues Pozzebom/ABr. Fonte: Wikipedia

Embora seja possível afirmar que houve um envolvimento a partir das redes de comunicação, a vivência da política em junho de 2013 ocorreu com a apropriação do espaço público. Essa ação está de acordo com o pensamento de Hannah Arendt, para quem o espaço da política é o espaço público, onde não o homem em sua individualidade realiza algo, e sim os homens enquanto coletividade. A Esplanada dos Ministérios e o Congresso que foram pensados com um sentido coletivo alcançam esse sentido de modo pleno quando sua apropriação é feita por um coletivo que reconhece ser parte de uma coletividade maior.

Considerações Finais

A segunda metade do século XX marca o aumento significativo das redes de comunicação de forma global. A chamada rede mundial de computadores, se estrutura de forma mais parecida com o que existe hoje a partir do fim dos anos 70, e nas últimas décadas do milênio se tornou acessível a uma parcela considerável da sociedade. O surgimento da Internet e seu uso de forma massificada fez com que muitos estudiosos como Mitchell (1994) e Levy(1999) apontassem o surgimento de um novo espaço de sociabilidade, ao qual Levy chama ciberespaço.

Há um outro fenômeno importante que Levy vai chamar de cibercultura, e definir como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (LEVY, 1999). Essa ‘cultura cibernética’ interfere diretamente na forma como os indivíduos afetados por ela se relacionam com outros indivíduos. Cada vez mais a interação mediada por máquinas e redes de comunicação é uma constante da nossa sociedade. Da mesma forma, a cultura surgida das redes de comunicação interfere no próprio espaço onde ocorrem as interações sociais.

Quando nos se iniciam as discussões sobre o chamado “ciberespaço”, a perspectiva teórica é de quase substituição do espaço real pelo espaço virtual. Tudo poderia ser feito pelas redes de comunicação. Essa possibilidade gerou pessimismo com relação à uma sociedade cada vez mais individualista. Contudo, o que se observou em seguida é que os fluxos no espaço real aumentam de numa relação diretamente proporcional à expansão do ciberespaço, e

nesse início de milênio podemos presenciar que um número significativo dos acontecimentos que preveem a ocupação e apropriação da rua para diversas finalidades está profundamente relacionado com a existência dessas redes de comunicação.

Na dimensão do espaço público, em textos da década de 60 e nas décadas seguintes, autores apontam para uma crise da sociabilidade e da esfera pública, como Sennett (1974). Nesse momento o espaço público é visto como decadente diante do avanço dos shoppings centers e parte da crítica aponta a morfologia da cidade baseada nas premissas da Carta de Atenas como culpada pelo enfraquecimento da dimensão do encontro. No segundo pós-guerra, com o expressivo aumento das realizações de projetos urbanísticos que seguiam o pensamento modernista, a crítica a esse modelo também se intensifica, e inclusive o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna em sua décima edição volta a refletir sobre o tema da cidade.

Brasília, projeto de Lúcio Costa em 1957 para o concurso da Nova Capital do Brasil, é um dos mais completos exemplares de cidade prefigurada a partir das recomendações de Carta de Atenas Além disso, o Plano Piloto de Lucio Costa ainda incorpora outros elementos que estavam presentes na discussão urbanística da primeira metade do século XX, como as unidades de vizinhança, baixas densidades, e grandes vazios planejados. Algumas das principais críticas às cidades e bairros modernistas, estão ligadas à configuração com edifícios soltos, em que a estrutura de quarteirão já não existe e a rua se torna apenas um elemento funcional de circulação. Para Jane Jacobs, a ruptura com elementos da cidade tradicional desfavorece as relações de vizinhança e resulta em um espaço inseguro. No caso específico e Brasília, a ausência de ruas e esquinas é fator que, para James Holston, impede

o correto funcionamento da dimensão da vida pública dos habitantes na cidade. Para esses autores, os espaços criados sob as premissas desse movimento (funcionalidade, setorização, separação de fluxos, entre outros) são rígidos e com pouca possibilidade para uma legítima apropriação por parte de seus habitantes. No caso de Brasília, James Holston, afirma que “o que falta é a vida pública ao ar livre na cidade”.

Contudo, como vimos no trabalho, há diversos eventos em Brasília que ocupam o espaço público para o lazer ou mesmo para a manifestação cívica, e a cibercultura tem contribuído com o modo que essas ocupações vêm ocorrendo. No âmbito dessa pesquisa conseguimos coletar informações sobre eventos em diversos tipos de espaços da cidade que foram articulados pelas redes sociais. Como por exemplo a Jam do Museu, evento de dança de rua que começou a ser realizado ao redor do Museu Nacional ou Sarau da Passagem, produzido em uma das passagens sob o eixo rodoviário. As manifestações políticas, que já eram comuns, também têm sofrido alterações de forma e conteúdo com os reflexos da cibercultura. A Marcha das Vadias, iniciada no Canadá, é um exemplo de manifestação ‘viralizada’ pelas trocas globais de informações. Do mesmo modo a Marcha do Vinagre, ocorrida em junho de 2013, só pode ser compreendida a partir do contexto das grandes manifestações que tomaram as ruas do país nesse período. Há consenso sobre a importância da internet, em especial das redes sociais, na construção dos protestos de junho.

Um fato curioso com relação ao Sarau da Passagem é o modo como um espaço destinado inicialmente ao fluxo de pedestres sob uma via expressa e que ao longo do tempo ficaram marcados no imaginário da população como lugares perigosos, reconfiguram a dimensão funcional e simbólica desse espaço ao utilizá-lo para a realização de uma festa. O vazio que

ao primeiro olhar pode parecer gratuito e residual é na verdade apropriado. Não somente da forma como foi planejado e concebido, mas da forma em que as pessoas que habitam o espaço acreditam ser apropriada. Esses eventos podem ser interpretados como uma refiguração do espaço, se fizermos um paralelo com a leitura que Saboia faz de Paul Ricoeur. Acreditamos que o viés da cibercultura apresenta um caminho ainda não suficientemente explorado para observar a ação que se desenrola sobre o espaço público.

O vazio planejado em Brasília pode ser interpretado também sob o olhar do espaço potencial, e a consolidação da cidade tem demonstrado os conflitos que se desenvolvem na apropriação do espaço público. Para nós, essas ocupações recuperam ao menos em parte a dimensão política do espaço, por poderem ser lidas dentro do contexto da ação, definido por Hannah Arendt. O caso das passagens demonstra um novo modo de ocupação, diferente do previsto no projeto. A população reconfigura o espaço a partir da ação, tornando um espaço pensado para o fluxo, num espaço de permanência e lazer. Por um lado essa ação subverte o funcionalismo da proposta moderna e por outro lado aponta que a população também deseja o resgate do espaço também para a função originalmente proposta.

Embora o projeto de Brasília tenha um viés funcionalista e a circulação dos automóveis seja de certa maneira priorizada, com o desenvolvimento de um complexo sistema viário, essa diretriz também se torna alvo de disputa pela população. O eixo rodoviário é um dos principais elementos da composição urbana de Brasília, representa o eixo de velocidade que cruza a o plano rodoviário. Ao longo do tempo, com o alto índice de colisões e atropelamentos a pista recebeu o apelido de “eixo da morte”. Com o tempo o projeto de

realização de atividades esportivas aos domingos no eixo associou a imagem de “eixão do lazer”, que hoje fecha a rodovia todos os domingos e feriados durante o dia.

A jam do museu ocupa um espaço na escala gregária cumprindo uma função à qual essa escala se destina: o encontro. O tratamento paisagístico árido torna por um lado o espaço com baixa qualidade ambiental, mas por outro lado abre maior diversidade para a ocupação. A proximidade do complexo cultural com a rodoviária e os setores centrais facilita o acesso desde todas as partes da cidade e promove diversidade na ocupação. A divulgação pelas redes sociais ao mesmo tempo que permite uma difusão mais ampla também promove a atração de um público diverso do que a Jam esperava atingir.

As manifestações no eixo monumental reforçam o sentido coletivo para o qual o espaço foi pensado. O grande gramado serve ao cumprimento das funções próprias da monumentalidade. Durante a marcha do vinagre em 2013, em que manifestantes ocuparam a laje do Congresso Nacional, houve um resgate da intenção inicial do projeto, uma continuidade da esplanada dos ministérios que tem ligação visual com a praça dos três poderes.

A existência das redes de comunicação acelera o processo de aproximação de pessoas com ideias em comum. As relações construídas nesse espaço simulacro se deslocam para o espaço material, onde fluem a vida, os conflitos e a política. O espaço público e o ciberespaço não formam duas dimensões isoladas, mas dois campos que são ocupados ao mesmo tempo e se potencializam mutuamente.

Os espaços públicos de Brasília em muitos casos apresentam aridez que dificulta a sua apropriação cotidiana, ou ainda por serem amplos e pouco densos geram a sensação de esvaziamento, contudo há espaços que apesar das suas deficiências de projeto ou manutenção são disputados pela população e se tornam espaços de convivência. A sociabilidade não se limita aos espaços fechados e a ausência de ruas e esquinas não impede o encontro ao ar livre. A dimensão política da “rua” permanece viva enquanto houver pessoas dispostas a disputá-la.



Figura 50. Forró de Vitrola sob viaduto no eixão.

Lista de Ilustrações

Figura 1. Praça Tahrir no Egito durante ocupação da Primavera Árabe	24
Figura 2. Sarau da passagem na Asa Norte em Brasília	27
Figura 3. Plano Piloto de Brasília. Imagem do Google Earth	33
Figura 4. Rua em Londres no período da Revolução Industrial.	55
Figura 5. Reforma Urbana de Paris	57
Figura 6. Plano de Cerdá para Barcelona.....	58
Figura 7. Cidade Jardim de Howard	61
Figura 8. Esquema das Cidades Jardim na região	61
Figura 9. Cidade Linear de Arturo Soría y Mata, 1882.....	62
Figura 10. Cidade Contemporânea de Le Corbusier, 1922.....	65
Figura 11. Plano para o Rio de Janeiro de Le Corbusier, 1929.....	66
Figura 12. Igreja de São Francisco de Assis no complexo arquitetônico da Pampulha	71
Figura 13. Croqui do comércio com superquadra ao fundo.	75
Figura 14. Croqui com detalhe dos cruzamentos em trevo.	75
Figura 15. Panorama da Esplanada dos Ministérios em um dia comum. Imagem: Sérgio Francês....	77
Figura 16. Fotografia de Brasília a noite feita pela Nasa.	79
Figura 17. Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes. Imagem do Google Earth	85
Figura 18. Croqui de Oscar Niemeyer da Praça dos Três Poderes.	86
Figura 19. Visita ao Congresso na Inauguração de Brasília. Foto: Thomas Farkas	87
Figura 20. Festa do Aniversário de Brasília na Esplanada. Beto Barata/AE. Fonte: Estadão	88
Figura 21. Posse de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003.....	89
Figura 22. Parque de diversões em primeiro plano, ao fundo kartódromo e o lago.	90

Figura 23. Guerra de tintas no Parque da Cidade.....	92
Figura 24. Eixão do Lazer.....	93
Figura 25. Parada do orgulho LGBT no eixão.	94
Figura 26. Primeiro Isoporzinho de Brasília no eixo rodoviário sul.....	95
Figura 28. Passagem subterrânea sem drenagem adequada	101
Figura 29. Situação do calçamento nas passagens. Imagem do Google Street View	102
Figura 30. Passagens subterrâneas mesmo durante o dia são escuras. Foto: Marcel Vieira	103
Figura 31. Gráfico da pesquisa do contabilizando as travessias de pedestres nas passagens subterrâneas. Fonte: DER/DF	105
Figura 32. Travessias de pedestre sobre o eixo rodoviário. Fonte: DER/DF	106
Figura 33. Gráfico da pesquisa do DER sobre os motivos para a não utilização das passagens pelos pedestres. Fonte: DER/DF	107
Figura 34. Croqui da proposta de revitalização das passagens. Fonte: DER/DF.....	108
Figura 35. Primeiro colocado no concurso de projeto para as passagens sob o eixão. Imagem do site: http://concursosdeprojeto.org/2012/04/21/projetos-premiados-passagens-sob-o-eixao-brasilia/	109
Figura 36. Primeiro Sarau da Passagem. Foto: Juliana Bessa e André Melo.	113
Figura 37. Esquema de fluxos e permanências.	115
Figura 38. Imagem que ilustra a matéria do G1 sobre o segundo Sarau. Foto: Jamila Tavares/G1..	117
Figura 39. Primeiro Sarau da Passagem. Foto: Juliana Bessa e André Melo.	119
Figura 40. Jogo de formas no Complexo Cultural da República	121
Figura 41. Vista da Praça do Museu durante o dia. Imagem do Google Street View	122
Figura 42. Dançarinos na Jam do Museu. Foto: Camila Sugai	125
Figura 43. Dançarinos na Jam do Museu com Centro de Brasília ao fundo. Foto: Camila Sugai.....	127
Figura 44. Entorno Imediato do Complexo Cultural da República.....	128
Figura 45. Esquema de fluxos e permanências.	129

Figura 46. Aglomeração de pessoas junto ao Museu. Foto: Camila Sugai.....	132
Figura 47. Manifestantes que participam da Marcha do Vinagre, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (Foto: Rafaela Céo/G1)	135
Figura 48. Capa de O Estado de S. Paulo do dia 18/06/2013. Fonte: Estadão	140
Figura 49. Capa da Folha de S. Paulo do dia 18/06/2013. Fonte: Folha.com.....	140
Figura 50. Manifestantes na cobertura do Congresso Nacional. Fábio Rodrigues Pozzebom/ABr. Fonte: Wikipedia.....	142
Figura 27. Forró de Vitrola sob viaduto no eixão.	149
Figura 51. Rio 17 de junho Foto: Associated Press.....	171
Figura 52. Manifestação contra aumento de tarifas em Porto Alegre no dia 18 de fevereiro de 2013. Fonte: Circuito Fora do Eixo	172
Figura 53. Manifestação na estrada do M'Boi Mirim em SP. Luiz Cláudio Barbosa/Futura Press. Fonte: Estadão Conteúdo.....	176
Figura 54. Manifestação em São Paulo no dia 06 de junho de 2013. Daniel Teixeira. Fonte: Estadão Conteúdo	178
Figura 55. Manifestantes que protestavam contra o aumento das passagens de ônibus entraram em choque com a PM na Avenida Presidente Vargas - Hudson Pontes/Agência O Globo. Fonte: G1 ...	179
Figura 56. Título da matéria do periódico espanhol sobre as manifestações no Brasil. Fonte: Terra	181
Figura 57. Manifestantes marcham em direção ao centro. JF Diório. Fonte: Estadão Conteúdo	181
Figura 58. Repórter Giuliana Vallone, da TV Folha foi atingida no olho por bala de borracha. Diego Zanchetta. Fonte: Estadão Conteúdo	183
Figura 59. Grupo fecha via em frente ao Estádio Nacional de Brasília em protesto contra a Copa. Isabella Formiga. Fonte G1	184
Figura 60. Manifestante e tropa de choque no Eixo Monumental em Brasília. Pedro Ladeira/Folhapress Fonte: UOL.....	185

Figura 61. Manifestantes na cobertura do Congresso Nacional. Fábio Rodrigues Pozzebom/ABr. Fonte: Wikipedia	187
Figura 62. Mais de 60 mil manifestantes ocupam a Avenida Paulista. Fonte: ABr	188
Figura 63. Frame extraído do Youtube.	189
Figura 64. Frame extraído do Youtube.	191
Figura 65. Infográfico com estimativa de participantes nas manifestações. Fonte G1	192

Bibliografia

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **O que é política**. Tradução Reinaldo Guarany. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002

_____. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Tradução de Heidrun Krieger Mendes da Silva *et al.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução Carlos Felipe Moisés; Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERTUCCI, Patrícia Morales. **A cidade e o corpo**. Em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/10.109/3851>>. Acessado em 22 de fevereiro de 2015

BLAKE, Peter. **God's Own Junkyard**. Holt: Rinehart and Winston, 1964.

BOTTON, Fernando. **Richard Sennett. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Antíteses, vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010, pp. 623-633

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2012

_____. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. 12° Ed. Campinas: Papirus, 2011.

CAMPOFIORITO, Ítalo. "**Brasília Revisitada.**" Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Edição Especial, 1990. RJ.

CARPINTERO, Antônio Carlos Cabral. "**Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil.**" tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**, V.1: A Sociedade em Rede. Tradução Roneide Venâncio Majer. 6° Ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

_____. **Redes de indignação e esperança:** Movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo:** utopias e realidades, uma antologia. 6°Ed. Tradução Dafne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHOAY, Françoise et al. **O reino do urbano e a morte da cidade.** Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 18, 1999.

CORÁ, Élsio e NASCIMENTO, Cláudio. **Reconhecimento em Paul Ricoeur:** da identificação ao reconhecimento mútuo. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 407-423, Outubro de 2011. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2011v45n2p407/22359>> Acessado em 8 de maio de 2015.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília.** Brasília: GDF, 1991.

_____. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes, 1991.

CORBUSIER, L. (1993). **A carta de Atenas**. Tradução R. Scherer. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1941.

_____. **Precisões**: Sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. **Por uma arquitetura**. Tradução Ubirajara Rebouças. 6° Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** - Comentários sobre a sociedade do espetáculo, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

FICHER, Sylvia; PALAZZO, Pedro Paulo. **Os paradigmas urbanísticos de Brasília**. Cadernos PPG-AU/UFBA, v. 4, 2007.

FONTANELLA, Fernando. **Nós somos Anonymous**: anonimato, trolls e a subcultura dos imageboards. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **De Outros Espaços**. Tradução Pedro Moura; disponível em http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf. 1984.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOROVITZ, Matheus; FERREIRA, Marcílio M. **A invenção da Superquadra**. Brasília: IPHAN, 2007

GOROVITZ, Matheus. **Brasília, uma questão de escala**. São Paulo: Projeto, 1985.

HABERMAS, Jurguen. **Técnica e ciência enquanto ideologia**. In Textos escolhidos: Walter Benjamin; Max Horkheimer; Theodor Adorno; Jurguen Habermas. 2º Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 1999.

_____. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARVEY, David. et. Al. **Occupy**. Tradução João Alexandre Peschanski et al. São Paulo: Boitempo, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 2ª. ed. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914 – 1991**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A era das revoluções: 1789-1848**. Tradução Maria Tereza Teixeira; Marcos Penchel. 35º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **A era do capital: 1848-1875**. Tradução Luciano Costa Neto. 23º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOLANDA, Frederico R. B. **Arquitetura como estruturação social**. In: O espaço da cidade: contribuição à análise urbana. São Paulo: Projeto Editores, 1985.

_____. Brasília: **Cidade moderna, cidade eterna**. Brasília: Frederico de Holanda, 2010.

HOLSTON, James. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução Maria Estela Heider Cavalheiro. 2ªEd. São Paulo: Martins Fontes.

JACQUES, Paola B. e JEUDY, Henry P. (Orgs.). **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006.

JACQUES, Paola B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JATOBÁ, Sérgio. **A Síndrome de Brasília**. Em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/13.146/5065>>. Acessado em 09 de março de 2015.

JENCKS, Charles. **The language of post-modern architecture**. Nova York: Rizzoli, 1977.

LEÃO, Lúcia (Org.). **Deriva**: cartografias do ciberespaço. SENAC, São Paulo, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução de Rubens Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

_____. **A produção do espaço**. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ª Ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEITE, Julieta. **A ubiquidade da informação digital no espaço urbano**. Revista Logos, Ano 16, 2º semestre 2008. pp. 104-116.

_____. **O ciberespaço público**: a virtualização do espaço público nos projetos da cidade digital. Dissertação, UFPE. Recife, 2006.

LEMOS, André (Org.). **Cibercidade**: A cidade na Cibercultura. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

_____. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis**: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. Baurú: COMPÓS, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Ed. 34, São Paulo, 1999.

_____. **A Conexão Planetária**: o Mercado, o Ciberespaço, a consciência. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. Ed. 34, São Paulo, 2001

_____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. Ed.34, São Paulo, 1996.

_____. **Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 5º Ed. Edições Loyola, São Paulo, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta e MAGALHÃES, Themis. **Imagens do Espaço**: Imagens da Vida. *In*: PAVIANI, Aldo (org.). Brasília: Ideologia e Realidade. 2º Ed. Brasília: Editora UnB, 2010.

MAGALHÃES. Thereza Calvet. **A Atividade Humana do Trabalho [Labor] em Hannah Arendt**. Revista Ensaio, n. 14 (1985), pp. 131-168.

MARICATO. Ermínia et al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013

MITCHELL William J. **City of Bits – Space, Plan and the Infohban**. Cambridge: The MIT Press, 1997.

MITCHELL William J. **Fronteiras/Redes**, in O campo ampliado da arquitetura. A. Krista Sykes (org.). São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução de Neil R. da Silva. 4° Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUSSE, Ricardo. **A obra inicial de Hannah Arendt**. Em:

<<http://blogdaboitempo.com.br/2014/02/28/a-obra-inicial-de-hannah-arendt/>>. Acessado em 04 de setembro de 2014.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NUNES, Brasilmar Ferreira e KOHLSDORF, Nara. **Sociologia do espaço social de Brasília**: o descontrole planejado. Brasília: Projeto Integrado de Pesquisa/CNPq. 1999.

PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. (American Journal of Sociology. XX. mar. 1916. p. 577-612) Trad. Sérgio M. Santeiro. In

PAVIANI Aldo *et al* (org.) **Brasília 50 Anos**: da capital à metrópole. Brasília: Editora UnB, 2010.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community**: Homesteading on The Electronic Frontier. Cambridge: MIT Press, 1993.

RICOEUR, Paul. **Arquitetura e Narratividade**. Urbanisme, Paris, n. 303, p 44-51, 1998.

_____. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2°Ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

- RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar: A história e o futuro da cidade**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SABOIA, Luciana. **Brasília and the modernist void: the central bus station and the struggle for cultural recognition** (Ph.D. thesis). Louvain-la-Neuve: Université Catholique de Louvain, 2009.
- SADLER, Simon. **The Situationist City**. Cambridge: MIT Press, 1998.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4° Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- SECCHI, Bernardo. **Primeira Lição de Urbanismo**. Tradução Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SENNETT, Richard. **The Fall of Public Man**. Nova York: W. W. Norton, 1992.
- _____. **O declínio do homem público: As tiranias da intimidade**. Tradução Lygia Araújo Watanabe. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- _____. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Tradução Marcos Aarão Reis. 3° Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SINGER, André. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas**. Novos estudos Cebrap, São Paulo, n. 97, nov. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0101-330020130003000003&lng=en&nrm=iso>. Acessado 05 set. 2014.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Territórios**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- TENORIO, Gabriela. **Ao desocupado em cima da ponte: Brasília, arquitetura e vida pública**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- VELHO, Otavio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

WEBER, Max. **Conceito e Categorias da Cidade**. In VELHO, Otavio Guilherme (org.). O Fenômeno Urbano. RJ. Zahar 1967.

WIKIPEDIA. **Occupy movement**. Disponível em:

<https://en.wikipedia.org/wiki/Occupy_movement>. Acessado em 12 de abril de 2014.

_____. **Arab Spring**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Arab_Spring>.

Acessado em 23 de março de 2014.

ZIKEK, Slavoj. **Primeiro como Tragédia, depois como Farsa**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

Notícias

ARIAS, Juan. **Brasil se levanta em protesto contra aumento nos preços do transporte**. Em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/el-pais/2013/06/12/o-brasil-se-levanta-em-protesto-contra-aumento-nos-precos-do-transporte.htm>>. Acessado em 26 de abril de 2014.

CAVALCANTI, Hylda. **Projeto urbanístico para as passagens subterrâneas**. Em:

<<http://www.df.gov.br/pronunciamentos/item/367-projeto-urban%C3%ADstico-para-passagens-subterr%C3%A2neas.html>>. Acessado em: 31 de agosto de 2014

COLETTA, Ricardo. **PM de Brasília avalia que protesto está sob controle**. Em:

<<http://www.hojeemdia.com.br/esportes/pm-de-brasilia-avalia-que-protesto-esta-sob-controle-1.135523>>. Acessado em 19 de junho de 2014.

CONNOLLY, Keven. **Primavera Árabe: Dez consequências que ninguém conseguiu prever**. Em:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131213_primavera_arabe_10consequencias_dg.shtml. Acessado em 21 de março de 2014.

DOBNIK, Verena. **Wall Street protesters: We're in for the long haul**. Em:

<<http://www.businessweek.com/ap/financialnews/D9Q4CNR81.htm>>. Acessado em 10 de abril de 2014.

DOMINGOS, Roney. **Protesto contra tarifa teve 12 ônibus depredados e 53 pichados em SP**. Em:

<<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contra-tarifa-teve-12-onibus-depredados-e-53-pichados-em-sp.html>>. Acessado em 26 de abril de 2014

DOWNS, Ray. **Protesters 'Occupy Wall Street' to Rally Against Corporate America**

Em: <<http://global.christianpost.com/news/protesters-occupy-wall-street-to-rally-against-corporate-america-55853/#zuqDulMh0X2li19P.99>>. Acessado em 10 de abril de 2014.

FOCUS. **Revolution in 140 Zeichen**. Em: <http://www.focus.de/digital/internet/fuenf-jahre-twitter-revolution-in-140-zeichen_aid_610067.html>. Acessado em 22 de março de 2014.

FRANCESCHINI, Gustavo; PASSOS, Paulo. **Manifestantes fazem novo protesto no acesso ao estádio em Brasília**. Em:

<<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/15/estudantes-fazem-protesto-no-acesso-ao-estadio-em-brasilia.htm>>. Acessado em 20 de abril de 2014.

G1. **Passarela subterrânea da Asa Norte volta a receber sarau cultural**. Em:

<<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/02/passarela-subterranea-da-asa-norte-volta-receber-sarau-cultural.html>>. Acessado em 30 de agosto de 2014.

G1 DF. **Marcha do Vinagre em Brasília fecha a Esplanada dos Ministérios**. Em: <

<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/marcha-do-vinagre-em-brasilia-fecha-esplanada-dos-ministerios.html>>. Acessado em 20 de novembro de 2014

G1 DF. **Protesto na Copa das Confederações será coibido com prisão, diz GDF.** Em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/protesto-na-copa-das-confederacoes-sera-coibida-com-prisao-diz-secretario.html>> . Acessado em 20 de abril de 2014.

G1 MG. **Professores fazem manifestação no centro de Belo Horizonte.** Em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/professores-fazem-manifestacao-no-centro-de-belo-horizonte.html>> . Acessado em 18 de abril de 2014.

G1 MG. **Liminar do TJMG restringe protestos durante Copa das Confederações.** Em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/liminar-do-tjmg-restringe-protestos-durante-copa-das-confederacoes.html>> . Acessado em 06 de abril de 2014.

G1 MG. **Sindicatos em BH criticam veto a manifestações durante a Copa.** Em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/sindicatos-em-bh-criticam-veto-manifestacoes-durante-copa.html>> . Acessado em 06 de abril de 2014.

G1 Rio. **Protesto contra aumento da tarifa de ônibus gera tumulto no Centro do Rio.** Em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/protesto-contr-aumento-da-tarifa-de-onibus-gera-tumulto-no-centro-do-rio.html>> . Acessado em 19 de abril de 2014.

G1 SP. **Entenda a guerra civil na Síria.** Em: <<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/08/entenda-guerra-civil-da-siria.html>> . Acesso em 22 de março de 2014.

G1 SP. **Polícia é chamada para conter protesto em via na Zona Sul de SP.** Em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/policia-e-chamada-para-conter-protesto-em-na-zona-sul-de-sp.html>> . Acssado em 19 de abril de 2014.

GRACIANO, Wallace. **Brasília também é alvo de protestos nesta sexta-feira.** Em: <<http://www.hojeemdia.com.br/esportes/brasilia-tambem-e-alvo-de-protestos-nesta-sexta-feira-1.135190>> . Acessado em 20 de abril de 2014.

IG SP. **Protestos forçam renúncia de presidente da Tunísia.** Em:

<<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/protestos+forcam+renuncia+de+presidente+da+tunisia/n1237951349605.html>>. Acessado em 20 de março de 2014.

KNUP, Rodolfo. **Nota sobre o ato contra o aumento da passagem no Rio de Janeiro.**

<<http://passapalavra.info/2013/06/78568>>. Acessado em 04 de abril de 2014.

LABOISSIÈRE, Mariana. **Aniversário de Brasília reúne atrações esportivas, musicais e infantis.** Em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/04/20/interna_cidadesdf,361578/aniversario-de-brasilia-reune-atracoes-esportivas-musicais-e-infantis.shtml>.

Acessado em 08 de maio de 2015

LACERDA, Dereck. **Jam do Museu, a dança de jovens da capital.** Em:

<<http://semreaisnobolso.wix.com/projetointegrador#!jam-do-museu/c1qci>> Acessado em 14 de junho de 2014.

LIMA, José Antônio. **No Egito, a Primavera Árabe acabou.** Em:

<<http://www.cartacapital.com.br/internacional/no-egito-a-primavera-arabe-acabou-4458.html>>. Acessado em 04 de junho de 2014.

LORENA, Sofia. **No segundo maior campo de refugiados do mundo.** Em:

<<http://www.publico.pt/tema-de-capa/jornal/no-segundo-maior-campo-de-refugiados-do-mundo-27186364>>. Acessado em: 26 de março de 2014.

MILLS, Nicolaus. **Wall Street protest's long historical roots.** Em:

http://edition.cnn.com/2011/10/11/opinion/mills-occupy-history/index.html?_s=PM:OPINION. Acessado em 12 de abril de 2014.

MORENO, Sayonara. **Movimento realiza protesto contra a Copa em Brasília.** Em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/galeria/audios/2013/06/movimento-realiza-protesto-contracopa-em-brasilia>>. Acessado em 20 de abril de 2014

MORA, Marcelo. **Após fechar Marginal Pinheiros, ato contra tarifa volta à Avenida Paulista.** Em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/apos-fechar-marginal-pinheiros-ato-contratarifa-volta-avenida-paulista.html>>. Acessado em 19 de abril de 2014.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. **Nota nº1: esclarecimento do MPL São Paulo sobre o ato de 06/06.** Em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/07/nota-sobre-a-manifestacao-do-dia-6/>>. Acessado em 04 de abril de 2014.

NIHETER, Dagens. **Não fechemos os olhos aos refugiados.** Em: <<http://www.voxeurop.eu/pt/content/article/4023101-nao-fechemos-os-olhos-aos-refugiados>>. Acessado em 26 de março de 2014.

PENA, Rodolfo. **Primavera Árabe.** Em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/primavera-Arabe.htm>>. Acessado em 18 de março de 2014.

PIMENTA, Paulo. **Brasilienses homenageiam passagens subterrâneas.** Em: <<http://www.alo.com.br/noticias/ultimas/?ldNoticia=154619>>. Acessado em 20 de agosto de 2014

PINHEIRO, Mirelle. **Protesto contra Copa causa caos nos arredores de estádio em Brasília.** Em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/14/interna_cidadesdf,371371/protesto-contracopa-causa-caos-nos-arredores-de-estadio-em-brasilia.shtml>. Acessado em 20 de abril de 2014.

POMPEU, Ana. **Organizadores marcam nova Marcha do Vinagre no DF para quarta-feira (26)**. Em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/21/interna_cidadesdf,372797/organizadores-marcam-nova-marcha-do-vinagre-no-df-para-quarta-feira-26.shtml > .

Acessado em 20 de novembro de 2014.

ROCHA, Carolina; GALDO, Rafael. **Novo protesto contra aumento da passagem no Centro tem confronto e ao menos 31 detidos**. Em: <<http://oglobo.globo.com/rio/novo-protesto-contr-aumento-da-passagem-no-centro-tem-confronto-ao-menos-31-detidos-8645590>> .

Acessado em 19 de abril de 2014.

RUSSO, Natália. **Um ano de Primavera Árabe**. Em: <<http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/um-ano-de-primavera-arabe/>> . Acessado em 23 de março de 2014.

SEGALLA, Vinicius. **Polícia usa bombas, atropela manifestantes e dispersa protesto no Mané Garrincha**. Em:

<<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/15/policia-dispersa-manifestantes-com-bombas-e-torcedores-sofrem-com-gas.htm>> . Acessado em 20 de abril de 2014

SOUZA, Priscilla. **Manifestantes voltam a protestar contra tarifa de ônibus no Rio**. Em:

<<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/manifestantes-voltam-protestar-contratarifa-de-onibus-no-rio.html>> . Acessado em: 18 de abril de 2014

VIANA, Julia. **Protestos sem autorização travam**

Av. Paulista a cada 4 dias em 2013. Em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protestos-sem-autorizacao-travam-av-paulista-cada-4-dias-em-2013.html>> .

Acessado em 26 de abril de 2014.

Links do Facebook

Página da Jam do Museu: <https://www.facebook.com/pages/Jam-do-Museu/128126097283903>

Jam do museu de Outubro de 2013: <https://www.facebook.com/events/464224920360479/>

Carta aberta Jam do Museu:

https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=667956696634171&id=128126097283903

Marcha do Vinagre 22 de junho de 2013:

<https://www.facebook.com/events/645805775444538/>

Marcha do Vinagre 03 de julho de 2013:

<https://www.facebook.com/events/156603887858406>

Manifestação contra o aumento no Rio de Janeiro 03 de junho de 2013:

<https://www.facebook.com/events/498845430169376/>

Evento fictício agendado para 20 de junho que tinha por objetivo denunciar a prisão de manifestantes por portar vinagre. <https://www.facebook.com/events/150898645097523/>

Marcha do vinagre em São Paulo: <https://www.facebook.com/events/193190434172322/>

Página do Sarau da Passagem: https://www.facebook.com/saraudapassagem?ref=br_rs

Sites

<http://www.rodasdapaz.org.br/>

<http://andabrasilia.blogspot.com/>

<http://concursosdeprojeto.org/>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/protestos/2013/cobertura/>

<http://blogs.estadao.com.br/estadao-urgente/manifestantes-fazem-quinto-ato-contra-o-aumento-da-tarifa-de-onibus-em-sao-paulo/>

<http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/>

<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>

<http://passapalavra.info/2013/06/78528>

<http://stpeteforpeace.org/occupyarrests.sources.html>

<http://www.theguardian.com/us-news/occupy-wall-street>

<http://occupywallst.org/>

<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-15140671>

Anexos

Junho 2013

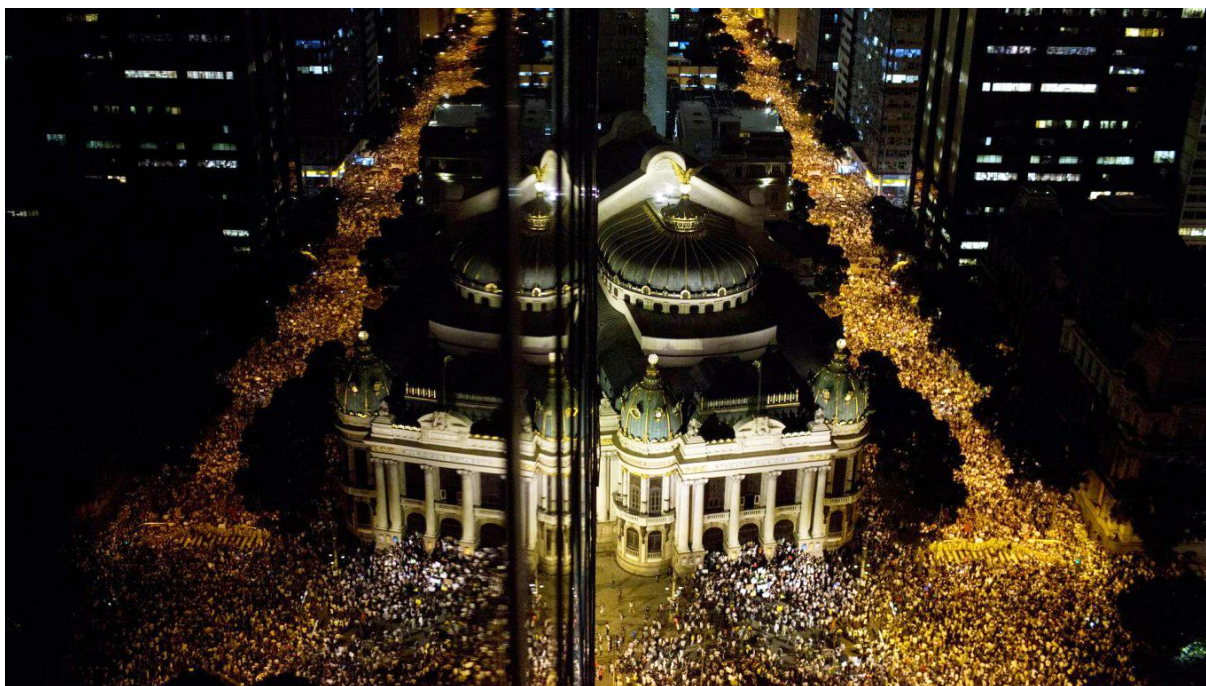


Figura 51. Rio 17 de junho Foto: Associated Press

No Brasil, as grandes manifestações de junho de 2013 tiveram início a partir de manifestações contra o aumento de tarifas no transporte coletivo em diversas cidades. Importante ressaltar que esse tipo de protesto não constitui fato novo. Foram comuns as manifestações contra aumento de passagem no Brasil nos anos 2000, principalmente após a criação do Movimento Passe Livre em 2005.

Em 2004, movimentos contra o aumento em Florianópolis e Salvador obtiveram êxito, e as experiências desses grupos levadas ao Fórum Social Mundial de Porto Alegre em 2005

contribuíram para que os grupos que lutavam pela mobilidade no país se articulassem em um movimento nacional, que tem como princípios a horizontalidade, autonomia, independência e apartidarismo, que não deve ser confundido com antipartidarismo. Esses princípios diferem de outros movimentos sociais tradicionais, que tem uma hierarquia clara e uma relação mais estreita com partidos políticos.



Figura 52. Manifestação contra aumento de tarifas em Porto Alegre no dia 18 de fevereiro de 2013. Fonte: Circuito Fora do Eixo

Nos anos que se seguiram à criação do MPL, o movimento esteve sempre ligado à luta contra o aumento tarifário no transporte público, além das campanhas pela Tarifa Zero. Em 2013, por exemplo, antes das grandes manifestações, houve atos em Goiânia e Porto Alegre, articulados pelo MPL. Contudo as manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro em junho tiveram impacto decisivo na viralização dos atos por todo o país.

Outro importante fator a ser considerado, é a proximidade com a Copa das Confederações, o evento teste da Copa do Mundo da FIFA de Futebol, programada para acontecer no Brasil em 2014. Os movimentos sociais engajados na discussão sobre a forma como o estado investia recursos em um evento privado e os efeitos das transformações urbanas promovidas em decorrência da Copa, se organizaram no chamado Comitê Popular da Copa. Articulado nas cidades escolhidas para sediarem os jogos, o comitê promovia manifestações e discussões sobre assuntos como desapropriações e demolições de edifícios históricos.

No final de maio de 2013 foram anunciados aumentos nas tarifas de ônibus e metrô, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Esse aumento, de R\$ 0,20 em cada uma das cidades, foi aplicado a partir de 01 de junho no Rio e do dia 02 em São Paulo. Ao mesmo tempo, outros contextos locais, como a greve de professores em Belo Horizonte e a proximidade da abertura da Copa das Confederações em seis cidades brasileiras provocou uma intensificação de manifestações.

Antes da discussão sobre as manifestações de junho, é importante lembrar que no Brasil é comum que manifestações relacionadas aos problemas no transporte público terminem com o incêndio ou o apedrejamento de ônibus, o que em geral produz uma cobertura da mídia sob o viés do “vandalismo”. Da mesma forma, a maioria das manifestações utiliza táticas

como o fechamento de avenidas, algumas vezes com barreiras de pneus em chamas. Nesses casos a cobertura também é negativa por apontar o “transtorno causado no trânsito”. No dia 28 de maio, por exemplo, foi noticiado sobre o protesto em Goiânia sobre o confronto entre polícia e manifestantes, o suposto incêndio de um ônibus e a depredação de outros quatro, além do bloqueio ao trânsito. Esse script vai ser o mesmo na cobertura das primeiras manifestações de junho de 2013.

Adotaremos, com as adaptações necessárias, a leitura em fases do processo de manifestações utilizado por André Singer, em seu artigo: *Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas*, publicado nos cadernos do CEBRAP. Para Singer, o fenômeno nomeado como “Jornadas de Junho” teve uma primeira fase entre os dias 06 e 13 de junho, uma segunda fase entre os dias 17 e 20 de junho e a terceira fase no período entre o dia 21 e o final do mês. Embora concordemos de forma geral com os marcos temporais adotados, queremos apontar um outro viés que abrange também a cobertura da mídia tradicional e seu contraponto com as mídias sociais. Dessa forma, a primeira fase pode ser iniciada no dia 03 de junho, quando ocorrem as primeiras manifestações no Rio em São Paulo, até o dia 15, data da abertura da Copa das Confederações em Brasília. A segunda fase, se inicia com os protestos do dia 17, que marcam uma virada na forma de apresentação pela mídia tradicional e segue até o dia 20, quando mais de um milhão de pessoas saem à rua para manifestações em mais de 100 cidades pelo país. A terceira fase é marcada pelo anúncio do MPL de que não convocaria novos atos no dia 21 e no mesmo dia um pronunciamento da Presidente da República em cadeia nacional de rádio e televisão anunciando medidas para tentar conter a insatisfação popular. Podemos considerar como um marco no fim das manifestações o dia

11 de julho, para quando foi marcado o Dia Nacional de Lutas, gesto em que os movimentos sociais organizados buscam retomar a dianteira das manifestações, mas a intensidade das manifestações já havia se enfraquecido. Este trabalho apresenta o resumo das duas primeiras fases, onde está inserida a Marcha do Vinagre.

Na primeira fase, as manifestações estão completamente ligadas ao seu contexto local, e a cobertura da mídia também adota uma leitura direcionada às questões locais, como a questão do transporte no Rio e em São Paulo, a manifestação de professores em Belo Horizonte, e os atos contra a Copa do Mundo nas cidades sede dos jogos da Copa das Confederações.

Apresentaremos uma espécie de diário conciso das manifestações, apontando os principais acontecimentos e sempre a cobertura feita pela mídia, para posteriormente compreendermos o papel das mídias sociais na desconstrução das versões consolidadas pelos veículos tradicionais. A internet teve também papel relevante na construção simbólica do movimento, com a apropriação de referências da publicidade para lemas dos protestos, como foi o caso das hashtags #VemPraRua e #OGiganteAcordou, muito utilizadas na segunda fase das manifestações.

Manifestações da Primeira Fase

segunda-feira, 03 de junho de 2013.

Protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo contra o aumento nas tarifas de transporte público. Em São Paulo a manifestação aconteceu na zona sul da cidade, no bairro do M'Boi Mirim. Cerca de 100 manifestantes bloqueiam a principal via de acesso à região central de

São Paulo durante as primeiras horas da manhã. A polícia é acionada mas não há confronto direto com manifestantes. No Rio de Janeiro à noite, dezenas de manifestantes se concentram em frente ao edifício da Assembleia Legislativa do Estado. O protesto ocorreu de forma pacífica, com o bloqueio no trânsito da Avenida Presidente Antônio Carlos em alguns momentos. Essas manifestações não tiveram destaque na mídia.



Figura 53. Manifestação na estrada do M'Boi Mirim em SP. Luiz Cláudio Barbosa/Futura Press. Fonte: Estadão Conteúdo

quarta-feira, 05 de junho de 2013

Sem nenhuma ligação com os protestos contra aumento de passagem, ocorre em Belo Horizonte manifestação com cerca de 600 professores por melhorias nas condições de trabalho. O ato foi organizado pelo Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação em Minas Gerais, e interrompeu o trânsito por alguns momentos na região central da capital mineira.

Nesse dia os professores anunciaram paralisação e novas manifestações nos dias em que estavam previstos jogos da Copa das Confederações em Belo Horizonte. A reação do governo foi a proibição dias depois de manifestações no período em que a cidade sediaria os jogos.

quinta-feira, 06 de junho de 2013

Acontece nesse dia a primeira manifestação contra o aumento no centro de São Paulo. A concentração foi marcada para o Teatro Municipal, de onde os cerca de 5 mil manifestantes se dirigiram à Avenida Paulista pela Av. 09 de julho, onde aconteceram os primeiros confrontos com a polícia, que tentava liberar o trânsito. Houve uso de bombas de gás lacrimogêneo e dispersão de manifestantes. Algumas pessoas que chegaram à Av. Paulista, quebraram vidros das entradas do metrô. Esses atos de vandalismo tiveram maior destaque na mídia no dia seguinte que a manifestação pacífica contra o aumento de tarifas. Segundo dados da PMESP* 15 pessoas foram detidas. No Twitter, a manifestação desse dia em São Paulo não havia alcançado os Trends Topics no momento em que foi feita a medição a que essa pesquisa teve acesso.

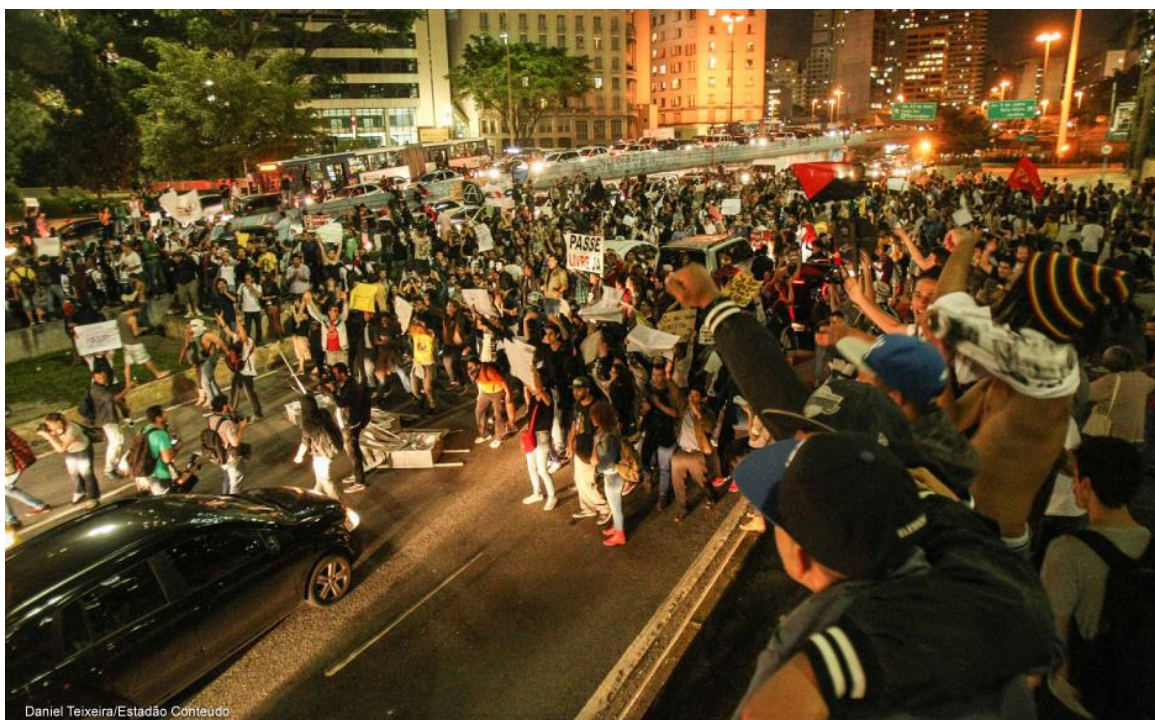


Figura 54. Manifestação em São Paulo no dia 06 de junho de 2013. Daniel Teixeira. Fonte: Estadão Conteúdo

A manifestação no Rio de Janeiro teve início na igreja da Candelária, no centro, e seguiu pela Av. Presidente Vargas, até o terminal Central do Brasil, onde houve confronto com a tropa de choque da polícia. Também no Rio, as manifestações do dia 06 não chegaram aos assuntos mais comentados do Twitter no horário analisado. A cobertura da imprensa teve o mesmo tom adotado em São Paulo, focando nos transtornos ao trânsito e confronto entre polícia e manifestantes.



Figura 55. Manifestantes que protestavam contra o aumento das passagens de ônibus entraram em choque com a PM na Avenida Presidente Vargas - Hudson Pontes/Agência O Globo. Fonte: G1

sexta-feira, 07 de junho de 2013

No dia seguinte, o MPL voltou a convocar uma manifestação, dessa vez com concentração no Largo da Batata, região a oeste do centro, e próxima ao Jockey Club. Devido aos confrontos do dia anterior, a PM enviou um contingente 8 vezes maior, com cerca de 350 policiais, embora a estimativa de participantes tenha sido menor, 2 mil enquanto no dia anterior foram 5 mil. A ação da polícia foi repressiva desde o início, na tentativa de evitar o bloqueio de vias importantes como a Av. Rebouças e a Av. Faria Lima, mas manifestantes conseguem chegar até o destino final na Av. Paulista.

O maior contingente policial fez com que os embates tenham sido mais intensos. A manifestação acabou somente por volta de 1h de sábado. Na cobertura do dia e no dia

seguinte, a mídia endurece na crítica aos protestos, a argumentação principal é a tese de vandalismo e transtornos causados ao trânsito.

segunda-feira, 10 de junho de 2013

No Rio acontece a terceira manifestação contra o aumento das passagens, com cerca de 300 manifestantes. Houve confronto com a polícia, mas a cobertura dos acontecimentos foi tímida. Os manifestantes conseguiram bloquear as Avenidas Presidente Antônio Carlos e Presidente Vargas, no Centro, no horário de pico. Cerca de 50 policiais fizeram a cobertura do protesto, e 34 pessoas foram detidas.

terça-feira, 11 de junho de 2013

Em novo protesto convocado pelo MPL, manifestantes se concentraram na Av. Paulista, próximo à Rua da Consolação, por onde seguiram em direção ao Anhangabaú. Em seguida, os 5000 mil manifestantes, segundo dados da PMESP retornaram à Avenida Paulista, acompanhados de perto pelo contingente de 400 policiais. Houve diversos confrontos ao longo do percurso. As notícias focaram no ferimento a policiais e nas pichações. Os integrantes do protesto alegaram violência policial e uso indiscriminado de spray de pimenta e balas de borracha. Vinte pessoas foram detidas.

Nesse momento embora o número de participantes seja estável é possível perceber que as manifestações em São Paulo já têm mais corpo que as do Rio. O que faz também que a imprensa na capital paulista dê maior destaque ao assunto que os veículos cariocas. Depois dos conflitos do dia 11, inclusive jornais internacionais como o espanhol El País publica artigo sobre os protestos e a preocupação que começa a rondar o governo.

Brasil se levanta en protesta contra el aumento de los precios del transporte

■ Las protestas llegan en un momento de crisis económica, con la inflación alta y la bolsa cayendo

JUAN ARIAS | Río de Janeiro | 12 JUN 2013 - 03:30 CET

87

Figura 56. Título da matéria do periódico espanhol sobre as manifestações no Brasil. Fonte: Terra



Figura 57. Manifestantes marcham em direção ao centro. JF Diário. Fonte: Estadão Conteúdo

quinta-feira, 13 de junho de 2013

O dia 13 de junho em São Paulo, foi talvez o dia mais tenso de todo o período de manifestações no Brasil, e marcou a inflexão da cobertura sobre os protestos. Embora o número de manifestantes não tenha aumentado, o contingente policial foi aumentando a cada protesto, e na mesma proporção a brutalidade da repressão. Para os cerca de 5000 manifestantes, a polícia enviou 900 policiais, sendo 500 da tropa de choque.

No dia 13, a violência contra os manifestantes foi amplamente debatida nas mídias sociais, em especial no Twitter. Embora a cobertura da mídia nos telejornais, e ao vivo, fossem tendenciosas a mostrar somente excessos por parte dos manifestantes, o Twitter foi fundamental na desconstrução dessa versão, com o compartilhamento de fotos e vídeos que comprovavam os excessos cometidos pela polícia. Nesse dia os confrontos foram tão intensos que jornalistas de vários veículos que realizavam a cobertura também foram feridos por balas de borracha. Esses fatos contribuíram para a mudança de posição da mídia sobre os protestos, e a violência policial virou um foco. Ainda na noite do dia 13, no *Jornal da Globo*, telejornal noturno da Rede Globo de Televisão, foi exibido um comentário do cineasta Arnaldo Jabor, onde ele faz duras críticas aos protestos e afirma que os “revoltosos de classe média não valem nem R\$ 0,20 centavos”. Embora essa fala tenha sido mal recebida pela população que estava começando a mudar o olhar sobre as manifestações, trouxe a pauta da PEC 37, que junto com outras demandas foi mote da segunda fase das manifestações.

No Rio de Janeiro também houve excesso por parte da polícia, e um manifestante teve o olho atingido por uma bala de borracha. Segundo dados da Polícia Militar 2 mil pessoas

participaram da manifestação que voltou a bloquear avenidas no centro do Rio. Mais de 200 policiais, incluídos 120 homens da tropa de choque estavam acompanhando o protesto.



Figura 58. Repórter Giuliana Vallone, da TV Folha foi atingida no olho por bala de borracha. Diego Zanchetta. Fonte: Estádio Conteúdo

Além de Rio e São Paulo, o dia 13 foi o Ato Nacional Contra o Aumento das Passagens do Transporte Coletivo, em diversas cidades do país. Mas com repercussão menor, devido ao excesso da violência policial e do abuso de autoridade em São Paulo. No dia 13 mais de 200 pessoas foram detidas, em alguns casos apenas por portar vinagre. A prisão de manifestantes que portavam vinagre fez com que fosse criado o evento “Vinagre: Legalize Já”,

do partido Pirata do Brasil. Vinagre se tornou um dos Trends Topics do dia seguinte e um mote para as manifestações da semana seguinte. Durante todo o dia seguinte, os protestos foram alguns dos assuntos mais comentados no Twitter.

sexta-feira, 14 de junho



Figura 59. Grupo fecha via em frente ao Estádio Nacional de Brasília em protesto contra a Copa. Isabella Formiga. Fonte G1

Na manhã do dia 14, cerca de 400 manifestantes bloquearam o trânsito no Eixo Monumental, via que passa em frente ao Estádio Nacional de Brasília, em manifestação contra os excessivos gastos para a realização da Copa. O ato foi organizado pelo Comitê Popular da Copa e o MTST. Foram incendiados pneus e apesar da presença da tropa de choque não foram registrados confrontos.

sábado, 15 de junho de 2013

Nesse dia foi a abertura da Copa das Confederações em Brasília, e novamente houve manifestação no mesmo local, com cerca de 600 participantes. Nessa mesma região, por conta do jogo, o efetivo policial era de 3.200 policiais. Essa desproporcionalidade gerou uma reação violenta da polícia, que abusou do uso de bombas de efeito moral, gás lacrimogênio e chegou a atropelar um manifestante.



Figura 60. Manifestante e tropa de choque no Eixo Monumental em Brasília. Pedro Ladeira/Folhapress Fonte: UOL

A indignação com o excesso de violência policial nas manifestações do dia 13, fez com que em diversas cidades fossem agendadas para o dia 17 atos em apoio aos protestos do Rio e São Paulo. A repressão em Brasília, aumentou o sentimento de indignação. Em Brasília e em pelo menos mais 30 cidades, as “Marchas do Vinagre”, inauguraram a segunda fase das manifestações, na semana mais tensa das jornadas de junho.

Manifestações da Segunda Fase

Na segunda fase das manifestações, os protestos ganham volume e se espalham por todas as regiões do país. Os contextos locais ficam em segundo plano e uma enorme gama de reivindicações emerge. Problemas de corrupção, educação, saúde, mobilidade, segurança, direitos humanos, entre outros são levados às ruas pelos novos manifestantes. O perfil dos participantes também se altera, e ganham espaço pessoas sem ligação com movimentos sociais e antipartidárias. Diversas pessoas com bandeiras de partidos políticos foram agredidas ou forçadas a deixar suas bandeiras. A posição da cobertura da mídia também se altera, e as manifestações passam a ser chamadas de “protestos pacíficos”. A popularidade da presidente e dos governadores despenca, e a própria mídia vira alvo.

segunda-feira, 17 de junho de 2013

As manifestações ocorrem em mais de 30 cidades, com participação de cerca de 270 mil pessoas em todo o país. No Rio e em São Paulo, ainda eram, em tese, manifestações contra o aumento das passagens, mas o número de participantes cresceu vertiginosamente, para cerca de 65 mil pessoas em São Paulo e mais de 100 mil pessoas no Rio. Sem dúvida o volume de gente nas ruas pegou todo o país de surpresa, mas uma imagem emblemática, de uma manifestação relativamente pequena para os padrões do dia imprimiu o espírito de

junho. A Marcha do Vinagre em Brasília teve cerca de 5 mil participantes, e foi menor que as manifestações em pelo menos outras seis capitais, contudo por não haver um grande contingente policial o grupo presente em frente ao Congresso Nacional conseguiu acessar a cobertura onde se apoiam as cúpulas de concreto do Senado e da Câmara dos Deputados. No dia seguinte a imagem estava na capa dos principais jornais do Brasil e em diversos jornais pelo mundo. O efeito simbólico de uma imagem que parecia a representação do povo tomando o parlamento foi mais impactante que as multidões espalhadas pelas ruas do país.



Figura 61. Manifestantes na cobertura do Congresso Nacional. Fábio Rodrigues Pozzebom/ABr. Fonte: Wikipedia

As emissoras de TV e os jornais fizeram a cobertura de todas as manifestações ao vivo, e nas redes sociais durante todo o dia foi intenso o volume de comentários sobre os protestos. Nesse momento, os comentários e compartilhamentos sobre as manifestações chegam de forma definitiva ao Facebook, mas o volume de informações de todas as partes e a velocidade dos acontecimentos não permitiu que ninguém apresentasse no momento uma leitura clara do que estava acontecendo. As pautas se tornaram difusas e pouco claras. Com exceção do Rio, onde houve tumulto no fim da manifestação, os atos do dia 17 transcorreram em clima de tranquilidade, o que motivou mais pessoas a participarem dos protestos dos dias seguintes.

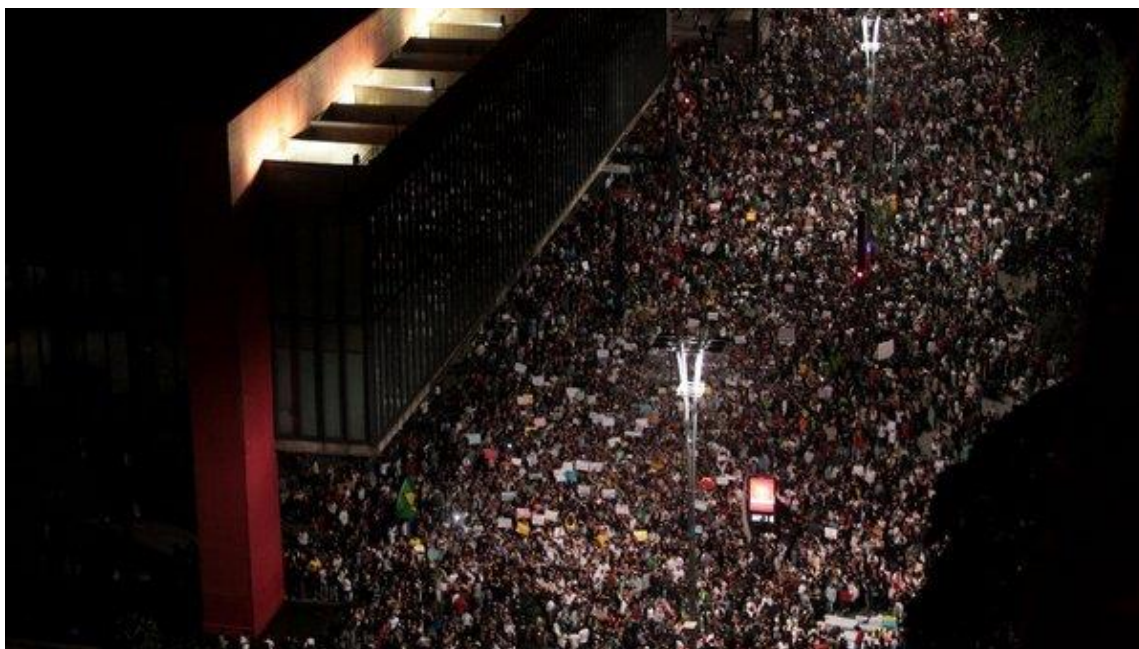


Figura 62. Mais de 60 mil manifestantes ocupam a Avenida Paulista. Fonte: ABr

Para entender o processo de popularização das manifestações nas redes sociais é interessante retomar duas peças publicitárias de períodos distintos, mas que se tornaram hit na segunda fase das manifestações. Foram as campanhas “Vem pra rua” da automobilística italiana Fiat de 2013 e a “Keep Walking, Brazil”, da indústria de bebidas escocesa Jhonnie Walker, de 2011.



®KEEP WALKING, BRAZIL.



Johnnie Walker Brasil

[Inscrever-se](#) 14.394

829.498

+ Adicionar a [Compartilhar](#) ... Mais

[9.646](#) [194](#)

Figura 63. Frame extraído do Youtube.

Na campanha veiculada em outubro de 2011, a multinacional escocesa remonta uma lenda que afirma que nas montanhas do Rio de Janeiro existe um Gigante de Pedra adormecido há milhares de anos. O mote do comercial é esse Gigante acordar e dar o primeiro passo em direção ao horizonte. O filme termina com a frase “Keep walking, Brazil”, que é um trocadinho o slogan da marca, e que foi utilizada como forma de oferecer uma mensagem de apoio ao Brasil, mercado crescente da empresa no ano de 2011.

Apesar da baixa audiência do vídeo na internet, a campanha foi veiculada tanto na TV por assinatura como na TV aberta, e fez enorme sucesso. A ideia do Gigante que desperta foi utilizada na hashtag #OGiganteAcordou, que nos dia 17 já aparecia nos trends topics do Twitter no Rio de Janeiro e nos dias seguintes ficou entre as tags preferidas para postagens sobre as manifestações.


A campanha da Fiat para a Copa das Confederações criou inclusive uma hashtag e uma música que casou perfeitamente com o espírito da segunda fase das manifestações. O tom quase festivo adotado pelos protestos a partir de 17 de junho, justificam a popularização do #VemPraRua, que no dia 17 já aparece também nos trends do Rio de Janeiro.

A letra da canção tinha dizeres como: “Vem vamos pra rua/ Pode vir que a festa é sua Que o Brasil vai tá gigante/ Grande como nunca se viu”. E as imagens mostram uma rua tomada por pessoas. Com a virada na cobertura, que a partir do dia 17 estava focada em apresentar as manifestações como “pacíficas” com pequenos focos de violência praticada por “vândalos”, o sentimento ao ir para as ruas da população parecia ser o de uma grande festa.





Vem Pra Rua

Fiat

 [Inscrever-se](#) 26.327

302.134

+ Adicionar a  Compartilhar  Mais



 1.521  93

Figura 64. Frame extraído do Youtube.

O impacto das manchetes do dia 18 de junho, reforçou o ânimo das manifestações que estavam marcadas. Segundo dados coletados pelo G1, no dia 18, mais de 100 mil pessoas foram às ruas, e no dia 19, quase 140 mil pessoas participaram de manifestações em diversas cidades e com reivindicações difusas. No dia 19, os governos de Rio e São Paulo anunciaram a revogação do reajuste nas tarifas de transporte, mesmo assim, as manifestações convocadas para o dia seguinte foram mantidas.

Quantas pessoas foram às ruas

G1 passou a fazer a estimativa do número de manifestantes a partir de 17/6*



*A série de protestos em junho começou como reação ao aumento das tarifas de ônibus, metrô e trem em São Paulo e Rio no início do mês
 Fonte: PM, Brigada Militar, Polícia Rodoviária Federal, Datafolha, COPPE-UFRJ e NitTrans

Figura 65. Infográfico com estimativa de participantes nas manifestações. Fonte G1

quinta-feira, 20 de junho de 2013

No dia 20 aconteceu o auge das manifestações no que se refere a número de participantes. Mais de um milhão de pessoas participaram de protestos em mais de 200 cidades pelo país. Houve confrontos isolados. O tom dessa manifestação já não era relacionado ao aumento das passagens, mas as bandeiras eram variadas, como saúde, educação, segurança,

combate à corrupção, mobilidade, gastos da copa do mundo e muitas pautas mais conservadoras como a redução da maioria penal, por exemplo.

Terceira Fase das Manifestações

sexta-feira, 21 de junho de 2013

No dia seguinte às maiores manifestações da história recente do Brasil, dois fatos importantes ocorrem: o primeiro foi o anúncio por parte do MPL de que não convocaria novos atos por tempo indeterminado. O entendimento do Movimento Passe Livre é que as manifestações haviam tomado uma postura conservadora. Outro fato foi o pronunciamento da presidente da República, Dilma Rousseff, no qual foram anunciadas diversas propostas e medidas que tentavam responder aos questionamentos das ruas.

As manifestações dos dias seguintes foram aos poucos se enfraquecendo, até cessarem por completo. Nessa terceira fase, um tipo de ação muito discutido foi o uso da tática Black Bloc, em que pessoas mascaradas e vestidas de preto destruíam fachadas de bancos, caixas eletrônicos e outros símbolos do capitalismo. A maior parte da população condenou esse tipo de prática que foi considerada pela mídia como vandalismo.

Embora as pautas tenham ficado difusas e não tenha até o momento acontecido mudanças estruturais por conta das manifestações de junho no Brasil, o fato mais importante provavelmente foi o reencontro das pessoas com as ruas. As redes sociais impulsionaram um movimento que levou à ação política no espaço público. Essa mudança de sentimento sobre o papel da mobilização e a importância do espaço da cidade para uma luta comum pode representar muito para a melhora da democracia no país nos próximos anos.

Fichas

01. Jam do Museu
02. PikNic no Calçadão
03. Sarau da Passagem
04. Marcha das Vadias
05. Marchas do Vinagre
06. Forró de Vitrola
07. Isoporzinho de Brasília
08. Guerra de Tintas
09. Zombie Walk DF
10. No Pants – Flash Mob

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Jam do Museu

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento) A Jam do Museu foi idealizada por " Eric Oliveira" , dançarino, professor e coreógrafo de Brasília - DF . É organizada pelo Grupo Gambiarra, composto por : Eric Oliveira, Nininha Albuquerque, André Albuquerque, Camila Sugai, Antonio Alves, Thiago Peixoto e conta com o Apoio de Lethal Breaks no Som e com a discotecagem das(os) Djs Donna, Janna, Xaxim e El Manu e

EricBeats."Transformar a rua em dança e a dança em rua, fazendo com que os sons da música e dos gestos sejam enriquecidos pelos sons de carros, vozes, e corpos de outros que passam.Trocar as salas de aula nas academias e centros de dança, pelo chão urbano, com suas texturas, ranhuras, imprecisões.Alcançar inspiração em uma arquitetura rítmica e apropriada para a união de pessoas dos mais diversos estilos, gostos e personalidades.Trocar uma noite de festa por um dia inteiro de muitos sorrisos e movimentos variados.Esta é a proposta da Jam no Museu!!!

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Praça do Museu Nacional

TIPO: Evento de dança de rua

DATA INÍCIO: Março de 2011

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 30

PÚBLICO MÉDIO: 1000 pessoas

FINANCIAMENTO: Privado, organizadores

ATRAÇÕES: Música mecânica com DJ.

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/pages/Jam-do-Museu/128126097283903?fref=ts>)

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: PikNic no Calçadão

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento)

PicniK

Arte . Moda . Música . Festa . Sol . Comida . Sorrisos . Encontro
das 14h as 22h

Calçadão da Asa Norte . Próximo à Ponte do Bragueto

Para participar como expositor (vagas limitadas!): expo.picnik@gmail.com

+ DJs (The Migs e Julia Hormann...) + Workshops + Meditação + Caiaques e pedalinhos
+ Slack-Line + Slow-Food + Orgânicos...

Por uma Bras.ilha diferente! Compartilhe essa idéia!

Infos: 61 9275.7649 . miguelrgalvao@gmail.com

Parceiros: Adm de Brasília . Ao Desapego . Cartão BRB . Centro Estudos Budistas CEBB .
Cultura FM 100,9MHz . ITEC . Memoan Hostel Caraíva . Sebrae-DF . Tutti-Frutti . Quitutes

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Pier sobre o lago Paranoá na Asa Norte. Outras edições foram realizadas em locais como CCBB, FUNARTE, Jardim Botânico e Parque da Cidade.

TIPO: Feira de comidas e artesanato com música

DATA INÍCIO: Abril de 2012

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: +10

PÚBLICO MÉDIO: 3000 pessoas (público com idade entre 15 e 50 anos)

FINANCIAMENTO: Parceria entre organização, patrocinadores e expositores. Apoio público.

ATRAÇÕES: Música mecânica com DJ.

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/PicnikNoCalcedao?fref=ts>)

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Sarau da Passagem

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento)

É com muita alegria que divulgamos o 7º Sarau da Passagem! No Domingo dia 16 de Setembro, na passarela da 109-209 Norte esperamos vocês em nosso ponto de encontro, embaixo da goiabeira.

Dessa vez, convidamos a todos para se juntarem a nós na promoção da reciclagem, uma ação de grande importância em nosso momento atual. Realizaremos uma coleta seletiva de lixo eletrônico - aquele que ninguém sabe onde descartar e que tende a ser super tóxico - e o destinaremos a um local correto. Assim, pedimos a todos que tragam pilhas, baterias, celulares, computadores etc, que já não tenham uso e que só acumulam poeira e ocupam gavetas e estantes em casa para que sejam destinados a um lugar apropriado.

É claro que a arte deve estar 100% presente também. Então que venham os poetas, os músicos, os dançarinos, os malabaristas, os atores e os pintores. Façamos um varal de poesia, uma roda de tambores, declamações de versos, pinturas e desenhos. Cheguem cedo para aproveitar o Sol!!! O Sarau começa às 16:00;

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Passagem subterrânea da 109/209 Norte

TIPO: Sarau com música e performances

DATA INÍCIO: Abril de 2012

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 7 até setembro de 2013

PÚBLICO MÉDIO: 300 pessoas (público com idade entre 18 e 35 anos)

FINANCIAMENTO: Privado organizadores

ATRAÇÕES: Música mecânica com DJ.

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/saraudapassagem?fref=ts>)

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Marcha das Vadias

DESCRIÇÃO: A Marcha das Vadias é um movimento internacional de mulheres criado em abril de 2011 na cidade de Toronto, no Canadá, em resposta ao comentário de um policial que disse que, para evitar estupros em uma universidade, as mulheres deveriam parar de se vestir como “sluts” (vadias, em português). Assim, teve início a SlutWalk, em que mais de 3 mil mulheres canadenses foram às ruas para protestar contra o discurso de culpabilização das vítimas de violência sexual e de qualquer outro tipo de violência contra as mulheres. A

partir daí, diversas manifestações semelhantes (SlutWalk, Marcha de las Putas, Marcha das Vadias) ocorreram em mais de 30 cidades, em diversos países – como Costa Rica, Honduras, México, Nicarágua, Suécia, Nova Zelândia, Inglaterra, Israel, Estados Unidos, Argentina e Brasil. Todas essas mulheres marcham por seu direito de ir e vir, seu direito de se relacionar com quem e da forma que desejarem e seu direito de se vestir da maneira que lhes convier sem a ameaça do estupro, sem a responsabilização da vítima e sem sofrer nenhum tipo de humilhação, repressão ou violência. A motivação principal da Marcha das Vadias é a situação, compartilhada por mulheres de todo o mundo, de cerceamento da liberdade e da autonomia, de medo de sofrer violência e da objetificação sexual. A Marcha das Vadias/DF discute esse tema universal com debates aprofundados sobre a situação específica das mulheres no Distrito Federal. Organizada por mulheres reunidas em um Coletivo, a 3ª Marcha das Vadias/DF acontecerá no dia 22 de junho de 2013, às 14h, com concentração em frente ao Conjunto Nacional. Marchemos! Mexeu com uma, mexeu com todas!

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Concentração no Conic ou Conjunto Nacional, fim no eixo monumental.

TIPO: Manifestação com passeata

DATA INÍCIO: Junho de 2011

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 3

PÚBLICO MÉDIO: 3000 pessoas (público com idade entre 18 e 50 anos, na última edição)

FINANCIAMENTO: Privado organização.

ATRAÇÕES: Cartazes e palavras de ordem

LOCAL NA WEB: Facebook <https://www.facebook.com/marchadasvadiasdf?ref=ts&fref=ts>

E Blog <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Marchas do Vinagre

DESCRIÇÃO: Manifestações de cunho político, inseridas em um conjunto histórico de ocupações de rua no Brasil em Junho de 2013. Entre as principais motivações dos manifestantes estavam o repúdio à violência policial em manifestações em São Paulo e Rio, promovidas pelo Movimento Passe Livre, contra o aumento das passagens de ônibus e em

Brasília contra os gastos públicos com a Copa do Mundo da Fifa de Futebol; Combate à corrupção e rejeição à PEC 37.

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Concentração no Museu Nacional e fim no Congresso Nacional

TIPO: Manifestação com passeata

DATA INÍCIO: Junho de 2013

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 2 (consideram-se aqui apenas as duas grandes manifestações de junho no Plano Piloto). No Brasil, ocorreram mais de 300 manifestações entre os dias 17 e 30 de junho, levando milhões de pessoas às ruas.

PÚBLICO MÉDIO: 20000 pessoas (público com idade entre 15 e 70 anos)

FINANCIAMENTO:

ATRAÇÕES: Cartazes e palavras de ordem

LOCAL NA WEB: Twitter e facebook.

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Forró de Vitrola

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento)

O Forró de Vitrola é um baile de forró com discotecagem do músico, produtor, pesquisador e DJ Cacai Nunes, que divulga a música nordestina registrada entre os anos 40 e 90 nos discos de vinil.

Cacai Nunes é pesquisador da música brasileira e parte de sua pesquisa pode ser

conferida no Blog Acervo Origens no endereço www.acervoorigens.com . No Blog, sua pesquisa está à disposição em programas de Rádio semanais que vão ao ar na Rádio Nacional Brasília FM, em LP's de música regional brasileira que estão fora de catálogo e em vídeos exclusivos, registrados em andanças pelo Brasil.

Com base neste Acervo, Cacai realiza o Forró de Vitrola, valorizando o repertório tradicional da música nordestina, em que artistas como Azulão, Zito Borborema, Jacinto Silva, Marinalva, Zé Calixto, Joci Batista, Dominginhos, Jackson do Pandeiro e tantos outros estão presentes.

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Passagem subterrânea da 111/211 Norte

TIPO: Festa de forró com música mecânica

DATA INÍCIO: 2011

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 50 até abril de 2014 (considerando eventos abertos e fechados)

PÚBLICO MÉDIO: 200 pessoas (público com idade entre 18 e 35 anos)

FINANCIAMENTO: Privado organizadores. As festas pagas financiam as abertas.

ATRAÇÕES: Música mecânica com DJ.

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/ForrodeVitrola>)

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Isoporzinho de Brasília

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento)

Grupo de Amigos criam encontro na rua para fugir de altos preços nos bares da Cidade . A Primeira edição foi em Botafogo RJ , e a primeira Edição de Brasília vai acontecer dia 9 de Fevereiro a Partir das 11:00Hs da manhã no Eixão Sul na altura da 105 Sul .

- Vale tudo viu gente para gelar a cerveja na rua ou nas calçadas , o importante é gelar

bastante todas as bebidas e se divertir muito nesse dia.

- Levem seus Isoporzinhos , Piscininhas , Tendas , Porta Malas , Caçambas dos Carros , Baldes , Tambor , Coolers , Bags , etc etc etc etc ...

- Levem também sacos de lixos, vamos fazer a coisa certa e recolher o nosso =-)

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Passagem subterrânea da 111/211 Norte

TIPO: Happening no espaço público

DATA INÍCIO: Fevereiro de 2014

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 2 até abril de 2014

PÚBLICO MÉDIO: 3000 pessoas (público com idade entre 18 e 45 anos)

FINANCIAMENTO: Privado participantes

ATRAÇÕES: Música mecânica com som automotivo

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/events/353138871495841/>)

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Guerra de Tintas

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento)

Guerra de Tintas - Flash Mob DF - 17/03

Porque se sujar faz bem !

Enfim estamos perto da tão gloriosa Guerra de Tintas, evento que já é quase tradição no mês de março aqui no DF. Para quem ainda não conhece, o evento consiste em uma

grande guerra de tintas. Podem ser usadas tintas guache e/ou xadrez, de todas cores com exceção das cores escuras como preto, marrom, etc...

O objetivo do evento nada mais é que diversão e sair da rotina. Então é isso, mais informações abaixo.

Usem roupas brancas.

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Parque da Cidade

TIPO: Happening no espaço público

DATA INÍCIO: Fevereiro de 2009

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 5 até março de 2013 (evento anual)

PÚBLICO MÉDIO: 3000 pessoas (público com idade entre 15 e 25 anos)

FINANCIAMENTO: Privado participantes

ATRAÇÕES:

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/events/493767687353240/>)

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: Zombie Walk DF

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento)

Zombie Walk DF - Flash Mob DF - 02/11

E os zumbis irão invadir Brasília...

Rota: Torre de TV- Pátio - SCS - Eixinho - CONIC - Conjunto Nacional - Rodoviária - Museu da república.

COMO FUNCIONARÁ:

- 1- Fantasiem-se de zumbis. Caprichem no sangue nos machucados. Inspirem-se com videos e imagens da internet ou edições anteriores.
- 2- Apareçam a partir das 16hrs na Torre de TV. Perto das Fontes.
- 3- Aguardem o horário da caminhada.
- 4- Durante a CAMINHADAS, (ZUMBIS CAMINHAM, ELES NÃO CORREM) mantenham a calma e tenham cuidado
- 5- Façam bom uso da hastag #ZombieWalkDF
- 6- (Breve, mais alguma informação adicional.)

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Torre de TV e depois caminhada até o Museu Nacional

TIPO: Flash Mob

DATA INÍCIO: Novembro de 2009

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 5 até novembro de 2013 (evento anual)

PÚBLICO MÉDIO: 3000 pessoas (público com idade entre 15 e 25 anos)

FINANCIAMENTO: Privado participantes

ATRAÇÕES:

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/events/715634411797855/>)

FICHA DE FENÔMENOS URBANOS



NOME: No Pants – Flash Mob

DESCRIÇÃO: (Feita pelos organizadores, disponível na página do evento)

No Pants DAY DF 19/10 (Sábado)

Bom, para quem não conhece o No Pants é um típico Flash Mob que ocorre aqui no DF, no Brasil e em

varios outros lugares do mundo. O intuito é fazer uma caminhada diferente, uma caminhada

livre

da tensão do jeans, ou shorts que usamos comumente no dia-a-dia.

LIBERTE-SE DAS CALÇAS

Local: Não há local específico, é Brasília toda. Vale qualquer lugar, shoppings, ônibus, Metro, etc...

Por fim, no fim do dia nos reuniremos na estação SHOPPING para tirar mais fotos e caminhar pelo PARK SHOPPING. Conforme horários abaixo.

Então não tem desculpa para quem não puder ir, pode reunir uma galerinha e fazer algo perto pra vcs.

Basta usar a hashtag #NoPantsDF

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Torre de TV e depois caminhada até o Museu Nacional

TIPO: Flash Mob

DATA INÍCIO: Julho de 2012

QUANTIDADE DE EDIÇÕES: 3 até outubro de 2013

PÚBLICO MÉDIO: 400 pessoas (público com idade entre 15 e 25 anos)

FINANCIAMENTO: Privado participantes

ATRAÇÕES:

LOCAL NA WEB: Facebook (<https://www.facebook.com/events/1382264315343321/>)

